

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia**

João Luís Miola

Escritas do Desamparo Urbano



Porto Alegre

2020

João Luís Miola

Escritas do Desamparo Urbano

Trabalho apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Orientação: Carolina dos Reis & Luciano Bedin da Costa

Porto Alegre

2020

Poemar

ora
aqui foi plantada uma semente
aqui nasceu um pomar
não desses que dão frutas sazonais
este pomar se alinha sob outras estações
próximas das de trem
ou talvez até às de ônibus
que às vezes não para pela super lotação
ou pela rabugice do motorista descafeinado

dos galhos
caem alguns poemas
um tanto difícil de classificar
mesmo com manual de PANCs
ou essa novidade chamada google lens

convido-te à minha horta
ao meu pomar
ao poemar
aqui não há caminhares
mas calcanhares

Agradecimentos

É também pelas estranhezas que as pessoas se unem¹.

Carol dos Reis – pela orientação atenta, cuidadosa e tão incentivadora desde o convite para orientar essa escrita no meio do caminho e em tempos pandêmicos. As sugestões precisas e o entusiasmo sempre motivando a construir estas linhas tão difíceis de escrever. Te agradeço a participação e o engajamento em fazer destas páginas um TCC.

Luciano Bedin da Costa – pela coorientação também atenta e carinhosa, com sugestões para o trabalho e convites a ambientes (como o inusitado vale do Mconf) que ajudaram a compor a escrita e os caminhos no por vir.

Manoel Luce Madeira – pela inspiração na temática do trabalho e início de orientação, assim como pela amizade de alguns anos que compôs muitos dos caminhos traçados ao longo desta formação e para além.

Edson Luiz André de Sousa – pelo carinho e inspiração ao longo da formação, me fazendo acreditar que a arte não

cessará de insistir em se fazer presente no cotidiano da vida e da psicologia. Agradeço também por fazer parte deste momento de formação como comentador do trabalho.

Débora Farinatti – pela escuta atenta, pelo acolhimento, pela ajuda em todos estes anos a seguir construindo meus caminhos no desejo de vida que puderam fazer nascer estas escritas e esta trajetória até aqui.

Martha Brizio, Luiz Staudt, Mariana Betts, Márcia Pedruzzi – agradecer a vocês é agradecer à trajetória dentro da Clínica da UFRGS desde 2015, como bolsista de extensão do Núcleo das Psicoses, do Núcleo da Infância, Estágio clínico e, hoje, extensionista. Lá atrás, Martha e Luiz selecionaram o jovem de 19 anos para fazer parte da Oficina de Música. Lhes agradeço todo o carinho, acolhimento e ensinamentos reunidos desde então; tenho uma enorme gratidão por ter trabalhado junto de vocês. Márcia e Mariana, lhes agradeço pelas supervisões, carinho e acolhimento desde meu reingresso à Clínica, como estagiário, em 2019; o que aprendo com vocês ultrapassa a escuta de pacientes.

Ana Gageiro, Sandra Torossian – Pelo imenso acolhimento e ensino na Casa dos Cata-ventos e em um período da vida em

¹ Polesso, 2015, p. 76

que muitos tropeços psíquicos foram acolhidos como os ventos confusos de inverno.

Simone Moschen – Pelas muitas palavras de uma sensibilidade ímpar que ajudaram a tecer as narrativas do autor que vem nascendo desde as supervisões do Estágio Básico. Agradeço por me ajudar a ver as imagens que as palavras podem construir no invisível.

Marilene Rosa Miola e Cezar Miola – Mãe. Pai. Agradeço pela vida, apoio, afeto, alicerces. Seja em incentivo, inspiração, conversas, sugestões, conselhos ou reflexões. Não há pessoas mais importantes no mundo a participarem de tudo isso e não existem palavras para expressar a minha gratidão e amor a vocês.

Ana Miola – Por tudo. Viagens, parcerias, brigas, segredos, apoios, risadas, abraços, momentos, bares, carnavais, natais. Nada me faz tão feliz quanto ser teu irmão e contar sempre com o teu afeto.

Laura Alagia – pelos livros emprestados e conversas sinceras sobre o mundo. É uma alegria ser teu primo.

Tio Itacir – dindo. Há um ano a gente se despedia uma última vez. A tua voz forte de barítono ressoa em cada nota que eu tento ecoar em meu tenor. Lamento que não possas ver este momento, mas sei que escutas.

Vó Conceição – por estar sempre aqui. A vida impediu que pudéssemos ter mais tempo juntos, mas a tua energia sempre volta quando os tempos são difíceis. Te agradeço os risos sinceros e amores que depois de quase 20 anos seguem fortes. Teus maiores ensinamentos foram que as palavras são a gente que inventa e que também se chora de felicidade.

Gabriel Bodanese – pela tão longa amizade, paciência, risada, acolhimento, viagem, brindes, comunismo e infância. Foi incrível ter crescido contigo e poder seguir vivendo os outros crescimentos ainda depois de tanto tempo.

Amanda Porto, Daiana Diniz – pelos anos novos, carinhos, risadas, rolês e amizade. A vida fica mais leve com vocês.

Vitória Córdova – pela amizade de tantos anos, tão logo a viver uma terceira formatura ao teu lado. Te agradeço o carinho tão sincero, nos almoços ou baladas. É muito bom poder sorrir contigo.

Henrique Bandeira – Pela amizade de tanto tempo, mesmo com os longos intervalos entre cada acorde partilhado.

Gabriela Zuñeda, Laura Marzullo, Jéssica Aguirre – Pelos verões nos dias frios e pela brisa lenta nos dias de canícula porto alegreense. Fugas pro mato ou pra praia. Jogos do grêmio. Brindes olho a olho. Quintas de Comitê. Sambas de rua. Boteco do paulista. Devaneios. Digressões urbanas.

Partilhas de guarda-chuva. Protestos. Trocas. Brindes. Taças. Copos. Gramado. Reflexões. Aulas. Intercâmbios. Trilhas nos trilhos. Vãos. Amores. Desamores. Poesias. Pontos em aberto. Cuidados e afetos. *A vida é um amontoado de absurdos*¹.

Fernando Araujo – Por ter apostado naquele rapaz escondido em timidez por detrás de uma brochura aos frangalhos de “cem anos de solidão”. Carinho, música, literatura, francês, vida e uns bons copos. Te agradeço a vida. Santé!

Luis Felipe Parise – por ter sido o primeiro a ler e aconselhar sobre um dos fragmentos desta escrita. Também pelas muitas conversas desde os tempos de pesquisa, que inspiraram a temática do trabalho.

Ricardo Barpp – por me apresentar a diferença entre fazer alguns barulhos e fazer música; pelos intervalos de compassos e trabalhos; por me ensinar a respirar.

Eduardo Kives – Pela parceria intermares, peregrinações nas errâncias das ruas de calcário, conselhos, conversas e amizade.

Victor Muguerza – entre outras muitas coisas, pelo livro que mudou os rumos desta escrita quando ela era apenas uma previsão de grafite imaginário.

Samantha Luconi – pelo livro lembrado sobre as estéticas da cidade e os espaços de conversa sobre os ainda-nãos de um estágio que, devido à pandemia, vive um hiato.

Simone Paulon – pela introdução à temática do estudo das cidades e do urbanismo, me permitindo nomear um desejo que compôs com os escritos deste trabalho.

Tânia Galli Fonseca – pela festa que fazias com as palavras, pela delicadeza na transmissão de um saber tão duro e rebuscado da filosofia da diferença. Ainda vejo os intervalos de presença dos vagalumes em meio aos ares sombrios de uma ala escondida do Hospital São Pedro onde tive a honra de ser teu aluno e de publicar o único artigo que produzi com a tua coautoria. Te dedico esta *escrileitura*.

Instituto de Psicologia, Clínica, UFRGS, Biblioteca – algumas pessoas definem suas histórias pelos livros que leram, pelas amizades de cada tempo, pelos empregos... vocês foram minhas casas nos últimos 6 anos e os predicados do meu ser. Cada professor.a teve sua marca nessa caminhada já longa nesta formação, agradeço muito a tod.as.es pelos ensinamentos e aprendizados; assim como pelas supervisões dos estágios e tudo o que emerge com este fazer. Grato pelas lutas,

¹ Dias, 2017, p. 56

aprendizados, crescimentos, transformações, contatos, amizades, momentos, oportunidades... vida.

Katia e Claudete Cypriano – Pelo imenso carinho ao longo de tantos anos dentro e fora da Piano & Cia. Minhas eternas professoras de música, essa linguagem que não cabe nas palavras e pela qual sou tão grato pelo ensino há tantos anos.

Os bordados destas escritas agulharam-se em meio à pandemia de Covid-19. Tempo, saúde, verdade e futuro perderam os enquadres usuais e, no momento em que escrevo, segue tudo em suspenso. Pressão, medo, aflição, angústia, insônia, desesperança, resignação, rinite, fadiga, cansaço, estresse... tudo isso emergiu ao longo das letras digitadas. Alguns aliados quase vivos de tão importantes compuseram as rotinas de isolamento social e de trabalho. Um breve testemunho e relato deste presente pandêmico não deve ficar de fora de um caro momento ao mundo.

Enfim, agradeço a existência quase cômica de algumas panaceias do cotidiano:

Cervejaria Chosen (por proporcionar momentos de respiro em dias quentes), café, chá, meu levain (e os muitos pães que nasceram na cozinha), livros e sites de receitas, meu violão (que, junto de meus 24 anos, completou seus 11 anos de

garatujas musicais), livros-romances-poesias, Netflix (por devolver algumas das séries que aliviam o peso do coração), Spotify (por sonorizar os dias e me apresentar novos artistas), plataformas de chamadas de vídeo...

Teria muitas pessoas a agradecer, que compuseram junto a história desses anos em meio a decisões, caminhos, amores, alegrias, esperanças, rotas... agradeço a todos pelas vidas e momentos que compartilhamos. Se nossos caminhos se cruzaram, chocaram, uniram ou separaram, saibas que sou grato a ti; se hoje lêes estas palavras, saibas que fostes muito importante na minha vida.

Eis o melhor e o pior de mim¹

¹ Canção de Marisa Monte, 2006

CARTOGRAMA

Pegadas	9
Sala de espera.....	10
Parte 1: <i>Amanhecer, rotina beija-flor</i>	22
Parte 2: <i>Cidade sem verniz</i>	40
Parte 3: <i>Cidadidade</i>	56
Parte 4: <i>Cidades ocultas</i>	88
Lista de contatos / Referências Bibliográficas.....	107

[Digite aqui]

PEGADAS:

Pergunte ao pó por onde andei¹.

As marcas na areia que precedem a esta escrita perpassam diferentes ambientes e orientações teóricas. Como a um coletar de conchas no contra-ataque das marés. Ao longo de seis anos de curso de Psicologia, tive – e sigo a ter – um forte vínculo com a Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS. Lugar onde trabalhei em oficinas com pacientes de estrutura psicótica; em oficinas com crianças; e no atendimento individual de pacientes; assim como participei de grupos de supervisão e de núcleos de ensino e extensão.

Durante um ano e meio, participei de um projeto de pesquisa em Psicologia Social. Tal projeto envolvia a relação entre os processos de subjetivação e os modos de vida em meio às formações urbanas na contemporaneidade. Em outras palavras, a relação de construção mútua entre o sujeito e a cidade.

Fiz meu primeiro estágio no projeto Casa dos Cata-ventos, onde, em equipe, trabalhávamos diretamente com a vulnerabilidade social a partir do livre brincar em turnos de

brincadeiras com crianças. Hoje, sou estagiário da EESCA – LENO, onde o acolhimento e atendimento de crianças em situações de maior vulnerabilidade também são feitos, mas em um serviço de rede.

Creio que sejam destas experiências que tenha surgido a convocação a estudar os desamparos e a cidade. A arte e a poesia sempre estiveram presentes junto dos fazeres e da vida cotidiana. Nesta soma de histórias é que surgiu a convocação a escrever um trabalho refletindo os limites de uma teoria ou profissão em isolamento, vindo a refletir sobre a multiplicidade que nos circunda. Seja pela associação livre, rede ou laço social, a arte e a poesia são as amarras políticas flutuantes que guiam o desejo pelo fazer psi.

Maré, marulho, maresia. Passei por onde a água e a areia já testemunharam uma presença.

Deixo a ti, agora, os desenhos e escritas que constituí nos entre ondas que ficaram na memória.

¹ Canção de Engenheiros do Hawaii, 1991

SALA DE ESPERA



¹ Campos, *apud* Corazza, 2010, p.100

Para traduzir uma língua na outra, precisei de muitas noites em claro na varanda¹

Onde começa uma história?

Por onde se inicia uma trajetória, percurso ou viagem e como escolher as palavras que conduzirão a narrativa de maneira a transmitir imagens, conceitos e sensações?

No final das contas, quem sempre assina um texto é aquele que o lê².

A linguagem do ausente³ é a via mesma que só existe para lembrar o que não mais está.

A linguagem enquanto um réquiem de afetos.

¹ Dias, 2017, p. 30

² Costa, 2010b

Escrever se resume ao ato de deixar-se tocar e mergulhar em uma escrita, de modo a não só sentir-se parte imprescindível dela como de realmente fazer parte do que ela pode produzir, ser e transformar-se⁴.

É esta *escreitura* que fará com que memórias, vivências e experiências sigam vivas com o passar do branco alvo das páginas amareláveis⁵.

a leitura acaba sempre implicando uma leitura singular. seja produzindo imagens e emoções das palavras-invocantes. Ou mesmo lacerando profundos ferimentos nos olhos e nos órgãos – exigindo pausas e distanciamentos das páginas abertas.

³ Freud, 2010 [1930], p. 51

⁴ Fonseca, 2010

⁵ Costa, 2010b

As mil e uma assinaturas que compõe a construção subjetiva de uma pessoa irrompem sublinhando, escrevendo, amassando as pontas das páginas ou apenas incorporando em sentimentos o que o encontro com o texto vem a produzir.

Corpo do texto. Incorporação do texto.

Quem lê, escreve e recebe uma coautoria anônima e autônoma.

Como então instituir onde é o início de uma composição se tantas outras linhas foram necessárias antes da existência da “primeira” maiúscula no topo de uma página?

E o que é necessário para escrever?

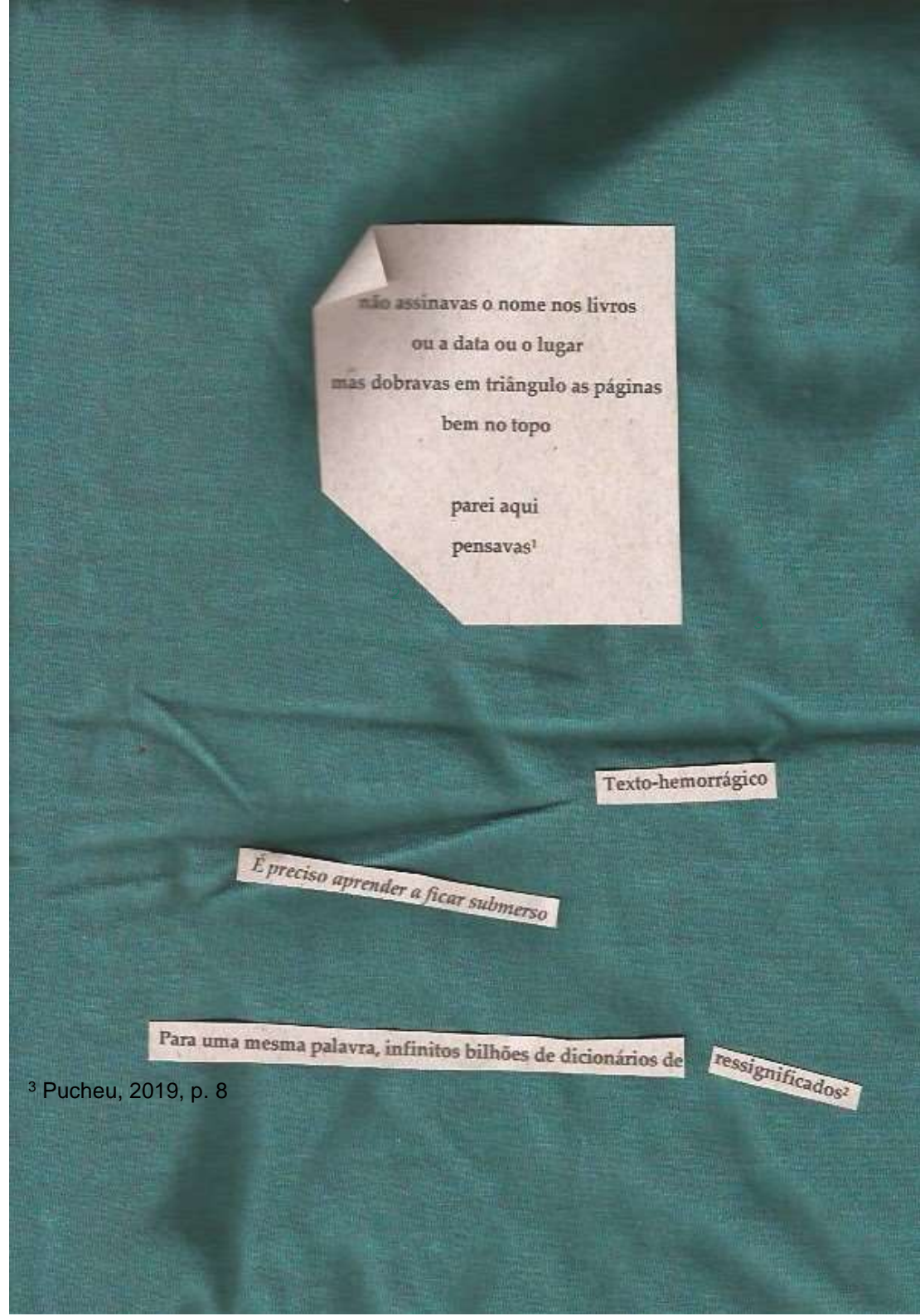
Vidas.

Muitas.

Tantas quanto as infinitas já nascidas e as ainda esperadas são os pré-requisitos para que algo seja fragilmente colocado em palavras. Em *palavras certas: esfareladas, poeirentas, e por mais sobrecodificados que sejam os sentidos a elas concebidos, basta um sopro para que um outro sentido <novamente> as coloque fora de rota*¹.

¹ Costa, 2010a, p. 9

² Jacob, 2020



³ Pucheu, 2019, p. 8

Palavras teimosas¹.

Palavras desastradas.

Escrevo para perguntar.

Escrevo porque preciso.

Escrevo para questionar.

Escrevo para falhar afirmações.

Escrevo para compartilhar.

Escrever para ver, rever e reaver.

ESCREVER PARA ESCREVER

¹ Dias, 2017, p. 37

.....
as histórias todas começam sempre pelo meio.
meio do caminho. Quase como uma invasão ao fluxo
insistente.

Como uma pedra. Como um tropeço.

Uma surpresa. Mais do que uma escolha, um desejo de estilo.

Um desejo de perturbar. De esticar o tempo.

Um tropeço que faça desacelerar e atentar ao objeto
tropicante.

Contemplar com a ira o objeto invisível que feriu a ponta do
dedinho.

Escrita de pequenos saltos. Aqueles que lutam contra a queda
iminente.

Escrita-terremoto.

Narrativas por demais esburacadas, incompletas e cheias de
lacunas.

Entre lapsos de memória e preguiça de vocabulário.

Em meio a palavras-bisturi. Abrindo. Sangrando. Operando.

Versões. Ficções. Enganos e confusões.

As histórias se fundem às estórias e às imprecisas descrições
de sentimentos.

Sentimentos fugitivos da definição.

por aflição e aversão à prisão de um limitado repertório A a Z.
Não vou mentir: faltaram letras para esta toada.
Na falta de algo,
Inventar.
Cantarolar improvisos.

Escolhi a narrativa biografemática.
Sem propostas de verdades ou de precisões.
Mas uma proposta de precisar narrar. De precisar escrever.
Em parte, para um Trabalho de Término de Curso.
Em parte, para um trabalho do compartilhar de um fazer comum.
Em partes.

Nas páginas que seguem,
Minhas impressões e emoções evocadas enquanto estudante,
psicólogo em formação, sujeito e cidadão que tece suas
versões de mundo no contato com as muitas cenas provocadas
no trabalho com pessoas e nos trânsitos urbanos de uma vida
em colisões nas conturbadas curvaturas da cidade.

Em uma estética do quase empilhamento de ideias
E de frases em prosa poética.
Quase a imitar os relevos de concreto
E os aglomerados de entulhos descartados,
A margem à esquerda amontoou-se de palavras.
Os espaços esvaziados,

¹ Costa, 2010a, p. 111

² Idem, 2010a, p.113

Estes,
Linhas invisíveis a escreverem-se na leitura.
Por ti. Por você.
não se constanja em arriscalar as páginas.
Use-as.

*o biografema invade a história*¹, permite apresentar o mundo
em sua estética absurda que convoca a quem lê para que
também dê a sua versão
e, assim, conjuntamente se tornar escritor das emoções.

Sejamos, juntos, inventores de raridades².
Constrangedores de palavras.

Relicário. Antiquário.
Quinquilharias. Tutemeias.
Sem palavras acostumadas³.

A escrita. O narrar. O compartilhar de uma história,
acabam sendo uma escolha de posição e uma ficção do modo
como as cenas impactam
e compõem as tatuagens do sentir em quem reconta as
trajetórias⁴.

.....

³ Barros, 1996

⁴ Sousa, 2000

Não, não havia a compreensão
De que todas as canções são maneiras
De não apenas parar o tempo,
Mas de sair dele,
Para uma segunda dobra do espaço
Onde respira o vazio perfeito
Criador de todas as harmonias impossíveis¹

¹ Ariel, 2019, p. 54

Notícias de outras ilhas².

a partir do compartilhamento de histórias e experiências em uma escrita poética, trarei cenas e cenários do cotidiano de uma cidade. refletindo os modos vida e os caminhos seguidos frente ao desamparo primordial – um momento crucial da constituição psíquica que assola a todos.

Tais caminhos adotados – geralmente pavimentados com ideais universais do humano e do viver – cingem um modo de vida massificado em uma cultura e, mais precisamente, em uma cidade. A dizer, no modo como ela se forma, investindo em trajetos curtos e rápidos, fundamentada e sustentada no discurso científico, político e sanitário na tentativa de impor um controle sobre os corpos.

Logo, ideias utópicas do trabalho, pressa, renda, família, cansaço, felicidade são alguns dos dispositivos que subjetivam guiando um suposto “bom caminho” para o “cidadão de bem”: alguém socialmente aceito e nos conformes estabelecidos do que seria uma civilização ou, ainda, do que seria um brasileiro. Com esta penosa lista de pré-requisitos haveria a conquista de

² Nome de sessão da Revista Cult (2020)

um espaço enquanto sujeito independente. Porém, a que custo e a quem esta lista é, de fato, possível e permitida¹?

O conceito de desamparo, nascido na psicanálise freudiana, envolve um tempo subjetivo em que há a perda do primeiro objeto de amor – centralizado na pessoa responsável pelos cuidados básicos de um bebê. Porém, para além do trauma e da dor desta perda, trata-se de um momento inaugural do psiquismo, possibilitando o ingresso do sujeito no mundo compartilhado. Assim podendo vir a ser um sujeito dotado de desejo que busca em objetos outros e parciais a ressignificação deste abismo produzido pelo desamparo².

Dentre os diferentes objetos parciais possíveis, há as relações de amor, vocações profissionais, habilidades diversas e qualquer outra atividade que envolva investimento psíquico. Em outras palavras, dizem respeito a referências simbólicas que servirão de amparo à estrutura psíquica. Estas referências – quando postas em xeque – deixam o sujeito na iminência da angústia, de uma reedição da sensação de desamparo tal qual aquela da primeira separação.

Freud, ao longo de sua obra, situa o lugar em que diferentes figuras e objetos fortes podem ocupar; justamente por cumprirem uma função de amparo assemelhada à da figura primordial. Dessa forma, ideais, líderes e/ou instituições de características mais totalizantes iludem o sujeito ao lhe dar a garantia de um caminho com o qual não haja a preocupação

¹ Han, 2017

² Freud, 2014 [1926]

em ver-se mais uma vez em meio à angústia de separação: sentir-se desamparado. Porém, esta solução – se adotada como a única via de investimento libidinal – é falha, já que a sua escolha envolve a exclusão de toda uma multiplicidade de caminhos possíveis ao desejo. É desta limitação de possibilidades que surgirão os caros sintomas sociais e mal-estares atuais do cansaço, exclusão e repetição. amparos de alto custo subjetivo e social³.

Por isso, o mal-estar decorrido do cont.r.ato social com outros sujeitos e suas respectivas soluções a esta encruzilhada psíquica é visto por Freud⁴ como o mais difícil a se lidar. Acessar ao outro envolve não apenas confrontar-se com o modo de pensar e/ou desejo do outro, mas também com o próprio movimento de voltar-se a si mesmo e confrontar-se com seus próprios ideais e referenciais, sob o risco de perdê-los (novamente). Seriam eles fortes o suficiente para sustentar uma existência? Ou há um recorte entre as colisões de existências?

Ainda que, de partida, não haja uma competição, o contato com o outro figura-se em um confronto: a diferença também habita às ruas de mão única. Há possibilidade de uma experiência compartilhada ou ela é afetada?

Minha pesquisa envolve refletir sobre a possibilidade de tais “perigos” nos territórios psíquicos gerarem fronteiras urbanas, afetando o modo como nos relacionamos entre si e entre

³ Freud, 2014 [1927]

⁴ 2010 [1930]

outros, favorecendo a produção de exclusões sociais. A partir desta concepção que nos atravessa a todos – cultural e psiquicamente –, reflito junto das cenas do cotidiano o modo como as cidades são construídas e como vivemos em meio ao *caos urbano*¹. Se os modos de existência e projetos urbanos visam a produção de espaços de encontro e o contato entre os diferentes estratos sociais; ou se favorecem o retalhamento dos espaços, de forma a dificultar a polissemia e produzir fronteiras invisíveis entre os habitantes². No lugar da convivência, nos deparamos com *colisões urbanas*³, em meio à vida acelerada e individualizada em que o encontro não faz parte das trajetórias de uma rotina.

Dentre as questões levantadas em meio às narrativas, há a pergunta de se as delimitações territoriais para “pertencentes” e “estrangeiros” cumpriria a função de mecanismo de defesa para afastar tudo e todos que confrontariam os fortes ideais de vida plena que guiam uma cultura dominante (como trabalho, beleza, cor da pele, saúde, sucesso, geografia, etc.)⁴.

A extensa produção de espaços particulares ao invés de coletivos; ruas e avenidas facilitadoras de espaços de passagem e não mais de encontro; policiamento entre sujeitos e não mais apenas pela polícia gerariam esse comum sentimento de alarme provocado pela crença em um “inimigo” que ameaça⁵. Logo, estes muitos dispositivos emergem

enquanto meios de proteção de um perigo que, na verdade, estaria colocado no lugar de uma lacuna primordial deixada pelo desamparo psíquico⁶.

no mesmo sentido, algumas profissões do controle também surgem enquanto mecanismos da individualização da subjetividade e dos espaços comuns⁷.

é a partir deste ponto que a narrativa se propõe a começar: acompanhando a rotina de um psicólogo clínico – desde o seu amanhecer esmigalhado –, em atendimentos individuais, perdido em uma rotina massificada e cansativa, surgem questionamentos quanto ao seu próprio fazer e percepções de que, na verdade, os traços singulares dos pacientes possuem fios de uma tessitura comum que atravessam a ele também.

o consultório perde os enquadres e balizas e o personagem ganha as ruas. vagando em devaneios entre avenidas e transversais, becos e alamedas, reflete em 1ª pessoa sobre os dispositivos de subjetivação e urbanização a partir das teorizações sobre o desamparo psíquico e seus efeitos no campo social coletivo. espaço compartilhado, mas talvez não tão comum.

¹ Flach, 2016

² Mizoguchi, 2009

³ Aguiar, 2003

⁴ Mbembe, 2018 [2003]

⁵ Costa & Fonseca, 2013

⁶ Freud, 2010 [1930]

⁷ Flach, 2016

Escreverás meu nome com todas as letras,

Com todas as datas,

- e não serei eu.

Repetirás o que me ouviste,

O que leste de mim, e mostrarás o meu retrato,

- e nada disso serei eu. Dirás coisas imaginárias,

Invenções sutis, engenhosas,

- e continuarei ausente.

Somos uma difícil unidade,

De muitos instantes mínimos,

- isso seria eu!

Desde que amanheceu

Com quantos hoje se alimentou este dia??

Ao longo de quatro partes,
A narrativa se inicia na rotina de trabalho em uma clínica;
Indo às ruas acompanhar as profusões subjetivas e cenas do cotidiano na cidade;
Para então refletir mais profundamente sobre as vidas coletadas ao refugiar-se em um lugar onde pode parar o agito caótico do urbano para pensar e respirar;
E finalizar em meio ao humano-urbano rechaçado do comum,
Transitando em meio às cidades e vidas que habitam a favela.
O final – também arbitrário – convoca à reflexão dos temas abordados ao longo do trabalho.

Todas as partes envolvem reflexões e problematizações teórico-sentimentais
De um sujeito que se deixa tocar e misturar pela alteridade em contato com si mesmo.
Uma escrita de percurso implicado.
Um observador que coloca o corpo à prova aos riscos e movimentos da cidade,
No trânsito e confronto de pessoas, ideais e congestionamentos subjetivos.

em meio a esta peregrinação
A transmissão se dará por *estilhaços de linguagem*³,
fragmentos,
recortes de momentos que dizem de um tempo,
mas que extrapolam uma continuidade estritamente cromométrica.

¹ Meireles, 1976, p. 1973

² Neruda, 2015 [1973], p. 91

³ Corazza, 2010, p. 98

Biografemas não completam, mas ocupam uma vida¹.

Dizer palavras que não se limitam a simplesmente espelhar a realidade dominante ou se referir a ela²

Um dicionário começaria a partir do momento em que não desse mais o sentido, mas as tarefas das palavras³.

¹ Costa, 2010a, p. 127

² hooks, 2013, p. 233

É um tempo de sentir, muitas vezes cíclico e rotineiro, como modo de dar borda ao que urge não se inscrever. Sem uma cronologia estabelecida, as linhas tecerão suas relações como em *rápidos alô*s, notícias, percepções, impressões e questões emergidas pela vida urbana⁴.

entre os relevos e planícies
questionamentos, perguntas e reflexões
sobre o desamparo psíquico, social e discursivo.
sobre o cerceamento e definição de cidadãos civilizados
e daqueles deixados à margem,
vistos como selvagens e deixados de lado por não contribuírem
nem com um cartão postal,
nem com os outdoors de utopias construídas para o humano.

Ao longo de toda a trajetória
Surgem diversas ponderações sobre a construção de
possibilidades
e de contatos entre os diferentes continentes subjetivos
através daquilo que é possível unir e produzir
em um laço de convivência no comum de uma cidade.
Diferente do unísono seria a composição.

penso pela via das invenções e tentativas de narrativas emocionais na estrutura de ficção e poesia. reflito sobre este real *que não cessa de não se inscrever*, o que permite

³ Bataille, 2018, p. 147

⁴ Corazza, 2010, p. 97

justamente o infinito devir e mudanças nos rumos do desejo¹. não me proponho a definir, ensinar, nem monologar sobre os fluxos urbanos e psíquicos. Mas sim compartilhar experiências de sentimentos vividos nos tecidos que produzem as malhas urbanísticas dos modos e modelos de viver em conjuntura que produzem colisões entre as fronteiras invisíveis².

Tanto a estética quanto o método escolhido, refletem a opção por apostar na criação de visibilidade e não no descobrimento das vivências, relações, encontros e desencontros³.

O método – a própria linguagem – é uma aposta no discurso sem imposições, mas coberto de implicações. As histórias que transbordam a conformidade e segurança tecidas pelo encontro com o desamparo evocarão discursos excluídos. Violentados simbolicamente. Desamparados social e discursivamente⁴.

uma aposta não enquanto blefe ou jogo de azar, mas enquanto canto que convoca a comunhão e reinserção das falas abafadas e “traduzidas” por um saber que tudo.

Apresentarei os caminhares das muitas vidas que, em movimentos pendulares ou estáticos, habitam uma cidade e atravessam nossas estruturas psíquicas jamais encerradas por qualquer palavra ou pontuação final⁵.

¹ Betts, 2014

² Aguiar, 2003; Negri, 2010

³ Corazza, 2010

⁴ Rosa, 2002

Essa itinerância não ignora minhas próprias pegadas, olhares e tampouco as assinaturas, nomes e discursos que também carregou junto; afinal, se leio, também escrevo⁶.

Quem comanda a narração não é a voz: é o ouvido⁷.

Escutar as vidas colocadas para fora implica no inesperado, no dissenso, na proliferação da polifonia e multiplicidade; e, por isso mesmo, na comunhão.

A reunião. O encontro. A dança. A arte. A poesia.

Por isso a escrita imprecisa, poética, artística: para dizer muitos e não um só.

Sentidos abertos para que tenhamos muitas vidas, interpretações e leituras. Sem vias e avenidas de mão única, mas rotatórias espirais de idas muitas.

É preciso transver o mundo. É preciso desformar o mundo⁸.

Não há propostas de tudo entender e tudo interpretar. Entende-se pouco ou quase nada na expectativa de que outros façam parte do mesmo bordado com seus também pequenos entendimentos, sentidos e dissensos do cotidiano.

⁵ Betts, 2014

⁶ Costa, 2010b; Fonseca, 2010

⁷ Calvino, 2003 [1972], p. 130

⁸ Barros, 1997, p.75

Lanço agulhadas incompletas para que outros bordados façam parte desta arte e façam um mosaico ao invés de outro bloco de concreto.

A busca é pela *invenção de um sotaque em um dialeto qualquer*¹.

Nosso encontro se dará no ponto final. Em um momento fugaz de lucidez onde nos olharemos olho a olho no sinal de encerramento².

Mas como o final é tão arbitrário quanto o início, recheei o texto todo de pontos de encontro e não de desencontro.

¹ Mizoguchi, 2009, p. 43

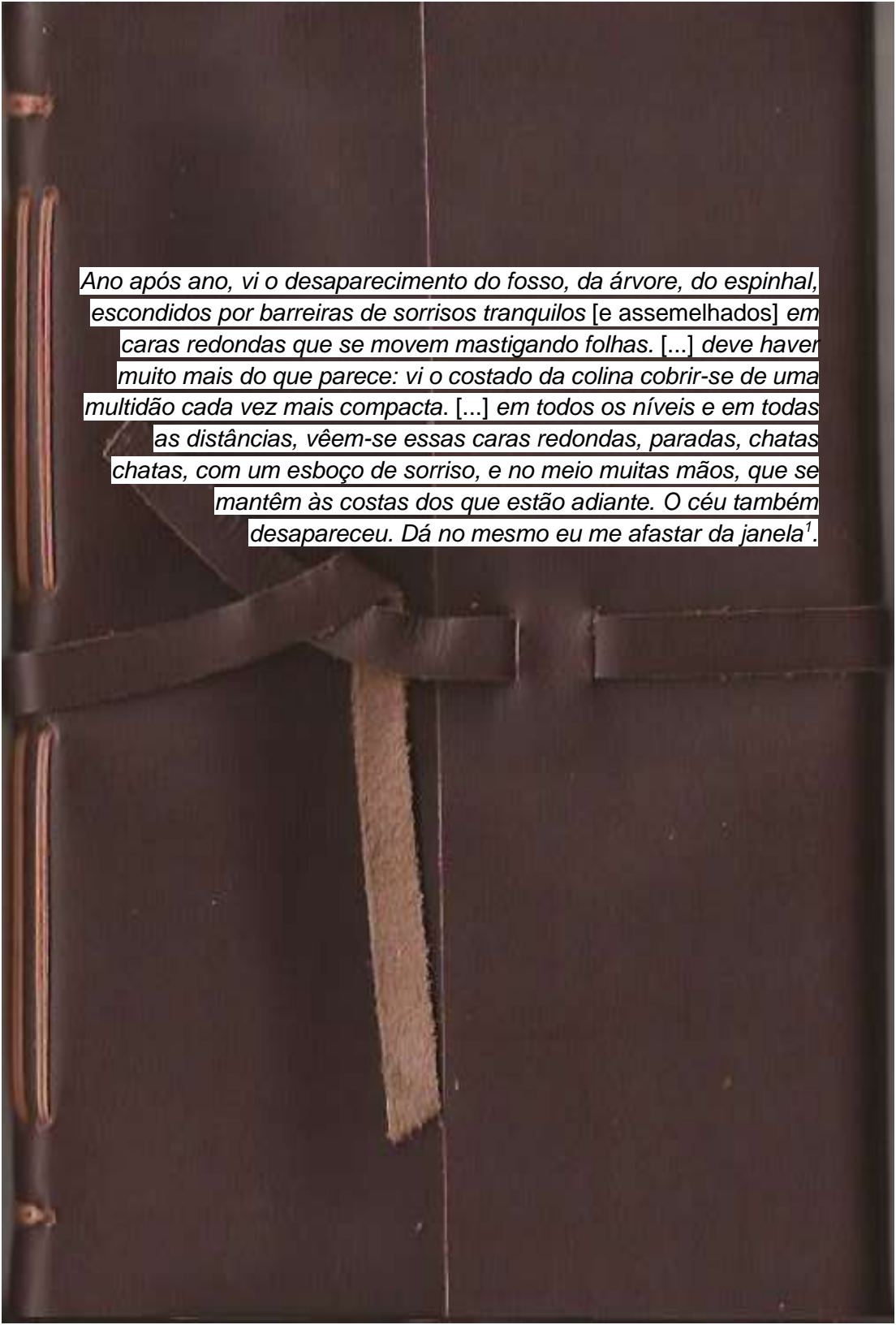
² Costa, 2010b, p. 58

*Se quer seguir-me, narro-lhe; não uma aventura, mas experiência, a que me induziram, alternadamente, séries de raciocínios e intuições*³

³ Rosa, 2001 [1969], p. 95

PARTE 1 – AMANHECER, ROTINA BEIJA-FLOR

Nesta sessão, a escrita é apresentada de forma a acompanhar meu caderno de anotações. As páginas à esquerda representarão minhas reflexões pessoais e os relatos dos atendimentos feitos. As páginas à direita representarão minhas anotações e leituras feitas a partir dos relatos aqui expostos.



Ano após ano, vi o desaparecimento do fosso, da árvore, do espinhal, escondidos por barreiras de sorrisos tranquilos [e assemelhados] em caras redondas que se movem mastigando folhas. [...] deve haver muito mais do que parece: vi o costado da colina cobrir-se de uma multidão cada vez mais compacta. [...] em todos os níveis e em todas as distâncias, vêem-se essas caras redondas, paradas, chatas chatas, com um esboço de sorriso, e no meio muitas mãos, que se mantêm às costas dos que estão adiante. O céu também desapareceu. Dá no mesmo eu me afastar da janela¹.

¹ Calvino, 2003 [1972], p. 140

01.07.2019 – 07:23 – AMANHECER, SER

cedo da manhã.
um bom dia mal dormido.
mão na maçaneta. olhos abstrusos.
metade da atenção interessada no horário
e a outra voltada ao calendário buscando o dia-feira.
um suspiro tão profundo que até as paredes tremem em
complacência.
cada movimento, um ranger dos sentimentos que acabrunham o
corpo em exaustão.
escada abaixo.

vejo minha xícara emborralhada abandonada navegando na maré da
pia cheia.
apesar do panfleto em caixa alta reclamando da sujeira,
ninguém arranja tempo ou saco para ler palavras bestas.
um senso sem comunidade. o espaço a todo mundo entendido como
terra de ninguém.
pego a xícara de alguém em desespero pelo gole de café que trará a
lucidez da energia.

ainda preocupado pelo porvir, Broide e Freud se atravessam em
minha mente
e relembro de uma certa compostura, como a vestir uma fantasia:
basta uma boa posição de escuta.
e o sujeito fala.
seja quem for e onde for¹.
sobriedade apesar dos julgamentos, desgaste e barba por fazer.

sento-me à poltrona
aguardando o início da sequência de queixas-narrativas.

¹ Broide, 2014, p. 77; Freud, 2010 [1912]

² Sousa, 2000

³ Barros, 1996, p. 75; Freud, 2014 [1926]

aguardando o momento em que as palavras tomarão o espaço e a
atenção.

um bom dia – com agora outras roupas – receberá o indivíduo de
pouca paciência.
como se fossem confetes e serpentinas, os conjuntos discursivos
pairarão pelos ventos entre mim e o sujeito.
nada mais parece haver na sala a não ser duas poltronas e esse
grande emaranhado de rabiscos contundentes flutuando pelos ares
desta sala respirada.
a cada abrir de boca.
a cada fala.
a cada longa pausa de olhar disperso.
em cada lento embaraço ou tropeço,
uma brecha para lá do inconsciente.

é então que finalmente poderei iniciar o ardo e lento ofício de
costureiro de discursos.
o ouvido age atento em tento intenso a perscrutar as línguas muitas
nos dizeres².
além das várias referências que evocam inferências.
a mão que corta é a mão que enlaça.
cosendo e retalhando.
desformar o mundo sempre por demais organizado na neurose³.
fazendo do alfabeto palavras de dizer, inventar sotaques em um
dialeto qualquer⁴.
enquanto aquele que enuncia inicia a conjugar os verbos que já
tinha escondido em algum lugar já há muito ignorado.

Chamo por *BEIJA-FLOR* e começo a tomar nota.

.....

⁴ Mizoguchi, 2009, p. 43

01.07.19 – 7h30 – pct. *Beija-flor*

hoje eu acordei beija-flor.
ansioso e acelerado.
mal pude pôr as plantas dos pés no chão por medo de aqui enraizar.
é verão e sinto a ânsia em sentir todas as flores no portão.
a nostalgia toma o peito, mas não há tempo ao saudosismo*.

de seis a sete goles de café amargurado.
néctar dos sapiens*.
com o mundo aberto e sempre desperto na palma da mão,
contemplo alguns segundos da hemorragia alienante de um *feed*
cheio de atualizações.

notícias. genocídio. futebol. e carnaval.
lavanderia. entropia.
pandemia. “fique em casa”.
gente empoleirada. cachorros vira-lata.
bom dia. ponto. esquina.
teclado sem partitura.

meio-dia. cafeína.
cefaleia. astenia.
reunião sem simpatia.
o relógio come as horas e consome meu viver.
vermelho.
prazo.
regressiva.
precificação das horas-sono, desvalorização das horas-vida.
bolsa de valores. bolsa de dissabores.
substâncias do agito.
quatro ou cinco pílulas pro sucesso da moeda*.

meu corpo, um laboratório de limites*.

experimentos de consciência.
extremos de resiliência.

- *filho de biólogos,
estagiário em
start-up, obsessivo*
- Rapidamente lembro de um artigo refletindo sobre os sujeitos estarem hoje constituindo-se *na lógica da aceleração da vida* (Oliveira *et al.*, 2014, p. 22). Em meio aos tempos conturbados e fugazes enquanto ao futuro, muitas vezes um sentimento de nostalgia ocupa os sentimentos, como se o passado superasse as incertezas do hoje e do amanhã (*ibidem*, 2014, p. 10).
- Han (2017) elege um modo de viver sustentado por uso de substâncias em excesso para manter-se sempre em produção na contemporaneidade.
- A queixa lembra quase um ritual religioso: uma necessidade em ter um objetivo por trás de cada ação visando, por último, a homeostase de uma certa felicidade ou ausência de um desprazer descontrolado (Freud, 2010 [1930], p. 29).
- O quanto aguenta um corpo antes de colapsar e esgotar? (Fonseca, 2017)

ossos do ofício. ócios do ofício.

esqueço como descansar.

des-cansar. retirar o cansaço.

comprimidos de dormir.

esqueço como me cuidar.

comprimidos de viver.

esqueço como ser feliz.

bar. boteco. álcool. etéreo.

iconoclastia. depressão.

durmo. apago. sem feição.

sonho. pesadelo. tormenta. aflição*.

como se tivesse os olhos fisgados, o alarme pesca a pele que guarda os olhos.

toscanejando, faço força em não desabar.

amanhã eu acordei beija-flor.

mudo e acelerado.

- Nas palavras de Freud (2010 [1930], p. 32): *O método mais cru [para evitar o sofrimento], mas também mais eficaz de exercer tal influência é o químico, a intoxicação.*
- Han (2017, p. 22) também se faz presente ao refletir sobre situações em que o sujeito se apresenta fazendo uso de *próteses identitárias* para seguir em laço social. Seja pela via de substâncias ou por colocar a si mesmo simultaneamente em uma posição de explorador e explorado; já que haveria um *fracasso em ser si mesmo* (Han, 2017, p. 27 e p. 47).

8:20 – ENTRE ATENDIMENTO, à janela, a fresta

o vento sopra tímido.
da fresta da janela, um sussurro da avenida reinsere-me na vida.

buzina. arranque. grito.
sinfonia das calçadas invadindo meu ouvido.
sintonia inexequível.
e por isso mesmo inconfundível.

chego a quase perceber a translação da terra quando lembro o
endereço de minhas próprias aflições. há sentido ainda em classificar
a cada frase escutada?

a porta, uma pequena divisória entre a minha confusão e as futuras
abstrações de um atendimento.

suspiro...
chamo, agora, *A POETA*. Sempre tão difícil de escutar
desdobramentos.

01.07.19 – 8:30 – pct. Poeta – Versos e versões

às vezes vejo o mundo pela sua incompreensão.
o som da multidão.
a música dos carros atropelando a lentidão.
madrugada. pôr do sol.
já é hoje ou ainda não?
desabotoado o dia na camisa atirada.
amarrações de rotina que definem um ser amontoado*.
miscelânea de quinquilharias.
escassez de aporias.
a verdade, divindade.
ainda há tempo de lavar o ontem dos cabelos?
cinzas de cigarro e humores amuados*.

* *Senhora solitária, 70 e tantos anos, aposentada, sem filhos, nunca se casou, passa os dias à janela fumando cigarros e vistas do trânsito na avenida onde mora, inventando narrativas aos passantes. Agorafóbica. Jamais sai.*

- apesar da sessão de poucas falas, algo me evoca uma passagem lida em Han (2017, p. 25): *a sociedade do desempenho gera depressivos e fracassados*. Estaria ela falando dela mesma ou de algo coletivo que observa nas calçadas do alto de sua janela?
- **Às vezes nem paciente nem terapeuta tem muito a dizer.**
Nem toda a sessão é a melhor sessão.
Nem toda intervenção é a melhor intervenção.
Às vezes, querer escutar algo impede justamente de escutar: *escutar e não se preocupar em notar alguma coisa* (Freud, 2010 [1912], p. 150).

**12:10 – AFAZERES ENTRE OS TRAJETOS AO OUTRO SERVIÇO,
entreaberto**

escovo os dentes, faço planos.
no almoço, listo danos.
pego ônibus, escrevo tramas.
enlouqueço, me esqueço.

novo atendimento.
um pouco eu. um pouco o outro.
me perguntam a razão para estar sempre atrasado.
um dia em movimentos pendulares.

entre os tantos pacientes, sou o mais impaciente.

porta adentro.
afoito. esbaforido.
já sem fôlego e descabelado pronuncio em perfeito português:
boa tarde. boa noite. te aguardo. fale mais.

- *Sinto-me distante de mim mesmo.
Incapaz de produzir o necessário.
Sinto-me como as pedras abaixo da queda
d'água de uma cachoeira: esmigalhado.
Em erosão.
Fracasso em ser, diria Han... (2017, pg 27).*

01.07.19 – 12:11 – Sonho*.

Um ou Eu? - pct

a nudez recobre a cena toda.
passo a porta e me afogo pelo excesso de nada nas paredes e no
piso liso.
piso frio.
ladrilhos perfumados de essências neutras e paredes intimantes
transvestidas de um
branco pálido intimidador.
perco o ar e a lucidez com a falta de escuridão e coloridos naquela
enchente de cor límbica.
sufoco. verbo e substantivo.
tento desrespirar o ar da limpeza milimétrica com medo de eu mesmo
me ver esfumaçado. apagado. nu.
uma nudez demasiada sem libido.
sem sexo.
sem desejo.
sinto um medo louco de me ver enclausurado, preso, desesperado.
sinto-me um boneco cujos traços genitais são apagados atrás das
roupas de algodão.

rastros. bagunça. manchas. desordens.
todos sinônimos de vida.

nada ali é escamoteado, pois não há nada a esconder.
não há sedução. não há flerte.
a verdade nua e crua ali jogada nas paredes que refletem até o nada
de meus olhos que se perdem no deserto de areias brancas.
tampouco há textura ou relevo.
o liso expurga o escarpado.
um tímido e tísico pelego no sofá é tudo o que permite uma carícia
em dourado-loiro.
passo dedos, unhas, peles por seu corpo todo buscando não me
esquecer de carinho, afago, alento.

decoração. cabelos. e até o vinho é branco.

- *Sempre relata seus sonhos.
Apagado. Inibição sexual.
Sente-se afastado do mundo,
mas também teme o contato
com os outros. Teme ser
muito igual ou muito
diferente dos demais. Fóbico.
Sempre esqueço seu nome.*
- **Sonhos, assim como outros sintomas, tendem a surgir e sustentar-se vivos com a função de deixar longe toda e qualquer situação ou objeto sentidos como perigosos (Freud, 2014 [1926], p. 65).**
- **lembro-me da passagem de um romance: *Madame Dupont, quem lava muito por fora é porque tem algo podre por dentro* (Madeira, 2018, p. 103-104).**

ausência de adstringência.
pálido. doente. frágil e febril.
languidez exacerbada.
um neutro demasiadamente neutro*.
angústia amenizada pela ausência de decorações ou cornucópias a
bradar palavras sem sentido.

ali não há sentido.
ali é onde acaba o sem sentido.
ali jamais se sente.
ali jamais se vive.
um cemitério de emoções.
a inexpressão é a defesa do diapasão de memórias que trariam muita
cor ao quarto sem aflições.
onde tem vida tem ardor.
na morte, não há dor, tampouco amor.
mas talvez exista esperança na morada da pomba branca.
talvez exista paz.
e dentro dessa assaz muralha-fortaleza*, mora todo o meu pudor.
aqui mora todo o meu valor.
branco. imunológico. afastado do horror.
nuvem. bruma. nevoeiro.
venta. neva. granizeia.

é frio o branco.

o tempo não congela e percebo o manicômio em que vivi por longos
anos.
camisa branca de força. rosto acabrunhado. e uma vida conformado*.
vejo o espelho à minha frente estilhaçar e perco o senso próprio de
quem sou.

- Broide (2014, p. 67) reflete sobre o *desinvestimento pulsional* e o sofrimento que daí emerge ao desligar o sujeito do contato com seu desejo e, logo, da busca de seus objetos. A consequência disso seriam marcas deixadas na malha psíquica, como se ela estivesse esburacada. Han (2017, p. 21), na mesma linha, afirma que este sintoma contemporâneo – também enquanto defesa – se pauta por um *excesso de igual*.

- Segundo Freud (2010 [1930], p. 32), *O deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas*. Resstel (2015, p. 18) também sublinha o contato com o outro mais próximo da *ameaça do de uma segurança*.

- Ao longo da estruturação subjetiva, o sujeito cria alicerces e defesas que lhe ampare e proteja frente a possíveis perigos que abalem suas tessituras psíquicas. Frente o perigo da angústia e reedição do desamparo primordial, a fobia surge enquanto primeira proteção na criança em crescimento. O fóbico, portanto, projeta em algo externo aquilo que lhe aterroriza internamente. Assim, cria-se uma distância física entre o sujeito e o objeto que concentra as ameaças de perigo (Freud, 2014 [1926], p. 66).

13:00 ~ – DEVANEIO EM MEIO À SESSÃO EM SEQUÊNCIA À ANTERIOR, COISAS SE MISTURAM / IDA RÁPIDA AO BANHEIRO - Estilhaços – eu?*

meio-sono. meio-desperto.

mergulho o rosto em água e me encaro no espelho.

levanto do desmaio e não contendo os impulsos de confirmar a ausência de qualquer coisa no espelho em fragmentos.

sonho? delírio?

dose de cachaça ou de ressaca?

a mente não mais rechaça e não vê nada a não ser pedaços das verdades em que me banhava.

mãos em rebuliço.

era mais um pesadelo. como se tudo fosse apreendido pelo cume dos meus olhos pálidos nas miradas distorcidas de um olho mágico da entrada.

“vai demorar??” – gritam do lado de fora.

senti que arrombavam minha porta.

sem rosto. sem razão. sem cobrança. sem aliança.

mais do que uma invasão, era uma fuga de idealizações.

o horror me assaltando a respiração e pululando a visão, fez da perfeição dos brancos das paredes um excêntrico filme de terror.

- Quem escuta também tem limitações, desejos, etc. também faz parte, habita e é subjetivado pela mesma cultura. Por isso se recomenda sobriedade e cuidados com escutas viciadas, ainda mais se sustentarem preconceitos e violências simbólicas. Tal como o contato com o estranho na escuta de populações mais vulneráveis (Rosa *et al.*, 2017; Broide, 2014)

junto à pia, uma imagem de maria. presenciava, ali, a morte de deus.
a morte dos santos. a morte de tudo o que guiava os meus cantos.

a missa do cotidiano encerrava-se ali. e assim parecia que meu pó de
mica, verniz e palafitas – protetores dos contatos mais profanos –
estragavam e desabavam junto de minha crença de sentido sobre
mim. que dizia o paciente que me fez cair em genuflexão?

do sufoco, passei ao abandono.

como um rombo em meu lombo.

um oco em meio corpo.

e voltava a perguntar se aquilo tudo era coisa de louco, um sonho ou
apenas uma nova chance de viver.

desassossego. inconstância e itinerância?

ou vaidade mórbida sem ressonância?

como um tipo de mágica afásica, a memória traz à tona um velho livro
esquecido em alguma prateleira ou sentimento do passado:

*mas eu não quero conforto. [...] quero a poesia, quero o perigo
autêntico, quero a liberdade, quero a bondade. quero o pecado¹.*

¹ Huxley, 1979 [1932], p. 137

01.07.19 – 15:00 – pct. Desespertadora

o despertador desperta a dor e me levanto alarmada.

recolhendo os restos de cansaço do dia anterior,
minto a mim mesma que dormirei a mais quando o hoje terminar.
dolo eventual ou talvez culpa consciente.

dolorida.
descolorida.

enfeito os dentes e passo as horas mal dormidas com as sobras de
café.
na borra, um destino*.

desatino. mas só queria o

quem dera fosse estilo ou escolha de um dia prescindir de
neosaldina.

em meio à sala-dormitório-pátio-restaurante,
com umas plantas, colcha, mesa, forno à lenha,
me desvisto do pijama e assumo a vestimenta de ir à rua.

escritório. consultório. refeitório. sanatório.
um mini-mundo particular em minha sala de estar**.

.....

- *Advogada bem consolidada. prodígio para a família já pródiga. A vida é a profissão, protege-se do resto. Histeria. Trabalha de casa, nenhuma sala ou escritório lhe parecem bons o suficiente. É tão acelerada que me perco em devaneios e as sessões parecem quase não acontecer. Não lembro como fui do banheiro ao atendimento, mas aqui lembro o que escutei.*
- O sujeito se convence de algumas coisas para não ter de lidar com algo mais forte. A conformidade é estável: ainda que rotineira e repetitiva, tendo nisso uma dose de sofrimento, cumpre bem o papel de manter à distância uma angústia maior que a do cansaço (Freud, 2014 [1917], p. 535). Nas palavras de Freud (2014 [1926], p. 22), há um *benefício secundário da doença*.
 - Foi só após o atendimento que associei uma frase a esta fala: *o mundo na sala e a sala no mundo*. Lembro que, neste artigo, Costa (2013, p. 27) discutia sobre a arquitetura de interiores e as artes de morar. Algo de um viver contemporâneo que se enraíza às casas próprias e conflitua com os espaços públicos, tidos como “perigosos”. A casa enquanto um acesso ao *público sem sair do privado*
- Esse agito extremado somado às substâncias para sustentar o cotidiano e ao “mini-mundo particular” parecem vir enquanto substitutos do convívio social – necessário e desejado –, ao mesmo tempo em que dispensam algum perigo atrelado à vida em conjunto e a estar no mundo em meio às ofertas e tragédias de um dia na cidade. Nada dessa conjuntura parece gerar um sofrimento maior, deixando a angústia concentrada em outro lugar. Assemelhando-se, assim, à condição fóbica (Freud, 2014 [1926], p. 47).

01.07.19 – 17:00 – último do dia – pct. a ira de Sísifo

hoje despertei pesado.

tonto.

acabrunhado.

angustiado.

meu constante estado de amargor e irritação abriu alas para que a ira* em mim irrompesse em atos a que todos chamaram irracionais.

a decisão era óbvia e nada seria mais sensato do que pôr à venda tudo o que vendava meus olhos no vendaval que me guiava em correntezas pelos corredores da cidade e do trabalho.

sapato. laptop. lençol e guarda-roupa.

os plásticos reciclei e decorei as lâmpadas das ruas que passei.

não era uma brincadeira de João e Maria, mas um mais além de um cansaço rotineiro dos itinerários cheios de nada.

sentia dias-sumidouros. dias-movediços.
retirei-me do mercado e tornei-me objeto raro. virei colecionador de mim.

porta-bandeira de mim.

o mundo virou portátil. um livro de bolso.

não mais estava à venda. fim de crédito, mas apenas à vista. sem débitos.

me perguntava o que me unia aos corpos congelados derretendo-se nas ruas e nos ônibus. armados em armaduras de metal e semblantes anormais.

tudo parecia normal demais e fúnebre demais.

trabalho, carreira, dinheiro.

- *Filósofo. Já teve mil e um empregos, mas nunca conseguiu ficar por muito tempo em um só. Problematiza o mundo e se refaz em toda e qualquer oportunidade. Sente-se sempre sufocado por algo que não sabe explicar. Acho difícil acompanhar suas associações por demais aceleradas. Sua fala lembra um discurso paranoico.*

- Han (2017, p. 71) atrela o estado de ira com um certo *infarto da alma*. Esta associação seria o que permitiria ao sujeito colocar-se em outra posição frente a até então conformidade.

casa, cimento, casamento.
ausência, onisciência, ciência.

encoleirados pelo tempo e pela insônia.
competição de esgotamento.

garganta inflamada, nariz enferrujado.
outonos capilares.

é isso a vida? pois sinto a morte a assolar.

talvez ainda pior... um estado de anestesia urbana. meio-vivo, meio-morto.

seres não vivos. seres desmorts.

vejo a cidade como uma colmeia em cativeiro.

os gases soprados pelos carros e a fumaça das florestas em brasas
agem como fumegantes anestésicos no bicho-gente.

talvez com uma interação medicamentosa perigosa com ansiolíticos e
benzodiazepínicos.

Buscopan. Clonazepam.
Rivotril, ibuprofeno.

a era do psicotrópico estimulante tenta salvar a dominância de um
Estado em constante estupor.

bulas de remédio.

orações.

respostas prontas e concretas.

Google. Wiki. enciclopédia.

excesso de positividade.

imperativos categóricos.

sorria, você está sendo filmado

agradeça.

ai de mim não ser e nem querer viver a vida estável de iPhone 5mil
ou de discos de vinil...

a batucada do cotidiano perdeu lado pra batida de códigos binários
digitados.

as frases desdobradas foram dobradas em quadrados de friso à perfeição conjugados à gramática do “eu” e do “ter”.

conquistas e richas narcisistas.

penso que a insegurança em ser si mesmo em conjunto com outros- mesmo necessite construir torres de babel para falar-se por alguém: ser si-mesmo e apenas valendo em competição com os demais habitantes do planeta.

quem é ou finge ser-estar feliz?
e qual seria a necessidade disso*?

tornar-se um nada de terno, massificado pelo ganha pão me estabiliza com um nome a que posso sempre recorrer.

mas que não me deixa correr. não tenho aonde correr.

pareço finalmente entender o que me une a esses todos grãos do mesmo saco*.

.....

- **Creio que, em termos de sintoma individual (e social), o porquê das estratégias tomadas digam respeito a estratégias para se manter longe a angústia; mas, por outro lado, nos forneceria uma identidade, um nome. (Madeira *et al*, 2015)**

- **Estaria aqui manifestada a reflexão sobre nossa condição primordial de desamparo como sendo o conceito comum que nos une todos em termos de uma condição psíquica? (Madeira, M. & Moschen, S. (no prelo)).**

18:?? – O ÚLTIMO ATENDIMENTO, SOMADO AOS DEMAIS DO DIA, ME TOCARAM DIFERENTE, DE MODO A PENSAR MEU PRÓPRIO FAZER E MEU PRÓPRIO VIVER, COMO UM BURACO EM MEU TELHADO, ASSIM SEGUEM AS REFLEXOES SOBRE O HOJE – Claraboia – eu?

consistência. estabilidade. objetos materiais.
todas representantes fiéis da compra compulsiva e parcelada da ausência da angústia.

Freud¹ já dizia que a angústia é a *moeda universal* para afastar-nos dos afetos.
o câmbio é caro e custo é alto para mantê-la à distância. a tal da taxa de manutenção.

tenho escutado frases, sonhos e discursos que parecem conjugar a muitos – se não todos – dos pacientes.
noto que também não escapo a isso:
pressupostos hiper-positivados da contemporaneidade².
um ser-fazer que guia a rotina. um “jeito certo” de viver.
talvez sejamos nossos próprios agiotas. em constante dívida com si-mesmo.
com nós mesmos.
sem questionamento e em constante exaustão.
em constante atividade, um cansaço do corpo impedindo calma, lazer e reflexão.

em um banho de exigências infundáveis por sucesso, produção, alegria e perfeição.
ideais de rapidez e eficiência.
promessas de felicidade após as longas marés de agruras e ruínas.
de quem? pra quem? de onde? aonde?

somos sujeitos-engrenagens³.

em meio a tarefas pré-datadas, dispensando o tempo “inútil”.
tempo de si.
tempo para ser ou

fazer nada.
repouso.

intervalo.

nadar.

día do não-para, uso do inútil⁴.

passo a perguntar o que sustenta esse viver.
se há sentido em uma “escuta individual”
e se isso de fato é possível em havendo algo em comum nesse existir da exaustão.
pergunto se é possível abarcar um sujeito, uma vida ou um coletivo com minhas parcas leituras técnico-teóricas de análise a *tête-à-tête*.
afinal, que efeitos desse modo de viver temos no coletivo do cotidiano?
daqui não posso ver...

me interrogo do porquê de uma conformidade de um dia.
“ter de ser” assim. seria a fuga de perigos e confrontos?
seria assim tão perigoso deparar-me com o incêndio da incerteza de um dia?
o que se perderia? o que, então teríamos para além de dias planejados, prontos e etiquetados? quem estaria à vista, à venda ou fora de linha?

o “ser” acaba equiparando-se ao “ter”, seja enquanto objeto de amor, seja enquanto objeto fútil e descartável, seja enquanto um trabalho inesgotável de cansaço.
“ter algo” equivalendo-se a “ser algo”.
assim como nos tempos da estruturação subjetiva sustentados por Lacan⁵, o que parece guiar nossas rotinas também se beneficia destas relações, destes corpos e sentires...

ainda olhamos para quem está ao nosso lado?
o individualismo parece tomar conta de cada um.
amedrontamento do abandono, de perder algo tão valioso,

¹ 2014 [1917], p. 533

² Han, 2017

³ Rosa, 2002

⁴ Han, 2017, p. 77

⁵ Lacan, 1998 [1958]

enclausuramento de si mesmo, medo de sair das rotas prontas que parecem prescrever o certo rumo de um viver. medo de perder-se na cidade.

medo de perder-se de si?

*a cidade é corte, ruptura, destino do mundo*¹. evoca algo além do indivíduo.

como viver no tédio? viver para si? como não ver intervalos de prazer como um fracasso de si²?

as cabeças baixas e resignadas se deixam oprimir pela massificação de dor e depressão sem fugas ou decisões que permitam desejar³.

há uma competição do sofrimento.

ter a agenda cheia, um investimento.

fracassado quem não aguenta a morte externa do corpo extenuado.

depressivo quem sustenta a morte interna do desejo expurgado⁴.

o cansaço passa a ser um *status*.

e isso atravessa a todos nós.

Freud⁵ diria que isso é sintomático, um modo de viver enquanto habitado por quimeras.

nos iludindo a partir de uma promessa de grande resolução, plenitude e perfeição.

no fim, grandes proteções... como as antigas cidades muradas.

talvez não seja surpresa os apartamentos remendando um mundo externo⁶.

um resguardo da angústia de “ser nada”, nada ser, ter nada, nada ter ou de tudo perder.

uma garantia solitária de um ser-nada.

garantias contra o abandono que acabam por abandonarem a si-mesmo e quem nisso venha a interferir.

perder as chaves do viver. *infinito particular*⁷.

a vida aos poucos sendo controlada por slogans do que seria “o melhor”:

o melhor caminho no gps. os mistérios do planeta resolvidos. o corpo mais bonito...

um açougue das emoções.

ideais que desumanizam ao ignorar o que é de fato do sujeito ao colocá-lo em grades de hierarquia e classificação⁸.

em meio a tudo isso, como encontrar *uma maneira de manter o mundo sob sua linguagem*⁹?

é como se o apego a um caminho fosse um bueiro entupido de restos e entulhos deixados por outrem. uma entrada sob a filiação da alma.

mas a panaceia só existe enquanto utopia.

o messias não virá.

a sustentação de que dias iguais organizam uma posição subjetiva de amparo é a produção imagética que cria a ilusão de liberdade.

a guerra não mais é apenas com o outro e passa a ser consigo mesmo: culpa, recriminação e depressão viram as cores da mobília e das paredes esvaziadas de desejo. uma impossibilidade de viver e conviver com outras vidas de outras rotas.

ver-se dominado por algo externo é apenas outro modo de se proteger de algo interno¹⁰.

*guerra consigo mesmo*¹¹.

na compra de rotinas pré-prontas, como em um fast food da vida cotidiana, a angústia é escamoteada e os encontros evitados.

perde-se, por outro lado, o contato com o desejo.

perdemos a memória de quem somos.

fomos e ainda somos cerceados pelo desamparo¹². pelos desamparos.

este, talvez, um conceito chave a ter-se em mãos para refletir as tantas vias de sofrimento nestes modos de viver do ser humano no contemporâneo.

os sintomas, o que temos de mais próprio, são nossas fugas da

¹ Braudel *apud* Filho, 2016, p. 250

² Han, 2017

³ Deleuze & Guattari 2015 [1975]

⁴ Resstel, 2015

⁵ 2014 [1927]

⁶ Costa & Fonseca, 2013

⁷ Canção de Marisa Monte, de 2006

⁸ Betts, 2014

⁹ Barthes *apud* Corazza, 2010, p. 88

¹⁰ Freud, 2014 [1926], p. 66

¹¹ Han, 2017, p. 29

¹² Madeira & Moschen, no prelo

angústia a tanto custo evitada. mas os sintomas de agora, não estariam nos isolando uns dos outros?
a apatia e excessiva contemplação apagam o sujeito e nos fazem adoecer.
antes de ser uma vida plena, é uma vida desvivida, mortificada. e individualizada.
finalmente, o que do sujeito lhe permite irromper a conformação e libertar o desejo? libertar a angústia para a busca fora do roteiro e junto dos demais personagens¹?

só a alma atormentada pode trazer para a voz um formato de pássaro².

.....

02.07.2019 – 7:15 – COLHENDO EFEITOS DO ONTEM - Paciente? Eu? Nós?

percebo que o hoje jamais começa hoje.
hoje segue sendo ontem e o amanhã repete hoje.

hoje, talvez, um tanto diferente.
o mesmo paciente,
mas outro referente.

cedo da manhã. um bom dia mal dormido. vejo minha xícara suja abandonada navegando na pia cheia. apesar do panfleto em caixa alta reclamando da sujeira, ninguém tem tempo ou saco para ler palavras bestas. pego a xícara de alguém em desespero pelo gole de café que trará a lucidez da energia. sinto-me à poltrona e aguardo o início da sequência de queixas-narrativas. só no aguardo do momento em que o ar se recheia de palavras, quando finalmente poderei iniciar o trabalho lento e ardiloso de costureiro de discursos. o ouvido age como a mão que corta e a mão que tece. retalhando e costurando. fazendo do alfabeto palavras de dizer enquanto aquele que enuncia inicia a conjugar os verbos que já tinha escondido em algum lugar.

dessa vez foi diferente.

senta-se à minha frente um sujeito de silêncio barulhento.
ou de barulho silencioso.

¹ Han, 2017; Madeira *et al.*, 2015

parecia bifásico ou ainda mais complexo que só isso.
a janela bate forte.
a poltrona quase queda em frangalhos.
os quadros caem abraçados aos pregos enferrujados.
deixo escapar a reação de espanto e o sujeito ri à toa ao me assaltar a feição de seriedade.
sinto-me eu mesmo analisado e tropeçado da posição de quem tudo sabe e pouco diz.

em dúvida sobre estar ou não em meio à realidade,
a rua invade a porta e a cidade instala-se na sala antisséptica.
o cheiro de álcool e lavanda é trocado pelo cheiro de fumaça.
borracha no asfalto.
e ureia das esquinas urinadas.

em espanto, vejo os muros desabando e o concreto fissurando.
o teto, aos poucos, vai esmigalhando e revelando o céu como se assim fosse claraboia.
sinto-me nu, sozinho e convocado a seguir as poucas tábuas que sobram pelo chão até a saída de um prédio que pouco restou.
terremoto? apocalipse? pandemia?
vida esvaziada. me vejo em pé em meio ao nada.

ilha deserta.

sinto-me um naufrago sem mar.
mares de morro de concreto e infinitos episódios do dia a dia
chovendo em diagonal.

há quanto tempo isso deixou de ser escutado para as ruas não mais terem suas vozes?
o dizeres do comum tomam o espaço em que eu pensava ser de apenas um.

sozinho – mas nem tanto – em meio a ilhas nem tão desertas,
carregado pelas correntezas do asfalto,
me deixo navegar ladeira abaixo para mais de perto vislumbrar.

para além dos quatro lados de uma sala,
há discursos que extrapolam 1ª e 2ª pessoas do singular.

² Barros, 1996, p. 75



PARTE 2 – CIDADE SEM VERNIZ

Otávia, cidade-teia-de-aranha. Existe um precipício no meio de duas montanhas escarpadas: a cidade fica no vazio, ligada aos dois cumes por fios e correntes e passarelas. [...] essa é a base da cidade: uma rede que serve de passagem e sustentáculo. [...] a vida dos habitantes de Otávia é menos incerta que a de outras cidades. Sabem que a rede não resistirá mais que isso¹.

¹ Calvino, 2003 [1972], p. 73

Cerâmica

a rua, o trânsito e a complexa massa de ar na esquina de encontro entre a ruela arborizada e a avenida de arranha-céus me apresentam outro jeito de pensar o indivíduo.

o vento cheira a medo cada vez que alguém passa rápido ao meu lado.

um consenso em dar passagem parece sobrepor um pedido de licença.

seriam essas as tais *forças automáticas*¹ que nos desumanizam em meio ao espaço comum?

um espaço confuso que exila sentimentos e emoções, confundindo noções de bem-estar com comportamentos de autopreservação;

a lacuna deixada pelo desejo em estar com o outro preenchida pela *fome de conhecimento de si*²; ensimesmamento.

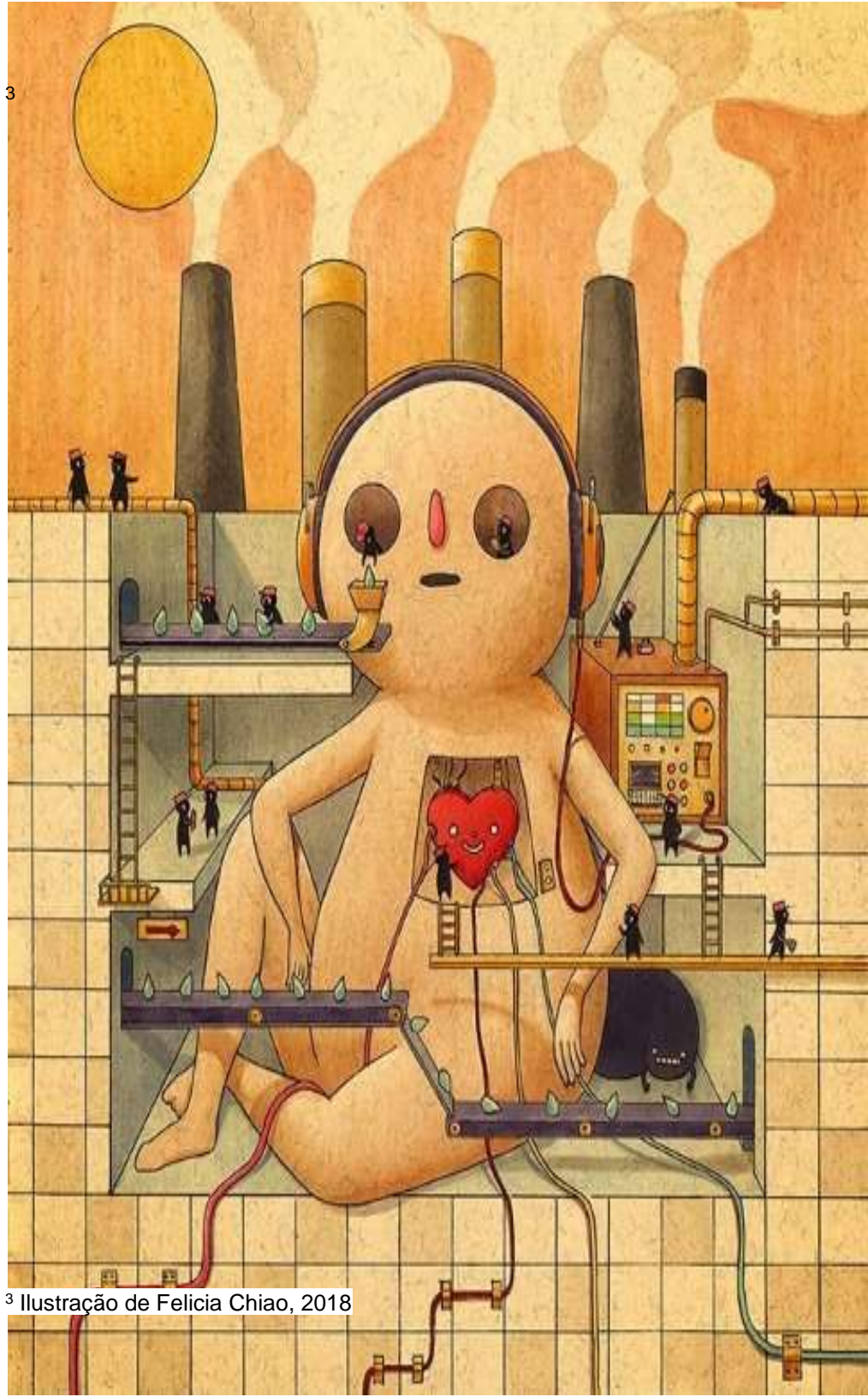
vendo os conjuntos desunidos em marcha apressada pelas ruas,

pondero que não se trata de viveres de um ou de outro, mas de todos. há uma máquina operante na cegueira do cotidiano.

seria ingênuo de minha parte ver-me enquanto ator e roteirista de tal ato?

¹ Mumford, 1998 [1961], p. 10

² Flach, 2016, p. 24



³ Ilustração de Felicia Chiao, 2018

silenciosamente garantindo vidas a seguirem solitariamente
menos tristes com suas próprias relações do dia-a-dia;
um a um escutando igualmente os laços do sujeito com si-
mesmo sem considerar implicações de nós para além do
consultório¹;
atendimento individual;
titular de um plantel de especialistas garantindo sobrevidas nos
tumultos de avenidas porta a fora;

um artesão do psiquismo conformado:

antes barro
e então cerâmica.
o torno das palavras torna trono a modelagem crua.
agora é colorir. colar e rir.

uma obra doravante pronta a integrar o mundo.

mendigo.
me digo.
medito.
me dito.
e digo mentiras.
me iras.

sou tiras da tirania atroz de sujeito nublado.
sou parte das nuvens que edificam uma cidade enlutada.

nas películas dos carros atracados ao meio-fio
vi minha imagem invertida devolvendo meus afetos esquecidos:
sujeito-frio.
sujeito-neve.
sempre encapuzado e jamais primaverado.
sujeito suposto saber. semblante. sobriedade².

arquiteto dos viveres.
oleiro das memórias.
designer dos sentimentos.
tradutor-reparador de esquisitices.

como dizem os velhos ditados da nação.
ditadores ufanistas ensinando as práticas de virtude e
integridade.
o hino sente-se inocente.
mas o ninho se sabe incoerente.



¹ Rosa *et al.*, 2017

² Landi & Chatelard, 2015



Ônibus

bom dia.
atraso.
ônibus lotado.

as gentes em movimentos de maré.
dando espaço sem ter espaço.
passo adiante, espaço no fundo.

arranque violento.
cheiro de fuligem e combustão no arcabouço de condução.
do lado de fora, briga. corredor.
igual aos passageiros, motoristas também lutam por espaço na aglomeração.

corpo pendular balançando a cada troca de marcha.
mãos e braços parecendo quase pegar fogo a cada curva.

parada errada.
cheiro de revolta.

janelas carregando prosas e poemas.
quase como frestas em seus lacres abafados.
pelo vidro, um rolo-filme a encarrilar paisagens:
viaduto. farmácia. ametista.
mais três e enfim a minha descida.
vistas, expressões e rostos muitos convocando a intromissão e voyeurismo:
um apavorado. outro acabrunhado. e ainda uma apavorada.
olhos nos relógios. grunhido de gemido gutural.
iminência do atraso.

subida pela porta do meio.
artista. musicista.
“a muamba é boa, meu senhor”.
palhaço. polícia. frentista. entregador.
“mandolante. pipoquinha. balinha pra ajudar a família”
diversidade comprimida em latas quase a vácuo.

estufa de calor.
incubadora de moléstia.
tosse. pandemia. contágio. infecção.

sanidade. cidade. senilidade.

dose de selênio.

tela de desaparecidos. lave as mãos. horóscopo do dia.
0800 para o segredo do sucesso. uma *galáxia policêntrica*¹ no
ambiente em movimento.

conhecer o cimento.
esquecer o sentimento.

face soterrada em livro, fone ou celular.

*durante o dia, a intensa movimentação parece engolir tudo o
que encontra*².

a gola começa a apertar.
sem pressa pra esperar.
desço sem mais aguentar aquele cheiro de excesso.

“desce!”

¹ Flach, 2016, p. 18



² Idem, 2016, p. 14

ROMA¹

não sabia se seria uma carta ou mensagem.
decidi apenas escrever de qualquer jeito o que eu sentia, pois
sabia que irias ler ou entender.
assim que for possível, espero visitar a tua casa para uma
pequena fuga dos vulcões que emanam lava aqui no centro da
cidade.
me falta tempo para ver que não é perda de tempo poder viver
distante de um cronômetro ou ilusões que alguém me herdou
do que e como é ser feliz.
até breve, vó

eu só queria te ligar, mas a gente nunca se escutava.
e nessa parte da cidade nunca tem sinal.
parecia uma distância que ia até roma, mas era só falta de
paciência
para me empilhar em um container até onde o cimento encontra
a orla, os aguapés e a mansidão.

o mapa, em linha reta, me animava ao revelar que uma mesma
rua de mil nomes era a rota à tua casa.
mas, no meio do caminho, me perdi.
as referências e pegadas tinham sido apagadas e fui obrigado a
desapegar de uma cidade que já não era mais aquela de que
lembrava.
as longas avenidas eram nuas de pensar e inundadas de pesar.
quase habituado ao caos do centro
esquecera que as ruas e edifícios seguem sempre em
construção.

¹ Imagem retirada do site da PROCEMPA, disponível em
<http://mapas.procempa.com.br/mapaoficial/>

² Flach, 2016, p. 24

a rua. a grua. agrura.
na cidade, o forasteiro não tem vez nem voz².
não há regras que a deixe com as imagens de repouso que
guardei.
é viva a cidade, isso tu sempre me dizias quando eu temia
assujeitar-me à conformação da multidão. ela é essa mistura
incessante de humanos e não-humanos, de vida e de matéria
inorgânica, de ordem e caos³.

na rua, o psiquismo só encontra dispersão⁴.

anos atrás, nesse ponto de junção,
o tempo parecia correr mais lentamente.
em cada esquina, uma pequena amostragem de vidas não
padronizadas pelo ainda inexistente caos dos fluxos urbanos.
gestos, pessoas e construções emanavam outros ares à
calçada.

na medianeira de um hotel, um tucano tropical.
um posto cor de rosa.
concessionaria convocando ao *test drive*.
junto à sinaleira, talvez o canto mais modesto, com um salão de
beleza-estética-corte de cabelo.
uma vida ao remanso como fosse o interior.

hoje o cenário se assemelha aos escombros de um teatro
abandonado, deixando à nostalgia a ilusão de um passado
melhor atuando sobre o palco⁵.
a medianeira colorida, agora um bloco de concreto cinza-
picumã, fazendo o olhar morrer em infinita frustração.

³ Filho, 2016, p. 251

⁴ Flach, 2016, p. 21

⁵ Oliveira *et al.*, 2014

a balaustrada formada pelas bombas do posto – agora abandonado – aos farrapos, em ferrugem e até adunca; comércios falidos e anúncios de aluguel. placas e fitas de vermelho-desbotado pelo tempo em reclusão.

quase em estupor, mal percebo as buzinas flamejantes e arranques fumegantes que tomam as vias aórticas de uma cidade em estresse rotineiro.

uma cidade cuja fama estava em um lago cujo povo chama rio. onde as gentes se reuniam a saudar um sol que vai a outro mundo e sonoriza as águas em cores âmbar—rosa—mar. aqui-agora, todavia, trânsito, pedestres, ânimos e escombros parecem refletirem-se todos como em imagens espelhadas de espelhos estilhaçados: fragmentos de um todo separado. fazendo-se, em conjunto, uma massa quase indiscernível entre gente, viga e cimento¹.

luto do domingo.

o remanso de outrora perde espaço pra desordem perigosa do cotidiano. uma zona desmatada e habitada pelas apressadas vias plúmbeas². desespero. ódio. freima e afã a quatro rodas. pés enfurecidos em mares de cigarro já sorvidos e preteridos no asfalto incendiário, palco de guerras da fratria. adro e memorando de uma humanidade adoecida. uma guerra civil entre enfermos do mesmo padecimento: uma pressa em frenesi por uma utopia de sucesso e perfeição³; defesas contra as contingências dos cruzamentos da

existência. essa vida e essa cidade em harmonia não existem e, percebo, talvez nunca tenham existido. a cidade é uma alquimia de experimentos⁴. e, por isso, sempre cheia de defeitos. apesar do esforço tosco em mantê-la ordenada.

a briga com um GPS e suas rotas manifesta a luta contra si-mesmo no fracasso dessa sina. causa a longa briga com um relógio esfomeado por cansaço e um coração desarrimado de paixões ludibriadas. talvez mais uma crença necessária à sobrevida acreditada como vida⁵. em meio ao cemitério de restos e trajetos, lapidados como pinturas rupestres na avenida, elaboro tais lembranças e entendo, finalmente, que não é a distância a roma que me impede de a tão longe viajar: mas um outro medo do inesperado que vem para açoiar. as marcas de pneus em ziguezague com os retângulos branco-amareladas demarcando trajetórias denunciam a ansiedade em chegar logo e o medo em se apressar. talvez sejam marcas, tais quais tatuagens, cicatrizes e memórias.

paraliso e sento ao chão no ponto fulcro daquele cruzamento. encruzilhada. cruz de santo andré emocional. limitado aos corredores de concreto que insistem em levar-me a algum lugar, ainda que não haja um lugar certo a se chegar⁶.

¹ Filho, 2016, p. 246

² Costa & Fonseca, 2013, p. 26

³ Han, 2017

⁴ Flach, 2016

⁵ Freud, 2014 [1927]

⁶ Lages e Silva & Baptista, 2014

um entroncamento de quatro mãos que mais parece um avaliador de minha cidadania¹.

no cerne do escoamento vindo de todas as direções, sinto o encargo em ter um nome, emprego, documento e direção.

certamente, esse não é o bom lugar a se sentir desamparado.

a cidade, embriagada em movimento,
acaba afugentando os momentos de trégua com si-mesmo.
*as pessoas são influenciadas pelo o que outras pessoas estão fazendo ao seu redor*².

cidade e sujeito acabam por desenvolverem-se em colisões e coalisões³.

revejo atrás dos olhos a sensação vertiginosa de estar à beira de um abismo em alto mar.

uma falésia emocional arromba o peito como a uma porta que tutela conteúdos protegidos.

não há tesouros ao abrir a caixa de pandora.

o modo de viver acelerado, frenético e fascinado

– materializado pelas largas avenidas amontoadas –

me carregam, marejando um azimute de astrolábio empenado.

um resguardo falho das penúrias em resguardo.

ferramenta ou sujeito ultrapassado.

devagar, divago ao contemplar tal sentimento protetivo e ansiogênico de solidão tão igual aos demais em extrema urgência e prontidão.

me pergunto como não adoecer em meio ao cinza enfermo de indivíduos a correr sem jamais seque se verem⁴.

¹ Costa & Fonseca, 2013; Mizoguchi, 2009

² Hustwit, 2011, 0:57:20, tradução livre

³ Filho, 2016

⁴ Freud, 2010 [1930], p. 32; Mumford, 1998 [1961]





redescobrimto

esqueci o nome das flores que semeavam minha caminhada.

ipê. camélia. hibisco.
hortênsia. mimosa.
samambaia.
almirante girassol.
major gomes.
botelhos.

me vejo navegante das calçadas.
sentado em um carrinho-rolimã.
carregado pelas ondas coloridas que o cimento não soube
concretar.

no espaço da calçada.
na casa solitária esmagada entre torres-milharais.
no sorriso da passante com o cachorro de manhã.

eu com meu chapéu de papel machê, contemplo a vizinhança
de orvalho antes da carreta de automóveis fazer sua aparição.

nestas ilhas nem tão desertas vejo vidas que renascem e
desnascem todas as manhãs.

a cidade inscreve tais memórias¹. carrega nas lajotas, entre
elas, canteiros e hortas para além das tinturas de borracha ante
as faixas de pedestre.

nem tudo é apenas sobrevivência.
há vida em meio a sobrevida².

¹ Filho, 2016

² Flach, 2016, p. 20

Cidade sem verniz

*Amanhã o dia amanhã será
Foi e é assim desde sempre
O mesmo desespero a desesperar
A mesma alegria a alegrar
Repetindo repetidamente
Amanhã o dia amanhã será
E anoitecerá
Um dia breve no cimento¹*

você me diria a verdade?
traria a cidade?
acalmaria ciladas?
domaria as calçadas?

cheguei tarde e perdi o tapete vermelho da calçada.
sem fotos. sem sorrisos. sem glamour.
um desfile sem alegoria.
sem bateria nem Bloco de união.
no espelho de chuva acumulada, reparo nas fissuras do céu
com as nuvens mal penteadas pelas antenas dos prédios sem
verniz.
a quebra de uma utopia imaginada pelo plano diretor².

centro.
sujo. velho.
art déco. art nouveau.
o que rege as ruas e travessas foi esquecido nas paredes

descascadas e em cantinhos urinados.
espigas de janelas infinitas em irmandade da vertigem³.

os prédios-muros de concreto – ainda que pareçam esmagar-me entre as gentes e janelas – parecem dar algum destino, direção ou acolhimento englobando-me para dentro de um limite.
ainda que seja sob a égide de cidadão adoecido³.

na esquina, a promiscuidade exaltando a descabida harmonia sustentada pelo mutismo dos passantes.

"a diretriz é outra! coisa de punheteiro! e eu aqui com a pança em poesia depressiva!".

a voz do louco é a voz do povo que perdeu a língua e venda os olhos com janelas de acrílico pintalgado.

conformidade combalida.

"fazer o quê". "o importante é eu estar bem". "as coisas são assim". "e daí?".

máximas da filologia cotidiana. Verdades ocas de ecos repetidos.

desde pequeno repito o que não entendo⁴.

e, talvez, por ser Verdade, nem eu ou ninguém jamais tenha questionado tal veracidade.

frente ao desamparo do viver, ao menos algo que afaste os horrores das ruas desertas e que apazigue a *crueidade do destino*⁶ de uma morte prometida.

o violão entristecido de duas cordas e a percussão dos níqueis no chapéu sonorizam o largo encharcado de silêncio cabisbaixo.
som de borracha no asfalto.

¹ Canção de Cícero Rosa Lins (2017)

² Flach, 2016

³ Mumford, 1998 [1961], p. 58-59

⁴ Piglia, 2017, p. 15

tem laranja, pêra e espera pelos “bus” abarrotados.

a calçada vira espaço de passagem¹.

quando não privatizada por bares e botecos, é morada da loucura moribunda.

é proibido andar sem um destino terminal.

é proibido frear, parar ou desacelerar.

à trombada inesperada: “enlouqueceu?”. “saúde e obrigado”.

transitar é espionar e a vizinhança chega até a desconfiar².

ainda assim, entre espólios de memórias e túmulos de argamassa cimentada, um respiro pulmoneia as hortas de fuligem.

os encontros de “oi” e “tchau” são limites triviais.

nas ruelas transversais, brota vida entre as ilhas antes ditas taperadas³.

cadeira de praia. cadeira de gaúcho.

mate. bergamota. tchê. guaiepeca. eita.

nas brechas da cidade, um respiro que vira obstáculo nos engarrafamentos subjetivos de pedestres que atropelam uns aos outros atrasados pela pressa⁴.

os entre prédios viram pontes, sendas ou caminhos entre as ilhas urbanas da cidade-arquipélago⁵.

estrangeiros inter-ilhas.

exclusão municipal.

fronteiras rua a rua.

passaportes visuais.

solidão. deserto. sujeito-desertado de si mesmo.

no medo da dessubjetivação, uma sujeição demasiada por um modo de viver⁶.

aferindo e auferindo identidades em meio ao congestionamento das paixões⁷.

o público, de todos, acaba sempre entendido como de ninguém. marés de sucata, lixo, tocos de cigarros e sentimentos abandonados nos canteiros.

aqui jamais se habita e apenas se transita.

tráfego audaz, perverso e austero. fervendo sentimentos e sorvendo letargia.

as pernas quase que andam por si mesmas em meio à estafa rotineira⁸.

subjetividade sobrecarregada.

pessoas-engrenagem⁹. partes de uma máquina etérea.

os ouvidos tapam-se de horários e promessas de ideais transvestidos de utopias.

os vendedores de vergonha nunca ouvidos no pedido por trocados são trocados por ponteiros de relógio-apitos-fim-da-linha.

todos – ideais, conformidade, pressa, estranhamento à alteridade – cumprindo uma função de proteção e organização do indivíduo¹⁰. um traço do comum não compartilhado e assumido apenas para si.

guerreiros de comodidade nos conformam e convencem sobre a forma de seguir olhando reto sem ouvir¹¹.

¹ Mizoguchi, 2009

² Flach, 2016, p. 18

³ Lages e Silva & Baptista, 2014

⁴ Costa & Fonseca, 2013, p. 23

⁵ Mizoguchi, 2009, p. 46-47

⁶ Esposito, 2011

⁷ Freud, 2010 [1930]

⁸ Flach, 2016

⁹ Rosa, 2002

¹⁰ Freud, 2014 [1927]

¹¹ Canção de Apanhador Só, 2013

o pé quer tropeçar em denúncia ao desamparo, medo, exclusão e solidão.

o *mar de asfalto, ferro e pó*¹.

o mar que faz falta, guerra e dó.

um mar comum aos navegantes.

e apesar de uma comunicação comum entre os barcos, canoas e fragatas,

não parece haver diálogo, nem linguagem partilhada.

nos raros momentos de encontro na mistura de sotaques, as palavras aparentam serem perecíveis, naufragando, dissolvendo-se e afundando em mar profundo².

peleas-muradas:

fonos de ouvido. corretores automáticos.

podcast. novela. rádio.

palco dos desencontros. pessoas-estorvo. pessoas-espantinho.

pensamentos e promessas prontas como em *take aways* da saúde mental.

entre rasgos e publicidades, a poesia no lambe-lambe denuncia a comunhão desencontrada:

a ironia da solidão

é que todo mundo sente

ao mesmo tempo

- *juntos*³.

¹ Canção de Cícero Rosa Lins (2017)

² Costa & Fonseca, 2013



³ Kaur, 2019, p. 79

⁴ Fotografia de Alexey Menschikov, 2012

Sinaleira

*Não olhe para quantas pessoas estão caminhando na cidade,
mas olhe para quantas pessoas pararam de andar para ficar e
desfrutar o que há ali¹.*

céu de ponta cabeça.

a neblina-nicotina recobre o baixo da calçada.

na incerteza em cada passo, a imprevisão de acidentes nos
buracos das lajotas de concreto.

pé torcido. praguejando. “como pode?”.

“quando vi já estava ao chão”

em lento levantar, circulo os olhos ao redor.

os corpos-automóveis atropelando uns aos outros no
engarramento de gente nas sinaleiras de pedestre.

fumaça do cigarro-ansiolítico.

aglomerados de pessoas às 18 horas. hora da saída.

sem trocas de olhares. um metro e meio de distância.

desconfiança de doença, roubo ou mesmo interesse do moço à
direita.

o criminoso pode ser qualquer um². assaltante da moral ou só
de celular.

há tempo pra esperar o ônibus, mas nunca para ajudar um
corpo combalido.

seja tropeço, fome ou frio, tais acontecimentos-vendaval

provocam a blindagem emocional à alteridade³: os habitantes
desse extra-muros da conformidade e da promessa de rotinas
garantidas em vidas semiautomáticas⁴.

a estranheza ao resto disso advinda de uma “extrañada”
infância em desamparo⁵.

aos montes nas paradas, ônibus e sedimentos.

o dia se colore em desbotado das exaustões cotidianas.

golden hour. crepúsculo. um céu rosa que só existe em Porto
Alegre.

mesmo assim, não há palavra de troca.

no lugar, pensamentos de discórdia e sofrimento pelo excesso
de humanos respirando o mesmo ar.

gargalhadas apenas para mostrar a alegria passageira.

os encontros se tornam estorvo e rejeição.

não há *luta pela subjetividade*⁶ coletiva.

nada além de pressa em chegar logo ao banho que esfregará
os enlases e contatos de uma rotina para longe da assepsia
corporal.

o caos e os monstros do habitual.

que parecem tanto ameaçar o bem-estar de um dia normal.

o detalhe que a todos une

é o mesmo que a todos incendeia:

um provável medo do fracasso, de não ter carreira ou nome
próprio em meio às promessas de uma vida sem corrida;

um grande e velho medo em se ver desamparado;

o medo da morte personificada pelo outro;

o medo da quebra de um *delírio de massa*⁷ que conserta os

¹ Hustwit, 2011, 0:26:00 (tradução livre)

² Flach, 2016, p. 18

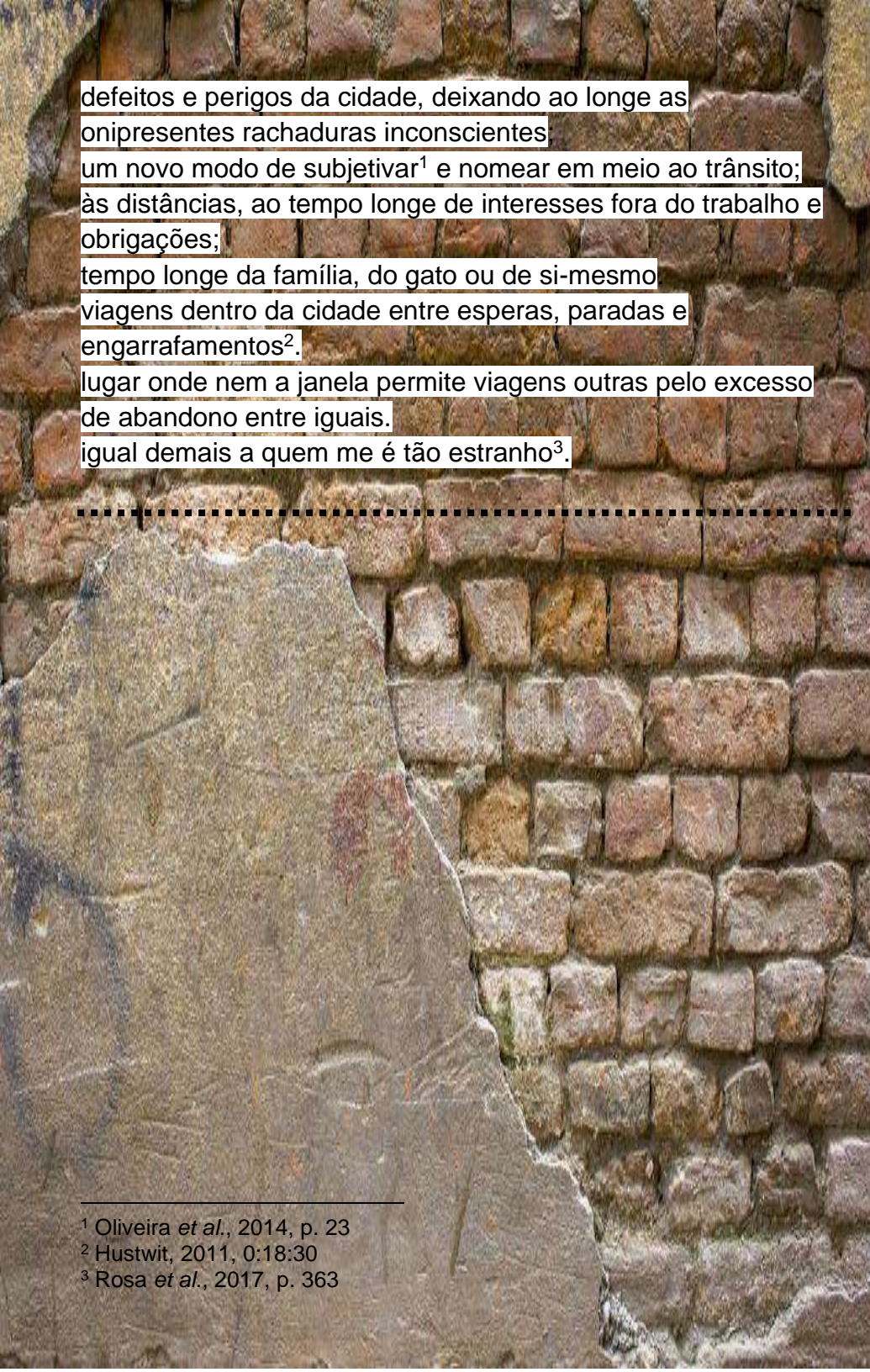
³ Rosa *et al.*, 2017

⁴ Mumford, 1998 [1961]

⁵ Freud, 2014 [1927]

⁶ Mizoguchi, 2009, p. 75

⁷ Freud, 2010 [1930], p. 38



defeitos e perigos da cidade, deixando ao longe as
onipresentes rachaduras inconscientes;
um novo modo de subjetivar¹ e nomear em meio ao trânsito;
às distâncias, ao tempo longe de interesses fora do trabalho e
obrigações;
tempo longe da família, do gato ou de si-mesmo
viagens dentro da cidade entre esperas, paradas e
engarrafamentos².
lugar onde nem a janela permite viagens outras pelo excesso
de abandono entre iguais.
igual demais a quem me é tão estranho³.

Maré alta

*Em Cloé, cidade grande, as pessoas que passam pelas ruas
não se reconhecem. Quando se veem, imaginam mil coisas a
respeito umas das outras, os encontros que poderiam ocorrer
entre elas, as conversas, as surpresas, as carícias, as
mordidas. Mas ninguém se cumprimenta, os olhares se cruzam
por um segundo e depois se desviam, procuram outros olhares,
não se fixam⁴.*

mar aberto.
frente a frente com o infinito em céu azul.
aos poucos o sol baixa e vejo a civilização.
túnel de palmeiras sequestrando a visão.
escápulas dos prédios, sons das avenidas e odores da anemia.
quase um conflito entre o Éden e o real.
de fato, uma cidade/morada ideal – como o céu ilude haver –
não existe e talvez nunca venha a existir.
e, talvez, por isso mesmo, as duras críticas em temerosa
antecipação de um quadro ainda mais grave⁵.

relatos de violência, doença e abandono.
privilégio, privação de vida básica, desamparo.
público. privado. comum. precarizado⁶.

entre medianeiras grafitadas
– com gravuras-palimpsestos empilhando o nomadismo
político –
e janelas espelhadas
– que de dia tudo veem e à noite não há ninguém a dar-se as
vistas –

¹ Oliveira *et al.*, 2014, p. 23

² Hustwit, 2011, 0:18:30

³ Rosa *et al.*, 2017, p. 363

⁴ Calvino, 2003, p. 53

⁵ Flach, 2016, p. 14

⁶ Esposito, 2011

os corredores em contramão dialogam à distância como a preservar-se de uma pandemia em ascensão.

os discursos que circulam num dado tempo indicam os modos de pertencimento possíveis para cada sujeito, atribuindo, a cada um, valores, lugares e posições no laço¹.

colisão.

manter o espaço de 2 carros entre cada automóvel.

desrespeitar velocímetro, apenas fora do pardal.

atentar à sinaleira caso um corpo cruze as pontes sobre o asfalto.

tosse recoberta pelo braço.
distância de 1,5m de outro humano.

nada de levar a mão ao rosto.

e lavar palmas, dedos, unhas em sabão por 10 minutos.

regras dos encontros.

mandamentos que afugentam acidentes.

a cidade não mais é espaço para a arte do encontro para tornar-se palco dos confrontos iminentes.

ameaças em potencial.

dissipa-se a cidade.

à sombra da insegurança²

cada um segue à solta em extensões de suas casas habitando às ruas como a um corredor entre a sala e o dormitório³:

espaço de passagem.

o caos, os perigos e agruras de uma rua

são trocados por espaços sobrepostos de uma sala de estar.

uma permuta pela arte de morar.

ilhas subjetivas, isoladas entre si por um mar-asfalto-incandescente.

recoberto de perigos escondidos em águas turvas e barrentas. vias traiçoeiras e de mal agouro.

em uma trama de retalhos de diferentes malhas e tecidos, ruas e avenidas são trançadas por agulhas e pingentes, costurando e retalhando passageiros e passagens das aleias da cidade.

estrangeiros apressados.

afugentados pelas ondas-tsunamis de sujeitos diferentes habitando os passeios.

aos atropelos e deslicenças
cada um ao seu momento.

indivíduos dissipados como se a água se fizesse de gotas separadas como em um quadro pontilista.

em rotas de A a B, sem lembrar nomes de rua, nem saber o que existe no trajeto.

quanto mais rápido melhor, ainda mais se for atalho: menor a exposição aos perigos e incertezas que habitam cada esquina. menor será o tempo perdido sem fazer *nada*⁴.

no epicentro dos cenários,
sinto-me afogado e carregado pela enchente de deveres, buzinas e fuligem.

percebo a ansiedade e a ânsia em minha errância ao perceber que meu mar não era aquele e que ali não poderia mais nadar.

¹ Rosa *et al.*, 2017, p. 363

² Mizoguchi, 2009, p. 30-31

³ Costa & Fonseca, 2013

⁴ Han, 2017

chuva. inundação. água no umbigo.
carburador. freada. ignição.

o espaço entre as ilhas de concreto é vazio de um mar envolto
em vida.
fluxos e afluxos rotineiros desertificam as areias de piche¹,
fazendo até do sol um inimigo perigoso causador de câncer dos
encontros sociais.
parar na rua é estar à deriva como um náufrago do asfalto².
tudo queima e nada teima em buzinar aos desencontros que
padecem de um sofrer em conjunta solidão.
algo além das ruas une a todos em uma constelação que
padece de descrições.

*o que é que de fato qualifica a vida, o que é que faz a vida valer
a pena, o que dá valor à existência?*³

talvez a compreensão de *nosso comum desamparo*⁴.

¹ Mizoguchi, 2009

² Lages e Silva & Baptista, 2014

³ Idem, 2014, p. 30

⁴ Kafka *apud* Madeira & Moschen, no prelo, p.





PARTE 3 - CIDADANIDADE

¹ Fotografia de CYC, 2018

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa².

² Calvino, 2003 [1972], p. 46

Empoleirado

decido desacelerar.
atravessar travessas e estreitos para respirar.
sinto os olhos latejarem pelo crânio que parece sanfonar
na tentativa de fazer música dos barulhos reunidos entre os passos.
as pernas, trêmulas, se cansam de andar.
a cidade e sua profusão densa chega a ser insalubre à mente
humana.

um chocalho à mentira
humana?
mesmo a quem se põem a contemplar a miscelânea de figuras
alarmadas
transitando pelo asfalto e tropeçando nos ladrilhos soltos da
calçada.

atravessando canteiros, pátios e gramados;
chão batido, basalto e miracema,
sinto um fio melódico perpassar minhas cavidades e lacunas.
como a sonorizar uma história que vem a ser contada no encontro
da pele e da pupila com o pavimento e o calcário que sustentam
narrativas no formato de portais, balaustradas e janelas espelhadas.

casas geminadas. prédios abandonados.
outdoors giratórios anunciando desserviços.
a gota do ar condicionado que nunca chega ao chão e altera o
humor no pouso brusco de um couro cabeludo.
na rua, o estresse veste as peles e se mostra nu ao sol.
o jeito europeu despido das películas de filme.
esbarrando em hostilidade e não em um início de romance-
hollywood.
tampouco de um eduardo-e-mônica.
selfie de solidão pra fazer uma rede de corações.

aqui,
história e vida se contam e se fazem juntas em desarmoniosa
harmonia¹.

sem grafia e dotadas de uma coreografia de improviso
quase como em uma relação de respeito
entre os dançarinos de concreto e os acrobatas bolinados
que não deixam as raízes refrearem os movimentos no palco.

a partitura muda é transmitida por olhares e balanços com o corpo.
escrita em uma clave pouco conhecida,
ninguém entende como se compreende a efervescência
e o burburinho quase manicomial
que a orquestra de vidas faz soar sem intervalos entre atos.
as histórias são contadas em um tempo paralelo.
elas, por vezes quase proféticas,
acabam desvelando-se apenas já há muito anunciadas.
no limite entre o plágio e a repetição.

entre o humano e a máquina replicante².
entre o óbvio e o absurdo da existência³.

previsão do tempo. garota de sombrinha.
final do mundial. camisa da celeste.
luto nacional. faixa preta e sangue na sarjeta.
esquina democrática. rua marielle.
máscara, álcool gel. pandemia de covid-19.
morte, lotação, desespero, desemprego? pandemia de covarde-17.

nos altos muros de concreto e de vidro espelhado,
uma expansão do céu azul.
o mar de asfalto refeito em marasmo de um mar alto.
toniolo no chão. a tintura desgastada na medianeira.
túnel da conceição, colorido de grafites pra acalmar o coração.
a cidade também é vida e, ativa, decora suas faces de mil artes
para olhar e ser olhada.
falar e ser falada.

¹ Filho, 2016

² Cevasco, 2018

³ Gaztelo-Urrutia & Juárez, 2019

fugindo a revelias, se define pela dispersão¹.
um trabalho de colorir o cinza e o vazio.

agite antes de beber.

bailo com o louco e vejo-o desaparecer.
com ele, foi-se o celular.
comigo ficou a sua moral.
vendo cabelo. compro ouro.
boca? dessa vez não.
mega-sena acumulada. fila do lado de fora da lotérica.

a cidade é embebida de contraste
entre pulsação e novidade. previsão e repetição.
como se a vida ficasse marinada ou em salmoura
garantindo a ausência da insosses.
no prelúdio do amanhã, cenas sempre repetidas do ontem para se
manter.
horário de pico e engarrafamento. madrugada e via expressa.

ainda que murada, caótica, perversa, suja e perigosa,
a cidade tem essa beleza esotérica que, por vezes,
também deixa quase leve o convívio social.
“você já viveu um amor impossível?”.
“tenho essa paixão pelo perfume do invisível”.
música na esquina.
boteco à beira da rua.
samba. mpb. maracatu. ziriguidum.
entre búzios e buzinas.
orixás e redenção.

se amar é estar longe para sustentar e proteger,
como é amar estando perto?
amar, na vida ou na morte é um privilégio².

os corpos-continentes, em movimentos tectônicos

parecem fazer força contra os encontros e contra-encontros.
estabilidade é tempo firme.
sem chuva e sem abalos sísmicos.
cada um a seu passo para receber o passe.
um passaporte para carimbar as fronteiras da cidade em marcas na
epiderme
antes da imigração de volta à casa pra tratar de assuntos de política
interna.
invariavelmente, a bagunça do privado refletirá na violência de um
diálogo da rua.

“sabe com quem está falando?”
Não, mas antevejo o desprazer.

sinto as ruas mostrarem-me os dentes
e já não sei se ali interpreto sua raiva ou sua complacência.
em meio a tanta gente,
a rua, mesmo plana e em linha reta,
funciona aos moldes de um eletrocardiograma:
a esteira em picos violentos – como em sístole e diástole –
manifesta as destoantes subjetividades em confrontos passageiros.
a loucura. figurantes. violência. corpos fragilizados. moradores de
rua. padrões de estética. corpos políticos. a sexualidade. a
promiscuidade. o chaveiro. o motorista. feirista e feirante. a errância
e a obsessão.
lado a lado, no banco da praça, o cigarro e a bronquite.
lustrador de sapato e vendedora de missanga.
xadrez de pedra e canastra.
colegas de copo e de cruz.
a cidade, uma fábrica de gente.
indústrias do desejo³.
poço sem fundo de vontades submersas, impossíveis e indigestas.
antes fosse uma avenida, propagandas, escolas ou sanatórios:
um mercado à céu aberto.

¹ Flach, 2016

² Briveira, 2017, p. 10

³ Mizoguchi, 2009

mercado de pessoas.
a convenção da vida plena estampada nas paredes.
até a roupa difundindo propaganda e alegorias do viver¹.
“não quero carro, esposa, emprego, nem romance” – fala o louco, às
amarras, na ambulância.
um rebento de ilusões em praça pública,
de fato, feito assim a peito aberto,
coisa de louco, revolucionário ou visionário cheio dos cruzados².

com o sol se esgueirando no diastema dos prédios,
o olho brilha em alegre gratidão do cotidiano.
brilha em triste lágrima de arrependimento da visão sem
comunhão.
brilha em luto para entender o que rege corpo e pensamento
em distância controlada.

em culto à senda,
encontro a fenda em retorno à avenida.
muita dispersão também causa aflição.
mas o barulho e o excesso da avenida me expulsam de transitar nos
meios-fios,
onde o fluxo, em córrego agitado, me afoga até quase me
desorientar.
sem informações, navego a seco carregado pelo mar de opiniões.
sinto estar chegando a algum lugar, mas sem poder perguntar como
desviar.

encalho em um bueiro na beirada da calçada
com as mãos à cabeça, em meio a chutes, tropeços, xingamentos
e olhares de tormento.
o bem-estar cotidiano é reclamado pelo sargento que já chega
empurrando.
em meio à rua nomeada praia,

cujas calçadas de granito expiam as saudades das areias,
o mar é de sujeitos bronzeando as suspeitas.

enfio-me aos apertos de olhares violentos, cheiros de sobras
humanas nas paredes e um vento forte vindo de frente.
chego à casa rosada do poeta
– acreditando na poesia como uma enfermaria –
e subo ao topo como a perscrutar com os sonetos os limites e
surpresas que o mar em fúria deste centro possa reservar a quem
enxerga a vida como um pássaro a repousar.

3



¹ Flach, 2016; Negri, 2010

² Mbembe, 2018 [2003]

³ Foto do projeto de extensão da UFRGS “A Cara da Rua”

Expresso.

Substantivo. Verbo.

de expressão pálida
e mãos trêmulas
peço, em apressado,
pela bebida quente
para devolver o rosado às bochechas

“um café, por favor”

“qual?”

“expresso”

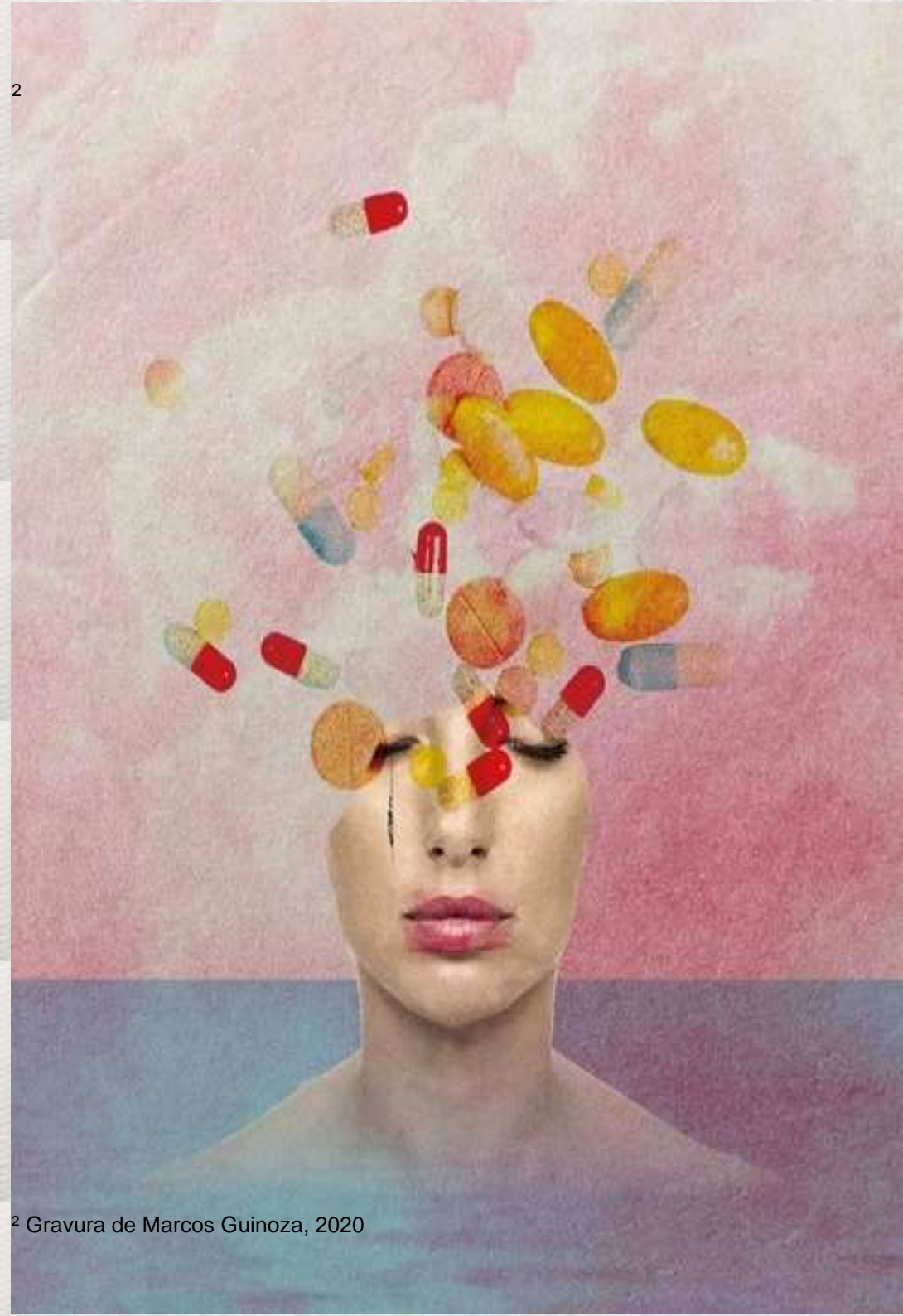
mal expresso e o olhar torto segue reto em riso-escória ao balcão.
sem demora, em um lento passo sem glória,
a pequena louça branca contrastando com o líquido queimado em
seu interior
pousa junto do aroma-caramelo e do estrondo do encontro com a
pesada mesa antiga
de ferro fundido no alpendre anexo ao histórico prédio cor salmão.

agradeço e vibrando junto à mesa
agitando um gole único,
injetando à veia um químico,
lanço a escrever nos guardanapos
com a tinta acumulada de fuligem em minha roupa
os resquícios de psiquismos deixados pelas ruas que andei até aqui.

pensamentos e questões enunciadas pela já tão longe manhã em
que me assaltei a refletir e reagir aos limites do indivíduo na rotina
infinitesimal.

eis que o sujeito não se finda,
mas, como uma linha,
é um sujeito-terminal¹.

¹ Mizoguchi, 2009



expedição

LABIRINTO I

*Não voltarei a dividir
As aves – o canto e as asas –
Para encontrar o peso exacto
Do corpo que se eleva¹*

a cidade.
o coletivo e o indivíduo.
como uma sinfonia atonal, cromática ou apenas esotérica,
a experiência de indivíduo é confrontada a cada esquina por uma
plural fonologia dos dizeres.
enlaçados em diferentes escalas e categorias de um viver em
espaços partilhados,
mas dificilmente compartilhados.

vozes.
dialetos.
tons.
volumes.
sotaques.
línguas estrangeiras².
cores.
preceitos e receitas do viver
que tatuaram meus sentidos no caminho pelo zoológico da vida,
mais se assemelham a um caótico viveiro de pássaros aglomerados.

em um voo tumultuoso, repleto de colisões e acidentes
quase previsíveis de tão inesperados frente à desordem dos corpos,
cada ave trama em solidão o seu trajeto de aflição³.

ninho.
companhia.
diretriz.
alimento.
saúde.
resguardas.
provisões.
há uma lista infinita de cenários e projeções a serem feitos antes da
automatização de um bater de asas.
a formalidade para o voo é comum.
há de se pensar, por outro lado,
que a custosa conquista do aparelho fonador, canto singular,
estrutura corporal, tamanho e envergadura das asas, cor das penas
e percepção dos ventos
comungue o pensamento de que se é um ser solitário em meio aos
ares preenchidos de outros passarões⁴.
um indivíduo a perseguir seu lugar nas formações aéreas para um
dia
vir a ser o indivíduo-passarão conquistando a todo o murmúrio.
partindo de uma insegurança,
a desconfiança sobre as outras aves faz nascer uma escolha
defensiva por voar em isolamento.

lindo seria a construção de cores e corais de cantorias em conjunto
harmônico ou desarmônico nos mares sonoros
abaixo do cenário ozônio anil.
Murmúrios rasgando o céu.
mas o medo em se perder em meio a tantas vozes,
deixar de se escutar,
fugir ao tom e em não reconhecer a própria melodia
acaba por afugentar a produção de uma sinfonia para além de uma
mera sintonia.
Todos em uma mesma fila do cibório, em improfícua solidão⁵.

¹ Faria, 2016 [1998], p. 44

² hooks, 2013

³ Aguiar, 2003

⁴ Freud, 2010 [1930]

⁵ Esposito, 2011

o pavor em não ter denominado espécie
ou a ausência de um nome científico que classifique e lembre o
lugar em um vasto nicho não é imaginário.
o temor é o mesmo do vivido quando o ninho é deixado em
promessa de um voo independente¹.
quando indivíduo e independência são confundidos em um só.
a fronteira entre a singularidade própria de um voo,
o abandono desengonçado de não mais ter um retorno ao pouso –
ou à queda –;
e a produção de uma clausura em si mesmo para resguardar-se de
outros medos
(o individualismo idealizado de si e do futuro,
dos céus e de futuros companheiros)
é tênue, frágil e quebradiça⁷.

a isso se chamou de desamparo.

.....

¹ Freud, 2014 [1927]

² Pintura de Susano Correia, 2020



Pouso em fios de alta tensão

*Em baixo, nas ruas
A vida tornou-se
Mais rápida,
Corroída por alarmes,
Enquanto focos de luz
Varrem o rio.
Mas morre-se
Sem precisar para isso
Duma poça de água¹.*

assim como na metáfora dos pássaros,
é o desamparo que parece recobrir as vistas nubladas
nos sujeitos acelerados da calçada.
a busca por segurança, sempre incerta, facilita o acesso a um ideal
de nomes fortes com promessas de constância nos contatos com o
mundo,

com alçada
e com si mesmo².

o desamparo talvez seja o motivo pelas inseguranças ao lidar com
os encontros entre o céu, a rua e a terra.
o medo em se perder.
o medo de cair.
o medo de morrer.
todos fortes ameaças que nos obrigam a nos proteger.

o custo? alto.
a civilização se sustenta em alguns consensos sobre o viver e o
conviver.
muitas vezes fundamentados por ideais que afirmam ter o saber e a
verdade sobre a existência humana e o correto modo de viver:

religião, ciência, espaços de saber³...

a certeza alenta,
mas a overdose da asserção
oblitera a lembrança de que o desejo ultrapassa os limitados
mandamentos.
a possibilidade da sinfonia polifônica dos cantos
– por vezes caótica e desastrosa –
é substituída pela monótona constância em-perfeição de um canto
gregoriano⁴.
o sujeito substitui-se de si-mesmo por algo acreditado como o ideal
de felicidade plena que lhe aprisiona em um ciclo automático de
silencioso sofrimento.
uma banalização da dor da exaustão. Um laço no cansaço⁵.

a cidade e os céus moldam seus acabamentos de modo a ressaltar
os perigos ao sair das rotas prontas:
quem em sã consciência andar por ruas sem iluminação,
esburacadas e mal cheirosas⁶?
não-saber passa a ser sinônimo de perecer.
o suposto inimigo e apossado dos perigos das vielas ganha nome,
cor e posição⁷.
ao fazer das rotas, cantos e remansos sempre os mesmos,
o encontro com “o perigoso” é evitado e o voo pode ser estável e em
linha reta.
não há loopings ou piruetas,
mas tampouco há quedas violentas.

porém, quando há turbulência,
a sensação é a de uma ameaça de tragédia.
sem máscaras de oxigênio. sem cintos para afivelar. sem assentos
flutuantes.
sem qualquer amparo ou proteção.

¹ Pimenta, 2015, p. 25

² Oliveira *et al.*, 2014; Rocha, 1999

³ Freud, 2010 [1930]; Han, 2017

⁴ Idem, 2010 [1930]; Idem, 2017

⁵ Fonseca, 2017

⁶ Mizoguchi, 2009

⁷ Mbembe, 2018 [2003]

queda livre ao mar morto¹.

devo dar alguns passos atrás antes de avançar o raciocínio.
definir o desamparo é crucial para compreender melhor o
movimento das ruas e da cidade por seus habitantes em insanidade.

2



¹ Freud, 2014 [1917]

Passado. Café. Tempo

volto a chamar pela atenção da garçonete
cuja cara de repouso parece ter estacionado
em uma boca sustentando as cordas de um balanço em cada ponta
dos extremos labiais.

ao fundo,
tocando João Gilberto,
as saudades pedem pela calma,
como um conta-gotas de um passado bem torrado
a escorrer pelo filtro de pano.

“tem café passado?”
sua boca quase freme de estranho entusiasmo
“ô, se tem...”.

outra xícara. outro líquido. outro aroma. outra sensação.
o antecipado gole de conforto
que levaria ao calor da casa de infância
é logo dilacerado pelo gosto metálico de uma fusão com a cafeteira
provavelmente da manhã inteira a infundonar.
de fato, um café *passado*.

² Pintura de Susano Correia, 2020

Pó de mica. Pó de mico

em meio ao desagradável último gole do passado,
com todos os sedimentos de uma borra que estampará o meu
sorriso sem prever futuros,
baixo o rosto à rua reparando, em meio ao pinheiro de natal e
catálogos *noir*,
o letreiro nomeando a sala de teatro: Bruno Kiefer.
o sobrenome alemão desloca o amargor da mandíbula às memórias
dos estudos freudianos sobre o desamparo.

Hilflösigkeit.

foi esse o barulho utilizado por Freud¹ para se referir ao desamparo.
um termo que, apesar da grafia chamativa, é quase tímido,
mas se mostra presente desde muito cedo na obra do psicanalista.

o alemão é uma língua confusa e cheia de amarras, invenções,
conexões e injunções.
talvez por isso possa ser, ao mesmo tempo, de uma poesia peculiar
aos não falantes.

o termo usado por Freud é traduzido pela falta de recurso²,
um *estado de desajuda*³ em que o bebê recém-nascido se encontra.
uma condição, a princípio, de fragilidade orgânica de seu corpo
desamparado,
já que obrigatoriamente é dependente de alguém que lhe cuide,
aqueça e alimente.
algumas das necessidades básicas a qualquer ser que vem ao
mundo.

¹ Freud, 1996 [1895]

² Rocha, 1999

³ Madeira *et al.*, 2015, p. 80

mais do que qualquer outra coisa, trata-se de fazer sobreviver esta
vida que é inaugurada em meio ao caos da fome e do sono.

a isso não há escapatória⁴.
chegamos todos sem passaporte.
referência.
direção.
ou motricidade.

o mundo insere a vida em meio ao fuzuê de desejos e histórias,
com um nome imposto e já quase sem fôlego para entender a que
tanto se observa nesse violento ato de nascer⁵.
poucos segundos de ar fresco e uma palmada frêmita inaugura o
oxigênio poluído nos ainda lânguidos pulmões.

passo os olhos ao redor.

o casal em calorosa discussão abaixo do epicentro da abóboda da
varanda circular.

a garçonete de meia-idade levando o mau humor de tira-gosto no
pires junto do café.

o jovem garçom acelerado, entusiasmado com seu novo quarto
alugado há duas quadras do mercado público, exibindo as manchas
de tinta na orelha – deixadas propositalmente – para exibir seu mais
novo título de bixo recebido na noite anterior.
a senhora já grisalha no outro extremo de onde estou, contemplando
o recém adquirido último volume da saga de Elena Ferrante.
até mesmo a caixa-proprietária do café, com os óculos a meio farol
estacionados na ponta do nariz e a morder o lado oposto do lápis
enquanto faz a contabilidade de um mês de veraneio nada
movimentado.

⁴ Madeira & Moschen, no prelo

⁵ Resstel, 2015

lá embaixo, de idade incerta e inestimável, o homem maltrapilho que dorme em um decano infame colchão velho, balizado por uma caixinha de trocados sinalizada com a fome escrita em caixa alta. todas estas, subjetividades tão distintas, transcendendo cor e geração, viveram os momentos inaugurais de desamparo corporal em suas vidas¹.

em hospitais, casas, sarjetas ou inesperados nascimentos em ônibus metropolitanos.
em condições e contingências singulares,
todos que hoje ainda vivem perpassaram o desamparo primordial.
do corpo nu. frágil. pequeno. delicado.
o que virá a configurar, significar e respaldar este desamparo inicial são os contextos contingenciais de cada história singular.
questões pessoais, mas não particulares.
variações do social, mas não individuais.
histórias coletivas, mas não trajetórias de heróis².

nem todos os personagens são heróis ou dotados de alguma vilania.
o mundo não é formado de mocinhos e bandidos.

junto da inaptidão primordial, nasce a dependência de alguém que ame e tome conta deste pequeno ser humano³.
na ausência de um cuidado, uma iminente violência desmedida:
a morte e a impossibilidade de sobrevivência⁴.

bato o olho no café aluminado novamente
e me pergunto como poderia um bebê se alimentar sozinho
se um adulto muitas vezes é também incapaz de o fazer.
a adulez não é sinônimo de plena independência ou lucidez.

¹ Freud, 2014 [1926]

² Betts, 2014; Rosa *et al.*, 2017

³ Freud, 2014 [1927]

o reconhecimento da *potência do adulto*⁵
– como aquele que protege, cuida e ama –
virá casado com a percepção de que isso implica estar em um estado de grande vulnerabilidade.

é neste momento que Freud⁶ entende o desamparo – até então, ligado às necessidades do organismo – como também vindo a ser psíquico:

este ser que vem para cuidar, pode,
com o mesmo ímpeto e tranquilidade
se ausentar e abandonar
– seja por falha, desejo ou contingência.

um perigo real
que produz marcas profundas
no psiquismo infantil.

**um perigo real
que não raro é o normal
em muitas histórias
de marcadores sociais
(que pensarei um pouco mais
adiante)**

logo, sem um outro e sem um investimento afetivo de amor não haveria constituição. por outro lado, sem a sua eventual ausência, não haveria comunicação:
o choro, o chamado e a inserção na fala não se fariam necessários sem a impermanência do outro-cuidador.

⁴ Madeira & Moschen, no prelo

⁵ Idem, no prelo, p. 7

⁶ Freud, 2014 [1926], p. 63

a linguagem existe para colocar os ausentes em relação¹.
é também ela a responsável pelo acesso a um mundo outro que transcende, traduz e pluraliza aquele habitado pelo corpo²:
o mundo da linguagem.

as relações primordiais acabam arquitetando o desejo e a vida em labirintos de ambivalência ao evidenciar a importância da presença e da ausência daquele que espolia seu amor.
ao que Freud nomeou *perda do objeto* envolve o medo da perda deste amor ambivalente.
daí resultaria uma angústia de abandono, remontando ao desamparo mais do que solucionando os caminhos em meio à sebe do desejo.
há uma *necessidade de ser amado que jamais abandona o ser humano*³, já que *o desamparo humano não pode ser remediado*⁴

o ninho alvoroçado no bedelho do alpendre
parece fazer hino à temática do abandono.
os jovens passarinhos-ainda-mal-vistos,
ainda incapazes de cantar,
piam em desespero pela volta do amado bico com o regurgito que
lhes alimentará.
o grito, um apelo que esganiça o início do trajeto
que um dia construirá o belo canto do confiante bem-te-vi.

é podendo, finalmente, deparar-se com o terror de poder ser abandonado

que surge o temor em voltar a um viver desamparado.
sem recursos e sem possibilidades de agir por conta própria.
sem voz, sem compreensão, nem tutela.
a partir do reconhecimento de seu estado
de completa ausência de recursos no passado é que o sujeito pode finalmente advir.

o mundo sempre foi mais que o seu umbigo
e é só agora que constata a importância
em se munir de proteções e recursos
que lhe concedam alguns mínimos fundamentos
para produzir uma também mínima independência⁵.

até a percepção de que a vida não é possível por si só,
mas extremamente dependente de alguém que lhe auxilie,
alguém um tanto estranho de um mundo externo a si,
não há razão, nem necessidade para pânico ou um apelo por ajuda⁶;
já que a estabilidade até então lhe era garantida.

a sensação de abandono surgiria com a ausência demasiada ou permanente
daquele que cuida, mesmo havendo
o chamado endereçado pela ajuda:
ali a criança estaria entregue à sua própria fragilidade⁷.
por isso, a *identificação se tece face à perda do objeto*⁸.
intervalos de ausência permitiriam o ingresso
do bebê a estratégias de apelo quando necessário.
a ausência prolongada,

¹ Madeira *et al.*, 2015

² Molina, 1996

³ Freud, 2014 [1926], p. 75

⁴ Freud, 2014 [1927], p. 202

⁵ Madeira *et al.*, 2015

⁶ Resstel, 2015

⁷ Freud, 2014 [1926]; Madeira & Moschen, no prelo

⁸ Freud *apud* Madeira *et al.*, 2015, p. 84

mesmo com rogos desesperados,
não apenas relembram – pela angústia –
o bebê de sua vulnerabilidade,
como lhe colocam em vivência direta com a sensação real de
deserção¹.

os sintomas do adulto surgem e mantêm-se
por um reconhecimento inconsciente do desamparo primordial.
o desamparo é a linguagem do adulto:
*a consciência da própria debilidade e desamparo [...] é a causa
última da neurose, se essa consciência puder se prolongar da
infância à idade madura*².

Lacan – naquilo que me foi possível compreender – apresentou um
outro lado ao desamparo.

ao invés do abandono, a devoração:

*a possibilidade da ausência é a segurança da presença*³.
uma versão outra à importância de uma “medida” de ausência.
o excesso de presença – similar ao excesso de ausência –
deixaria o sujeito em desamparo por um sufocamento que lhe
impediria de ingressar ao mundo dos falantes, já que seguiria
“aprisionado” em seu corpo de criança⁴.

dessa forma, o desamparo pode ser tanto falta
quanto excesso de presença deste outro-cuidador⁵.

o desamparo, além da proximidade com a morte,
é o trauma inaugural do sujeito singular⁶.

em última instância, é o *afeto que nos abre para os vínculos
sociais*⁷,
pois é a partir desta experiência que se encontra outros mundos em
outros olhos.

aquele que cuida é, então,
visto enquanto alguém igualmente amado e temido.
necessário
e evitado.

amado porque faz possível o viver (e não só o sobreviver).
temido porque pode deixar que a vida da criança venha a perecer.
amado porque transmite as fundações das construções singulares.
temido porque não há escolha ante as fundações que são
herdadas⁸.

como ao marasmo do mar aberto,
há um brilho tenebroso que ofusca, ilumina, cega e direciona.
no escuro cantamos em companhia à solidão,
mas não há escolha sobre estar ou não na escuridão,
podemos apenas tomar uma decisão
do que fazer em meio à dispersão⁹.

admirado sujeito pressupõe a alteridade.
quicá nasçamos solitários, mas jamais sozinhos:
o sujeito recebe *a definição de ser nascido na, constituído por, e
ordenado a um campo que lhe é exterior*¹⁰.
logo, *a noção de indivíduo não tem lugar*.

¹ Madeira *et al.*, 2015

² Freud, 2014 [1927], p. 538

³ Lacan *apud* Madeira *et al.*, 2015, p. 81

⁴ Madeira *et al.*, 2015

⁵ André, 2001

⁶ Freud, 2014 [1926]

⁷ Safatle *apud* Madeira & Moschen, no prelo, p. 11

⁸ Freud, 2014 [1926]

⁹ Idem, 2014 [1926], p. 19

¹⁰ Lacan, 2008 [1986], p. 210

vislumbrar o nosso *comum desamparo* é ter acesso à noção de que somos constituídos e amparados pelo laço social, por ter com quem falar ou a quem endereçar algum substrato de linguagem¹: *não há sujeito sem outro*².

sobretudo, o desamparo planta a necessidade de proteção. dos perigos, da fome, das doenças, do medo, da saudade. entre as muitas panaceias procuradas e encontradas, o amor é a ambivalente solução que respalda os males todos do temor e fragiliza os demais laços de afeição: *nunca estamos mais desprotegidos ante o sofrimento do que quando amamos, nunca mais desamparadamente infelizes do que quando perdemos o objeto amado ou seu amor*³.

quando deste reconhecimento de estar em uma encruzilhada, como que à deriva no emaranhado de avenidas cruzando-se entre si, infracionando uma parada em cima de uma marcação de área de conflito,

– na aporia entre o abandono e a rendição de ser puro objeto do outro –

urge a necessidade de uma via substituta que salvaguarde tanto da perda do amor, quanto de um possível ataque⁴.

é na esquina deste cruzamento psíquico que a angústia vem estacionar.

como a patrulhar e a fiscalizar os movimentos.

¹ Madeira & Moschen, no prelo, p. 18

² Quinet, 2012, p. 5

³ Freud, 2010 [1930], p. 39

⁴ Freud, 2014 [1926]

⁵ Obra de Karen Hofstetter, 2019



Despertador

soa a sirene-sineta do balcão
anunciando a prontidão
da sobremesa desejada
na mesa ao lado.

um susto...
falava de angústia...
a angústia nasce enquanto alerta,
é o mais novo alarme do sujeito,
vindo como brinde ao reconhecimento de seu próprio desamparo:
o funesto estado de abismo, sem respaldo e sem achego de
ninguém.
o insuportável e inefável continente em que primeiro habitamos.
a pangeia desertificada de possibilidades¹.

o medo é sempre o da reedição da fragilidade quando do ato do
nascimento:
o medo é da morte,
um necessário e indesejável acompanhante vitalício.

as pontes de madeira, pedra, mármore ou corrente,
com os acessos às milhares maravilhas do planeta
e às respostas às perguntas fora do cimento,
são abertas com o carimbo migratório e atestado de possibilidade de
morte.
é assinado o termo de responsabilidade por si mesmo,

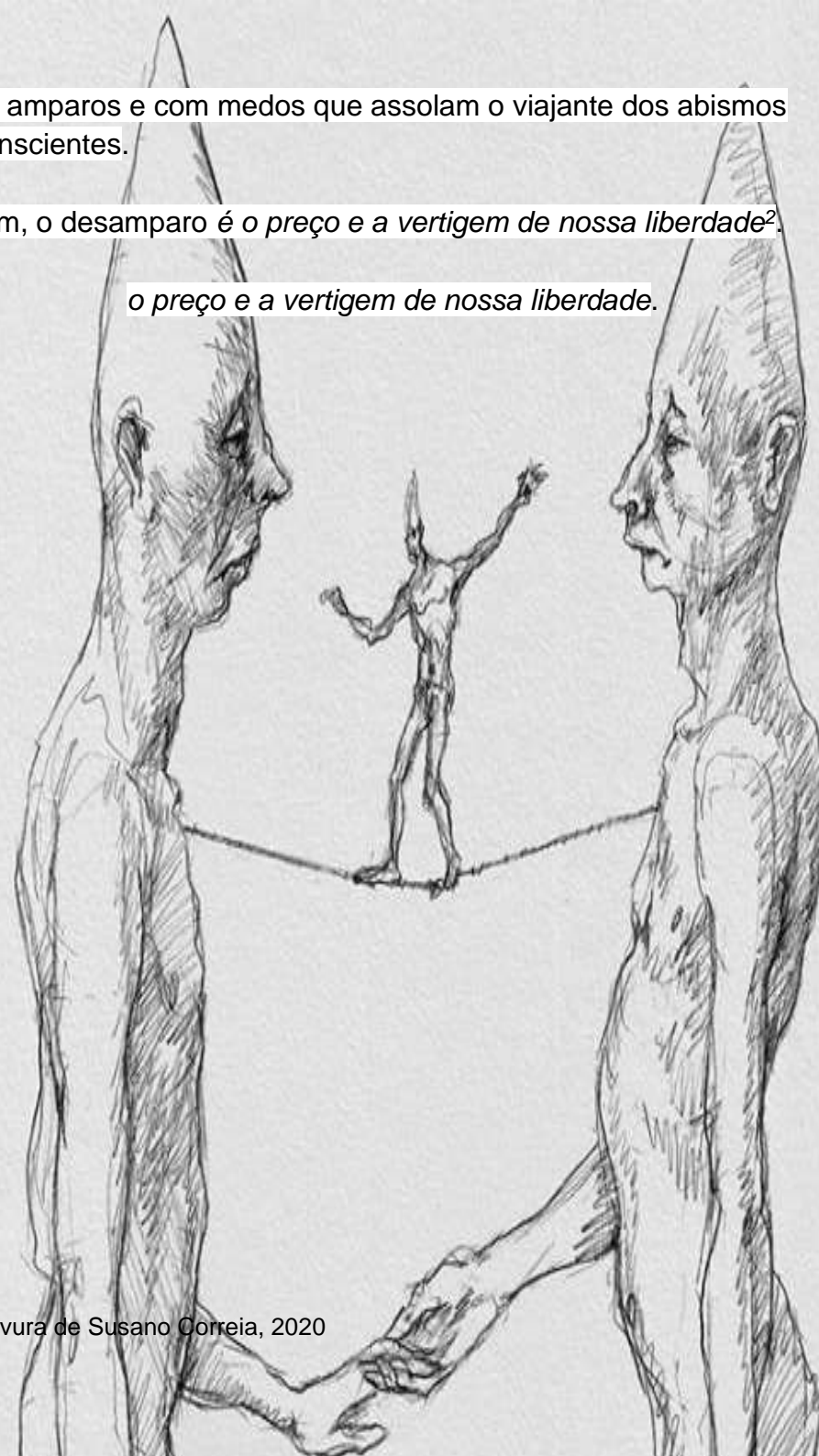
¹ Freud, 2014 [1917]

² Rocha, 1999, p. 340

com amparos e com medos que assolam o viajante dos abismos
inconscientes.

assim, o desamparo é o preço e a vertigem de nossa liberdade².

o preço e a vertigem de nossa liberdade.



³ Gravura de Susano Correia, 2020

Paraquedas

me deparo novamente com o fundo da xícara já vazia.
a borra, concentrada ao centro, mais parece agora um poço do que
o resíduo do café.
ainda sem acesso ao futuro,
me frustro e me chateio ao não poder ler em meus desejos
se é outro gole
ou se vem de outra parte
o que sinto ao querer que um líquido qualquer reintegre o meu ser.

a vertigem quase inconsciente deste poço sem desejos
realoca as viseiras para a queda em linha reta deste assento
até os escombros da travessa
nas muitas falhas entre os paralelepípedos
que atravessam o centro deste centro cultural.
vertigem. medo.
flerte com a morte.

flerte com vontades ocultadas que se mostram cheias de
promiscuidade nesta lânguida e concisa borra de café amargurada.

por vezes, não há máscaras,
tampouco álcool em gel suficiente
para sustentar a proteção
contra os discursos virais
de ministérios da verdade
tingindo roupas, paredes, gentes e existências
de vermelho-sangue.
do noticiário,

uma sensação de abandono similar à fila do abatedouro.
corpos ensacados como lixo.
comida ao formigueiro.
residência para vermes.

de ímpeto,
a vontade de uma nova bebida.
desta vez, já desperto pela cafeína,
a necessidade é de um pouco de lucidez.
com a permissão do relógio já avançado,
peço o esperado gole de cachaça.
com ela beberia
*doses excessivas de sensações absolutas*¹.

nas palavras de Freud²:

*A angústia aparece, então, como reação à falta do objeto [...] A situação que ele [sujeito] avalia como perigosa, contra a qual deseja estar garantido, é a do aumento da tensão gerada pela necessidade, diante da qual é impotente*².

nestas condições, a função da criação dos sintomas é a de justamente poder *evitar a situação de perigo que é sinalizada pelo desenvolvimento da angústia*³.

a criança, ainda que munida de linguagem e de recursos mínimos para se precaver, não sabe do que tanto se protege.

o desamparo não é desamparo de algo

– trata-se de um objeto em reticências –;

diferente da angústia, que possui um objeto⁴.

a angústia surge como o *afeto* a traduzir o *estado* de desamparo, permitindo construções para além de um vazio inenarrável⁵.

¹ Briveira, 2017, p. 16

² Freud, 2014 [1926], p. 58

³ Idem, 2014 [1926], p. 50-51

⁴ André, 2001, p. 104

⁵ Besset, 2002, p. 212

a evitar o vazio
– e no lugar do ser amado –
uma *formação substitutiva*¹ é escolhida a zelar as proteções:
uma necessária ilusão que mantém a relação de amor
com o que foi perdido.
uma ilusão que contorna a ambivalência de afetos
e acorda o armistício da angústia.
ideologia, religião, governo, crença, objeto, herói, local ou fantasia...
são apenas alguns dos exemplares corriqueiros a ocupar
o leque de opções – como em quiosques de revista –
para a gerência do controle dos afetos
e do apaziguamento das angústias.
não à toa estampando prateleiras com frases de efeito,
autoajuda ou imperativos de “torna-te tu mesmo”.

o alarme disparado pela angústia,
diferente daqueles de incêndio ou de carros arrombados,
anuncia o perigo da catástrofe psíquica.
na impossibilidade de uma ação concreta,
como portas corta-fogo,
a calamidade da psiquê estabelece perigos em que seja possível
evitar geograficamente – como em incêndios – ao invés de uma
reação “autoimune”.
no lugar de uma desenfreada reação de pânico,
um cachorro, aranha, elevador, vertigem ou agulha vem em seu
lugar
para serem afugentados no mundo físico compartilhado.
assim, o contato direto com o medo de morte
provocado pelo vazio do ido desamparo

¹ Freud, 2014 [1926], p.47-48

² Freud, 2014 [1926]

³ Idem, 2014 [1926]

– a grande ameaça interna do sujeito –
é externalizado a algo do real que pode ser deixado longe,
expurgado ou executado mais facilmente do que a elaboração da
vala que acompanha a todos nós².
o medo e a proteção, acabam justificando possíveis ações de
aniquilação daquilo que denuncia a fragilidade de quem teme pela
vida.

daí viria a precificação e hierarquização da vida?

os conflitos são, assim, guardados fora³.
em ambiente controlado e à distância dos pensamentos
involuntários
– como em uma caixa de pandora ou em um baú de davy jones.
em meio à vertigem do abismo existencial,
as proteções inconscientes elaboram dicionários,
guias e manuais de perigos
associados às devidas soluções:
baldes e panos às goteiras.
coleiras à matilha.
vertigem para o medo de altura
e o que fazer com a estranheza social?
guias de convívio social e almanaques definindo o bem viver.
moda no capricho. donas da beleza. o tititi do viver dos bilionários.
a externalização de ameaças e inseguranças garantindo o ilusório
controle
dos próprios sentimentos⁴.

inicialmente, a criança produz ilusões e idealizações de um certo
*desejo de plenitude imaginária*⁵
– que terão efeitos futuros no laço social.

⁴ Idem, 2014 [1927]

⁵ Rocha, 1999, p. 337

Estes ideais imaginários,
estabelecem as ilustrações de proteção
e as cores de acesso à alteridade
por reconhecerem as próprias deficiências
– o que justificaria a produção de um ideal de si
e fantasias de sucesso e heroísmo frente aos outros.
como um estojo limitado de lápis de cor
fazendo necessário a busca a alguém
para encontrar as cores ainda ausentes.
ou como em brincadeiras de super-herói
onde se é o forte salvador dos perigos invisíveis aos adultos
justamente porque ali é possível
assumir a própria languidez¹.

afinal, por que criar cenários comprovando nossa força
se houvesse esta segurança no mundo psico-corporal?

através da ficção
a negação da realidade é afirmada
e o desamparo confirmado
por imagens e concepções onipotentes de si mesmo.

em outras palavras, a posição passiva de fragilidade do corpo
infantil
é então revertida em ativa ao produzir novas versões
às ameaças de abandono e de devoração sofridas no desamparo
primevo².
sendo o abismo sem significação e o sufocamento os respectivos
representantes daquilo a que se evita a vida inteira.

o contato e vínculo com os outros,
nessa busca incessante por alguém-algo
que recriará a jamais possível sensação de completude
– tal qual a anterior à percepção do desamparo –,
é o que coloca o sujeito em laço social³
para outrar suas lacunas, bravatas e redutos.

no fim, o viver é uma eterna homenagem à herança recebida.
uma homenagem sob o custo da vida
e construída em um mosaico de diferentes sentimentos.
o que na infância representa o *eterno brincar de esmagar e inflar*⁴
seus objetos primeiros, medos, angústias, perigos e amores;
na adultez se tornará parte do cimento que ligará os muitos laços
sociais e objetais de seu desejo independente.
são estas construções as responsáveis pela socialização;
pela inserção nas relações comuns;
pela alteridade e
pelo senso de coletividade
que serão parte das agora duradouras garantias de amparo
às ameaças inconscientes do sujeito⁵.

as vigas
– vindas todas da infância –
fazem do posterior acabamento
apenas duras capas de concreto
que escondem o material da estrutura.
uma bela arquitetura exterior,
de fachada de marfim,
recobrimdo o interior
encoberto pela neblina de poeira acumulada.

¹ Freud, 2014 [1927]; Madeira & Moschen, no prelo

² Freud, 2014 [1926]; Madeira & Moschen, no prelo

³ Flach, 2016; Freud, 2014 [1927]

⁴ Madeira *et al.*, 2015, p. 87

⁵ Freud, 2010 [1930]

casa. paredes. alicerces.
teto. telhado. alpendre. claraboia.
ainda que ilusórias,
as ilusões, invenções e criações refletem parte importante do viver.
a vida é feita de enganos¹.

a dúvida e o vazio
abrem as portas de uma errância até então enclausurada.
os conflitos internos se tornam os perrengues do viver cotidiano.
mal-estares. desconfortos. aspirações. conformidades.
estampados em janelas. pôsteres. calçadas aceleradas.
trajes chique-à-vontade. marquises. e medianeiras.
grafites. vandalismo. esculturas. arte. arborismo.
postais de resoluções inconscientes
que tomam as ruas construindo sociedade
em meio à busca de destinos similares².

sujeito e cidade nos enlaces sociais.
sujeito-a-céu-aberto.
sujeito-escafandro
sujeito-limosine
sujeito-esmola.

versões às diversões e aversões que habitam o ser jamais
individual.
*através da foto de família, todo um mapa do mundo*³.

a origem da produção de um grupo em união pode residir avizinhada
a um perigo ou a um medo.

¹ Freud, 2014 [1927]

² Flach, 2016; Freud, 2010 [1930]

³ Deleuze & Guattari, 2015 [1975], p. 24

um inimigo bem delimitado pode ser demarcado
e utilizado enquanto elemento unificador de um grupo que protege
na medida em que define um dentro e um fora⁴.
a consistência interna garantida pela ameaça externa.
exclusivos versus excluídos.
a sustentação do desavindo produzindo uma ilusória terra da
harmonia⁵.

fronteiras. cercas. condomínios.
roupas. acessórios. norma culta do falar.
inimigos e aliados do viver pleno.
continentes invisíveis e ilhas desertas de circulação.
culto pelo igual e condenação à diferença.
exércitos de conformidade.
arquipélagos e galápagos sociais.
vidas dedicadas ao *green card*, visto ou *titre de séjour*
do estar e circular cotidiano.
um carrossel humano⁶.

assim, o medo e ameaça de morte
vividos psicicamente no desamparo,
ganham acesso ao ar livre
e passam a ser evitados nas calçadas da cidade;
possibilitando a antecipação de um possível encontro desastroso
com aquele que agora representa o perigo externo ao sujeito.
um resguardo da subjetividade que pode e causa graves danos nos
tecidos sociais:

⁴ Freud, 2011 [1921]; Freud, 2014 [1926]

⁵ Mbembe, 2018 [2003]

⁶ Lages e Silva & Baptista, 2014; Negri, 2010

se na infância as ameaças ficam concentradas em fobias de animais ou em situações agorafóbicas¹; na adultez, o enlaçamento de união grupal e social – herdeiros de almanaques, histórias e preceitos milenares – passa a erigir um inimigo escolhido a dedo para compilar o ambivalente forte-fraco personagem violento que ameaça o “bem-estar comum”. definindo o “cidadão de bem” em um grupo estruturado e servindo de alvo fácil ao medo ressignificado como raiva para ser aniquilado².

o desamparo, assim, estaria nas entranhas das violências da conformidade na aceleração das avenidas. assim como nos escombros das ameaçadoras transversais sem rede elétrica³.

*Têm um coração
Que deve se cego,
Por isso amparam-se
A uma espingarda,
Como os cegos
A uma bengala⁴.*

¹ Flach, 2016; Freud, 2010 [1930]

² Mbembe, 2018 [2003]

³ Betts, 2014



⁴ Pimenta, 2015, p. 27

⁵ Pintura de Norris Yim, 2020

Desamores

Pés brancos sobre estrelas

*Vocês se apoderam das terras
Dos rios e dos mares
Dos campos e das cidades
Dos costumes e das leis
Da vida e da morte
Do céu e do inferno
De Deus e do Diabo*

Vocês se julgam senhores exclusivos de tudo

*Vocês estão esquecidos
De que tudo aqui foi construído por mim
E ninguém mais*

*Vocês não percebem
Que pisam o sangue sagrado de meus ancestrais¹*

distante,
o céu se colore de uma névoa poluída.
a memória de uma usina à beira-rio
leva até o som das dores de uma igreja para sempre torta
pela justa maldição de uma herança colonial.
visível dos armazéns abandonados de um cais,
não só a igreja, mas os restos das árvores chacinadas
denunciam a quantidade de mortes
que se apresentam fora do cemitério
e sem homenagens.
de fato,
centro histórico

de um porto que alega alegria².

sinos e sirenes ralham
a já presente tensão do som ambiente
perturbado pela charanga inquietante
de *construção*, de Chico Buarque.

um último gole pra benzer
e bato em retirada
com o mosaico de guardanapos
em que fiz minhas digressões
para estancar o vazamento invisível
de ideias líquidas que serão cimento
às estruturas de onde volto a caminhar.

deflagro a incompreensão em quem me olha
de bolsos estufados de papel:
“rinite é foda”.

bufo de cigarro. bebê no colo. boteco às três da tarde. risada na
caminhada.
cachorro abandonado. taxista acelerado. sino da bicicleta. biombo
do brechó.
gritaria, choro, gargalhada.
bota fumeiro da igreja. chimarrão na grama verde. sacola ecológica
ao lado da casa de papel plástico.
cheiro de fritura. esgoto a céu aberto.
suspensão arrebatando no barranco. para-choque arranhando na
subida.
feira. protesto. panfletinho.

¹ Assumpção, 2020, p. 14

² Santos, 2014

“ajuda pro amigo?”. leite pro mendigo.
sapato na poça de lama. vitrine da Guaíba. aplauso no teatro.
a previsão era de chuva, mas o sol apareceu.
marcas de pegadas embosteladas.
tropicada na lajota. suspiro, ajuda e risada.
regata. agasalho. bolsa. tênis. jeans. vestido.
grisalho. loira. jovem. idoso.
“quando voltou as boca de sino?”.

no perfeito dialeto de artigos no plural
e palavras no singular porto-alegrês,
a rua é eloquente em costurar bordados de cenários inefáveis.
caos. desordem. marcha. progressão.
o medo do acidente e a risada do tropeço
lado a lado e de mãos dadas proseiam à calçada,
transbordando meio-fio ou faixa de pedestre.
aqui, nada se entende, tudo se sente.
e, talvez, por isso, more aí transigência com a ansiedade.
palco do improvisado e da surpresa,
a cidade guarda inconsistências que não se pode controlar¹.
tampouco ignorar.

nascem, neste berço, as profissões de profusa inteligência
a regerar o que definiria uma cidade perfeitamente coerente.
ciência. religião. segurança. higienização.
padronização. localização. urbanismo. psicossocialização.
a Verdade, uma filha de retalhos, dita as regras conforme a ordem e
o progresso.
uma desesperada tentativa de enquadrar angústias de classes
abastadas

de modo a controlar inseguranças de uma infância desamparada.
o desamparo se serviu de todos um pouco.
mas são alguns outros poucos que controlam onde-quando-quem
terá sufocos ou confortos.
a utopia de alguns transvestida de distopia de incontáveis.

a herança, além de recursos da psiquê,
vêm também da história e da cultura semeadas há centênios
por debaixo das centelhas de edifícios espelhados².
*a cidade não pode ser pensada fora da história*³.
um espaço segmentarizado onde cada um sabe
o seu designado lugar de direito
(ou adireito)
em meio às ruas regidas pela *lógica do sobrevivente*⁴.
competidores massificados de semi-iguais na luta pelas migalhas
derrubadas dos pães gourmetizados dos escritórios
dos mandamentos sociais⁵.

¹ Flach, 2016; Mizoguchi, 2009

² Mbembe, 2018 [2003]

³ Mizoguchi, 2009, p. 78

⁴ Mbembe, 2018 [2003], p. 62

⁵ Han, 2017

Inços e raízes

o que se inicia enquanto um ato biológico inaugural,
vem a se tornar um decisivo fator psíquico-social a que o sujeito terá
como referência frente ao caos da vida e do mundo em que habita:

cada um construirá suas estratégias singulares às amarrações,
elaborando o comum desamparo a partir das referências que lhe
forem possíveis
e estiverem disponíveis¹.
o contato com a alteridade implicaria
na ampliação das opções para a resolução de problemas;
o que acontece, porém,
é a visão de que a diferença e suas contingências,
ao invés de novas auxiliares da estrutura do corpo social,
personificam ameaças e se tornam expositoras da fragilidade
ocultada nos sujeitos².

as vidas precarizadas e marginalizadas
são utilizadas como personagens para ilustrar
e evocar o desamparo alheio;
sendo, em seguida, fortemente evitadas, ignoradas e excluídas
pela cegueira urbana da busca da felicidade e da luta contra a
selvageria social³.
a competição é estabelecida de forma a afugentar-se
de conflitos com a imagem do possível desamparo
– agora não mais psíquico, mas também social e discursivo.
as mãos de ajuda escondem-se nos bolsos
e os discursos de “coitado” ou “deus me livre” proliferam

¹ Freud, 2014 [1927]

² Rosa *et al.*, 2017

³ Mbembe, 2018 [2003]; Rosa, 2002

⁴ Han, 2017; Rosa *et al.*, 2017

culpa nas regências de uma meritocracia individual⁴.

álcool em gel 70%. desinfetante. alegre. resfenol

o olhar, enredado pelas rédeas que impedem a visão bilateral.
ruas de mão única: olhar adiante.
passa o tempo: avanço, ordem e progresso.
“não olhe para trás”.

o semelhante ordinário é o inimigo imediato ao invés de um aliado
bem equiparado.

o distante abonado é o modelo prioritário ao invés de inimigo-
açougueiro que retalha corpos e estratos sociais em benefício
próprio⁵.

arquiteto dos viveres. urbanista dos dizeres.

a inferiorização dos outros corpos atestaria sua força vencedora do
temor de morte evocado pelo desamparo⁶.

herdeiro do reinado sobre um cemitério silenciado.

aqui, o encontro da instância psíquica com o patrimônio socio-
histórico que mapeia o espaço urbano⁷.

o caráter individualista na formação de sintomas
e na convivência social ganha corpo neste modo de viver
competitivo.

cumprindo a função protetiva singular de não se abrir demais à
alteridade,

mas também a de enfraquecer o comum;

já que, frente à colisão de fantasias diferentes

– ainda que similares –,

⁵ Mbembe, 2018 [2003]

⁶ Freud, 2010 [1930]

⁷ Mizoguchi, 2009

não se encontre diálogo, mas conflito a ser evitado¹.
um conflito produtor de inimizades e não de construções:
o outro. o próximo. aquele que divide o comum do desamparo²
é quem passa a ocupar o lugar de ameaça no tecido psíquico,
urbano e social³.

entre bairros, pertences, raças, classes, gêneros e sexualidades,
os circuitos de inimizades criam uma sociedade persecutória de
corpos controlados, tomados por fracasso, depressão, overdose,
abandono, violência e conformidade⁴.
com poucas possibilidades de verbalização e/ou construção
comunitária entre as muitas semelhantes diferenças de potenciais
revoluções.
enquanto isso, o lugar de ditadores soberanos
permanece, ao longe, inatingível,
no topo de um morro da cidade sem calçada.
um “normal” tornado óbvio e escamoteando agressões⁵.

o outro, a alteridade, a diferença, porém,
acabam representando fronteiras subjetivas em níveis diferentes:
há o outro imediato, aquele escolhido à semelhança
– como o vizinho, o colega de trabalho, as amizades, pessoas de
pensamento similar. estes apresentam um risco baixo à
autoproteção e isolamento⁶;

há, por outro lado, a fronteira perigosa com um território de guerra:
mais distante, ameaçador, definido por preconceitos de um senso
comum;

aquele cujos habitantes, com suas vidas e existências,
configuram um afronte às proteções contra a angústia e medo de
ataque ou morte:
o estrangeiro. a pessoa de cor assinalada. a pobreza. a miséria...
aqueles que conjuram o insuportável do desamparo apenas com
sua imagem⁷.

imagem estampada no noticiário.
na linguagem.
no cinema.
na saúde.
no dessaber da cultura popular.
nas definições de dentro e fora.
de vida e morte.
de cidadão e de selvagem⁸.

ante a égide de um mito de pátria⁹,
– uma utopia do perfeito cidadão
e da plenitude do viver –
as vidas excluídas dos retratos dos postais definidores de nação,
saúde, beleza e população,
são tornados inimigos daqueles que almejam tal impossível
perfeição.
a diversidade de existências é assaltada de linguagem e rotulada
como
a origem de todos os problemas encontrados no caos de uma
cidade em agito incontrolável¹⁰.
o assassinato da vida e da cidade é cometido a sangue frio

¹ Han, 2017; Mbembe, 2018 [2003]

² Freud, 2010 [1930]

³ Rosa, 2002

⁴ Han, 2017; Mizoguchi, 2009

⁵ Mbembe, 2018 [2003]; Rosa *et al.*, 2017

⁶ Costa & Fonseca, 2013

⁷ Mbembe, 2018 [2003]; Mizoguchi, 2009

⁸ Kilomba, 2019 [2008]

⁹ Konder, 2009

¹⁰ Kilomba, 2019 [2008]; Rosa, 2002

em prol de um ideal que faz a todos de servis¹.
corpos resignados sob a justificativa da ciência.
os maestros de si se tornando operários de si².
a “democrática liberdade de expressão”.
a política da vida plena negando a pluralidade da condição humana³.

a constitutiva disponibilidade à abertura
– tão importante à constituição psíquica –
passa a tomar posse de uma delimitação desta disposição
sob o suposto risco de uma “perda de essência” do indivíduo⁴.
renuncia-se ao compartilhamento e à produção de diferentes territórios
para definir certezas sobre o viver.
em território conhecido
– normalizado pelo infinito repetir das linhas circulares do centro da cidade –,
massificam-se opiniões, desejos e caminhos a seguir.
definindo, inclusive, os eleitos a poderem ou não fazer parte
deste seleto grupo de arrivistas⁵.
a promessa é para todos,
com o subtexto de ser garantida para poucos.
o pretexto desta seita?
alguns devem ser mantidos à distância em nome da proteção à vida⁶.
direitos garantidos aos “cidadãos de bem”.

o conceito do maniqueísmo social definido nas ranhuras dos estratos sociais.

em nome de uma falsa segurança onipresente
– psíquica, econômica, social... uma panaceia da existência –
as relações comunitárias e com si-mesmo
são desumanizadas⁷.
através da categorização de estratos sociais
e de saberes sobre o correto modo de viver,
a diversidade é segmentarizada e massificada.
de forma a definir as ameaças, os discursos e os corpos⁸.
o desamparo primordial é atualizado ao produzir desamparos sociais
e discursivos
em meio à conformidade, competição, aceleração, overdoses do rendimento,
exclusão e abandono⁹.
retirando-se o discurso, o sujeito é subjetivado por um novo desamparo ao ter de conformar-se com sua impossibilidade de narrar a difícil realidade recortada dos postais da cidade envernizada¹⁰.
ou ao faltar-lhe palavras para fazer memória do porquê a vida é a luta nunca finda com o relógio.
entre rotinas de trabalho e doses de doze em doze horas.
hoje, a cidade e suas subjetividades,
não permitem uma escolha, mas uma resignação às linhas pontilhadas já traçadas no horizonte¹¹.

¹ Mizoguchi, 2009, p. 71

² Han, 2017

³ Mbembe, 2018 [2003]

⁴ Esposito, 2011

⁵ Han, 2017

⁶ Mbembe, 2018 [2003]

⁷ Betts, 2014; Han, 2017

⁸ Han, 2017

⁹ Rosa, 2002

¹⁰ Mizoguchi, 2009

¹¹ Betts, 2014; Maldonado & Cardoso, 2009

para existir, é preciso língua.
é preciso voz,
mas antes de tudo,
é preciso ouvido.

ecoa a sirene no túnel do viaduto.

.....
Cerco continental. Ilhado. remador

Eu sei que a gente se acostuma. Mas não devia.

[...] A gente se acostuma para não se ralar na aspereza, para preservar a pele.

Se acostuma para evitar feridas, sangramentos, para esquivar-se da faca e da baioneta, para poupar o peito.

A gente se acostuma para poupar a vida que aos poucos se gasta e, que gasta,

de tanto acostumar, se perde de si mesma¹.

o deliberado isolamento, o afastamento dos demais é a salvaguarda mais disponível contra o sofrimento que pode resultar das relações humanas².

a cidade e o outro tornam-se sinônimos da imprevisibilidade dos perigos iminentes que nos levariam à angústia e à morte³.

inimigos do ideal de vida plena. arruaceiros do cidadão de bem. perversos do cotidiano⁴.

só se esquece, por outro lado, que o demasiado isolamento ou o excesso de envolvimento

leva corpo e existência à exaustão⁵.

esgotamento do sujeito-dejeto.

coabitantes recorrentes do sofrimento que beira uma angústia outra e mais silenciosa⁶.

A metrópole é mundo comum. Ela é o produto de todos – não vontade geral, mas aleatoriedade comum⁷.

entre um cigarro e outro,

avulso e individual,

a fumaça em cada longa tragada

faz do dia um céu nublado

permeado de barreiras de fuligem

impedindo que frente às dunas de tocos acumulados entre os paralelepípedos,

a semelhança dos estados de angústia, sofrimento e amargor possam ser tecidos em conjunto para destituir o estupor.

cada um em suas cápsulas de existência,

em produções de desencontros, medo, fuga e abulia⁸.

mesmo a pichação denunciando um sentimento de coabitação é chamado de calúnia e desrespeito com a parede desbotada⁹.

ao tentar fugir de um ameaçador perigo externo, tudo o que fazemos é aumentar a distância física entre nós e o que nos ameaça¹⁰.

seja de outros corpos, ideias ou estados de consciência.

o embotamento conformado, se torna o dessubjetivado presente possível

para tolerar as diferentes violências do cotidiano.

morfina, álcool, heroína no escritório.

craque, cola, metanfetamina na esquina.

café, cigarro e aspirina aos contidos.

doce, bala, pó aos extrovertidos.

¹ Colassanti, 1985

² Freud, 2010 [1930], p. 32

³ Flach, 2016

⁴ Mbembe, 2018 [2003]

⁵ Han, 2017

⁶ Oliveira et al., 2014

⁷ Negri, 2010, p. 202

⁸ Costa & Fonseca, 2013

⁹ Flach, 2016; Mizoguchi, 2009

¹⁰ Freud, 2014 [1926], p. 68

a tinta da união estampada na separação de assentos, faixas, praças e vagões da desurbanização da convivência. um controle dos corpos livre da figura centralizadora. corpos autodidatas¹.

a velocidade e vias movimentadas resolveriam tal questão. em uma ambivalente inserção-exclusão no convívio social a falta de tempo ampara e aprisiona o pensar.

uma defesa à semelhança da chuva ácida, molhando e corroendo a pele em um dia de calor. corpos tatuados pelo tempo acelerado com catalisadas linhas de expressão. onde falta voz, o corpo surge como eloquente palestrante².

o laço ao outro segue, mas limitado e conturbado quem de fato está dentro deste laço? a quantos metros de distância é permitido conviver?

entre túneis de concreto e de palmeiras direcionando corpos e maneiras, gírias e gingados, a normalidade do agito e dos trajetos é afirmada na tentativa de barrar colisões e manifestações exacerbadas contra o assegurado dentro-fora da cidade³.

¹ Han, 2017

² Betts, 2014

³ Aguiar, 2003



o difícil acesso à periferia,
facilita a exclusão dos seres-dinamite
que implodiriam um sistema pautado
em sujeitos-anti-bomba¹.

dentro das barreiras,
a exaustão é a maneira
que os corpos clamam por apelo
fora dos circuitos produzidos sobre vias destrutivas.

como em um marasmo,
o cansaço,
esgotamento,
conformidade,
agito,
pressa,
atraso,
medo,
são as avenidas afluentes de subjetividades construídas sobre
modelos desumanos de comportamentos assertivos sobre como ser
humano².

exclusões. racismo. preconceitos. negação. desamparo.
as marquises e lajotas da calçada
muitas vezes aportam densidades que encobrem as paisagens até
no dia mais ensolarado de verão.
o céu rosa em despedida áurea do domingo e o placar amargo de
um grenal

acabam sendo coadores de emoções entupidas para extrair algum
resquício de vivência em corpos fúnebres que respiram poluição e
se alimentam de agentes químicos empacotados³.

corpos dopados de sono, depressão, euforia, agito e preocupação.
impedidos de um acesso ao outro a não ser pela desconfiança
ou extrema semelhança que garanta coalisão⁴.
a cegueira e aversão, ambos asilos degradados
– mas mantidas por serem inquestionáveis –
da violência ao ver corpos desamparados que ressoam as
entranhas em cada um⁵.

o ódio. a exclusão. o abandono. a violência. maus-tratos.
negligência.
ronco do estômago. estampido de canhão. fogos de artifício
espiando genocídio.
reações das mais diversas políticas de vida e de morte em proteção
egocêntrica em nome de um super-humano jamais existente
concentrado no imperialismo de adultos-homens-brancos ainda
desamparados enterrando corpos outros como preceitos de
liderança, força e perseverança.

controla a angústia quem controla as mortes.
fazer morrer. deixar sobreviver⁶.

ordenanças imperiais de cidade-abatedor.
sujeito-computador.
subjetividade a códigos binários.
habitantes do desamparo nunca superado.

¹ Freud, 2010 [1930]; Mbembe, 2018 [2003]

² Betts, 2014; Fonseca, 2017

³ Filho, 2016; Mizoguchi, 2009

⁴ Ham, 2017

⁵ Broide, 2014

⁶ Mbembe, 2018 [2003]

a perversão nos atos e decretos de políticas a guiar correntes de humanos
na eterna dependência de direitos básicos à vida.
a saúde-colo.
a educação-transmissão primeira.
a segurança-acalanto.
cidadãos encarcerados nas cidades muradas¹.
sempre criancadas em fantasias de plenitude e velocidade
que iludem a adulez e a independência ao forjarem o individualismo
em atividades de abandonar aos outros para sentir-se
desabandonado pelas forças supostamente protetoras².

os movimentos do urbano,
por repetições infinitas do cotidiano,
alimenta as fantasias de desamparo sedentas por objetos a
materializarem as angústias a serem evitadas no mundo real.
dessa forma, a cidade faz do desamparo um *modo de subjetivação*³.

os movimentos de desurbanização,
cidades para carros,
terrenos baldios,
cercas abandonadas,
prédios-muros acinzentados,
mal cheiro,
aglomerados humanos...
cenas e imagens que compõem uma cena de intensa ansiedade e
alarme pelos fantasmas que ali possam estar a assombrar⁴.

Ainda que com bordas suficientes para chegar a algum lugar, estar à
rua, em terra de ninguém, é estar à mercê da violência, morte e

assalto das morais e dos amparos de um apartamento ou caixões
de laminados embalando gente à vácuo para a assepsia das
pandêmicas ruas populares⁵.

por vezes,
um segundo de respiro e tranquilidade
quando simultâneas sinaleiras
temporizam um parar.
tempo de escutar o ar pentear os cachos soltos.
repensar a longa lista de afazeres da semana.
e preparar o fôlego para o próximo bater de gongo
quando a sina volta a ser verde
e a brisa que soprava gentileza
retoma o agressivo vendaval da ultrapassagem
com barulhos e odores expelidos por um velho carburador.

a pausa e o belo
namoram escondidos entre as ruelas e travessas
por detrás das muralhas de concreto e do asfalto incendiário.
nas brechas e intervalos,
reina o sentimento de incompreensão da loucura da alienação.
o corpo chega a quase se acostumar com um ar floral
quando a esquina vira em outro fluxo de subjetivação.

propaganda. imperativos.
ordens de saber.
julgamentos. exclusões.
arte à sinaleira, vazio estomacal.
água na calçada. bravejos de sujeira com a vassoura-cassetete.
os acontecimentos nos encontros e desencontros

¹ Freud, 2010 [1930]; Han, 2017

² Freud, 2014 [1927]

³ Oliveira *et al.*, 2014, p. 23

⁴ Hustwit, 2011

⁵ Costa & Fonseca, 2013; Mizoguchi, 2009

servem de agulhas no bordado dos desejos
e efeitos que os passantes sofrem ao se movimentar¹.

o acidente na esquina.
ônibus atrasado.
a nota de 20 pila encontrada no gramado.
promoção de tomates no final da safra.
poça d'água encharcando a roupa nova.
meia molhada.
sol depois do almoço.
bergamota no ru.
teatro a céu aberto.
aumento na passagem.
corte no sus.
declaração do presidente.
abuso no campus.
festival de rua.

a cidade e suas histórias construídas e enredadas
no minuto a minuto,
na iminência dos segundos,
nos fazeres do momento,
constrói jeitos, pensamentos, sentimentos e preconceitos.

cidade e sujeito constroem-se mutuamente como em uma
betoneira².

estar em meio ao fluxo irrefreável dos tráfegos urbanos é estar
inserido em um estranho laço social.
estar de fora é ser o fora:

loucura. margem. pobreza. fome. frio.
a perda de todos os direitos de “cidadão” e incorporação da própria
morte com o corpo em abandono³.
há escolha por estar dentro ou fora?
quais e quem são, de fato, os inimigos que balizam as passagens e
as arapucas da cidade⁴?

.....

¹ Filho, 2016

² Flach, 2016

³ Costa & Fonseca, 2013; Mumford, 1998 [1961]

⁴ Mbembe, 2018 [2003]



Empoleirar

AQUILES E PÁTROCLO

*Nem sucessivas e sucessivas migrações de aves
Perfarão a distância que agora nos separa
Mas esta nau não me levará a casa
E seguir-te não será morrer¹*

*muitas pessoas permanecem infantis em seu comportamento diante
do perigo e não superam condições para a angústia já caducas².*

no litoral entre a água e o concreto,
sento-me à beirada.
empoleirado junto dos dejetos das aves portuárias,
miro os imensos armazéns esvaziados
enquanto ouço o silêncio da encosta
perturbar-se com o burburinho da metrópole em minhas costas.
suspiro exaustão.
sussurro.
assovio.
anúvio.
vivo.
uivo.

o desamparo, peça essencial e obrigatória em toda a nova vida,
acaba iniciando o sujeito em um conflito que lhe mantém
a vida inteira em um ser criança.
colocando-o sempre em busca de uma fuga,
se não exclusão,
de perigos suburbanos há muito existentes em sua psiquê.

¹ Faria, 2016 [1998], p. 43

² Freud, 2014 [1926], p 69

o que surge enquanto algo do particular,
devido a consensos culturais apropriados e herdados através das
gerações,
faz do mecanismo psíquico de estruturação
o principal responsável pelo laço social¹.

sustentando as incansáveis tentativas de controle do romantizado
“natural”.

ou seja, definir o desejo, o humano, o ser, a vida e a morte.
estabelecendo um lugar no mundo e construindo historicamente
hierarquias sociais, os conflitos e colisões ocorridas em conjunto
definem um viver desumanizado e pautado em desejos de morte
de quem, com o corpo, concentra a memória inconsciente do
desamparo
dos “regentes culturais”.

deflagrando um viver em território de constante guerra
invisibilizada².

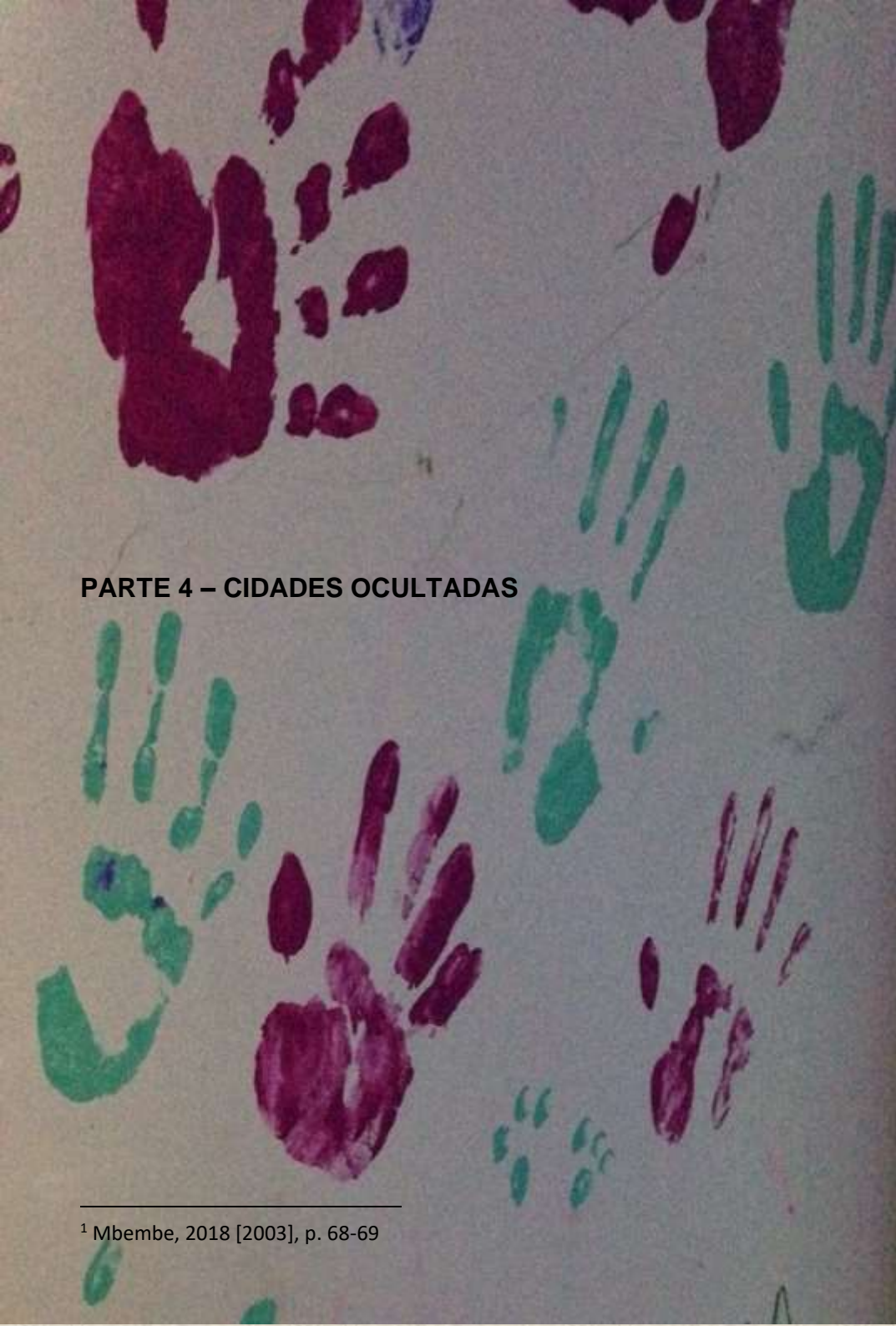
retomo o caminho do chiado
pela única calçada que resta a caminhar.
nos escombros-bastidores dos serviços de algum lugar.
junto das vitrines, cozinheiros e lojistas no intervalo sorvendo
lentamente seus cigarros como a incendiar as angústias em
fumaças de aura pesada.
manequins *slim fit* estampando a moda-primavera em floridos
girassóis, margaridas e camélias tom pastel.
a roupa dos corpos mortos de polímeros – plásticos ou acrílicos –
violenta os corpos vivos dos modelos respirantes frente aos vidros,

como em uma exposição-intervenção de arte melancólica.
quiçá *nouveau*.
a longas distâncias em peso, altura, cor e continente.
Cuba, Senegal, Haiti, Venezuela.
miscelânea verbal entre francês, *creole*, espanhol e português.
muitas vezes estrangeiros brasileiros expurgados da própria língua
antes mesmo de poderem verbalizar.
tudo pro mesmo saco da classificação por detalhes triviais.
corpos classificados,
anunciados
e silenciados pela matalotagem de discursos
que afogam qualquer palavra que tenta desafundar da superfície.
uma enchente de discursos
separando sofrimentos
por barreiras aparentemente inexistentes³.

¹ Betts, 2014; Freud, 2010 [1930]

² Rosa, 2002

³ hooks, 2013; Kilomba, 2019 [2008]



PARTE 4 – CIDADES OCULTADAS

Viver sob a ocupação contemporânea é experimentar uma condição permanente de “viver na dor”: estruturas fortificadas, postos militares e bloqueios de estradas em todo lugar; construções que trazem à tona memórias dolorosas de humilhação, interrogatórios e espancamentos; toques de recolher que aprisionam centenas de milhares de pessoas em suas casas apertadas todas as noites do anoitecer ao amanhecer; soldados patrulhando as ruas escuras, assustados pelas próprias sombras; crianças cegadas por balas de borracha; pais humilhados e espancados na frente de suas famílias; soldados urinando nas cercas, atirando nos tanques de água dos telhados só por diversão, repetindo slogans ofensivos, batendo nas portas frágeis de lata para assustar as crianças, confiscando papeis ou despejando lixo no meio de um bairro residencial; guardas de fronteira chutando uma banca de legumes ou fechando fronteiras sem motivo algum; ossos quebrados; tiroteios e fatalidades – um certo tipo de loucura¹.

¹ Mbembe, 2018 [2003], p. 68-69

Cidades ocultadas

A cidade do colonizado [...] é um lugar de má fama, povoado por homens de má reputação. Lá eles nascem, pouco importa onde ou como; morrem lá, não importa onde ou como. É um mundo sem espaço; os homens vivem uns sobre os outros. A cidade do colonizado é uma cidade com fome, fome de pão, de carne, de sapatos, de carvão, de luz. A cidade do colonizado é uma vila agachada, uma cidade ajoelhada¹.

aqui a cidade revela suas cores.

os meandros de existência ocultados entre o concreto,
aparecem em calujes, palafitas, palhoças e choupanas.
esteira. alpendre. tapume. tábuas. caço. lata. espuma.

o choro ao fundo.

feijão no fogo.

galinha no gramado de capão.

a rádio esperança com a oração em eco.

prece. crença. reza.

fé.

o apelo do bebê.

o abandono primordial.

mundo da linguagem.

desamparo inaugural.

os conceitos tão a fundo estudados

e clinicamente comprovados

aqui ficam barrados na entrada.

busco, nos bolsos,

as anotações para recompor as considerações.

de fato, já é junho, mas as serpentinas repicadas que passeiam
pelos céus

não são de festa junina.

são meus guardanapos sujos de proclamações sobre a verdade do
humano.

nem Verdade. nem Humano.

assim meu clinicar sobre o urbano também mostra

o fazer do desumano.

é preciso repensar.

produzir um vocabulário de encontro em meio à diversidade
que cinge a condição humana².

aqui o corpo vive outros desamparos.

aqui ausência não é sinônimo de comunicação.

o apelo e a clemência muitas vezes são o silêncio e a ira.

por vezes o abandono é sinônimo da morte de alguém,

do abandono mesmo, da prisão...

o espaço da fantasia preenchido pelo excesso de realidade.

viver é sobreviver. fabricação de sobrevidas³.

a cada passo,

uma nova peça de um confuso

e traiçoeiro quebra-cabeças.

conexões, regras, ordens e logísticas nada óbvias.

os encaixes conversam entre si,

ainda que emitam aparente independência,

há um sistema de costuras

regrando as existências⁴.

a cidade e suas camadas.

profundezas. superfícies. artífices.

histórias. recantos.

histórias e apagamentos.

histórias repetidas a serem recontadas em outras línguas⁵.

¹ Fanon *apud* Mbembe, 2018 [2003], p. 41

² Kilomba, 2019 [2008]

³ Rosa, 2002; Rosa *et al.*, 2017

⁴ Peres, 2009 [1987]

⁵ Kilomba, 2019 [2008]

a cidade e suas estéticas.
a beleza como sinônimo de organização.
o centro-gentrificação a todo tempo encarcerado pela ordem do controle
– ainda que jamais se deixe apreender na ordenança¹.
a favela, olvidada.
onde a estética do caos toma as rédeas do crescimento-empilhado
e é tornada o argumento para o medo de uma fuga do controle².

a estética da arte permanece na cidade.
a estética do caos, da sujeira e mal agouro, na cidadela.
na margem. nos entulhos e containers da cidade.

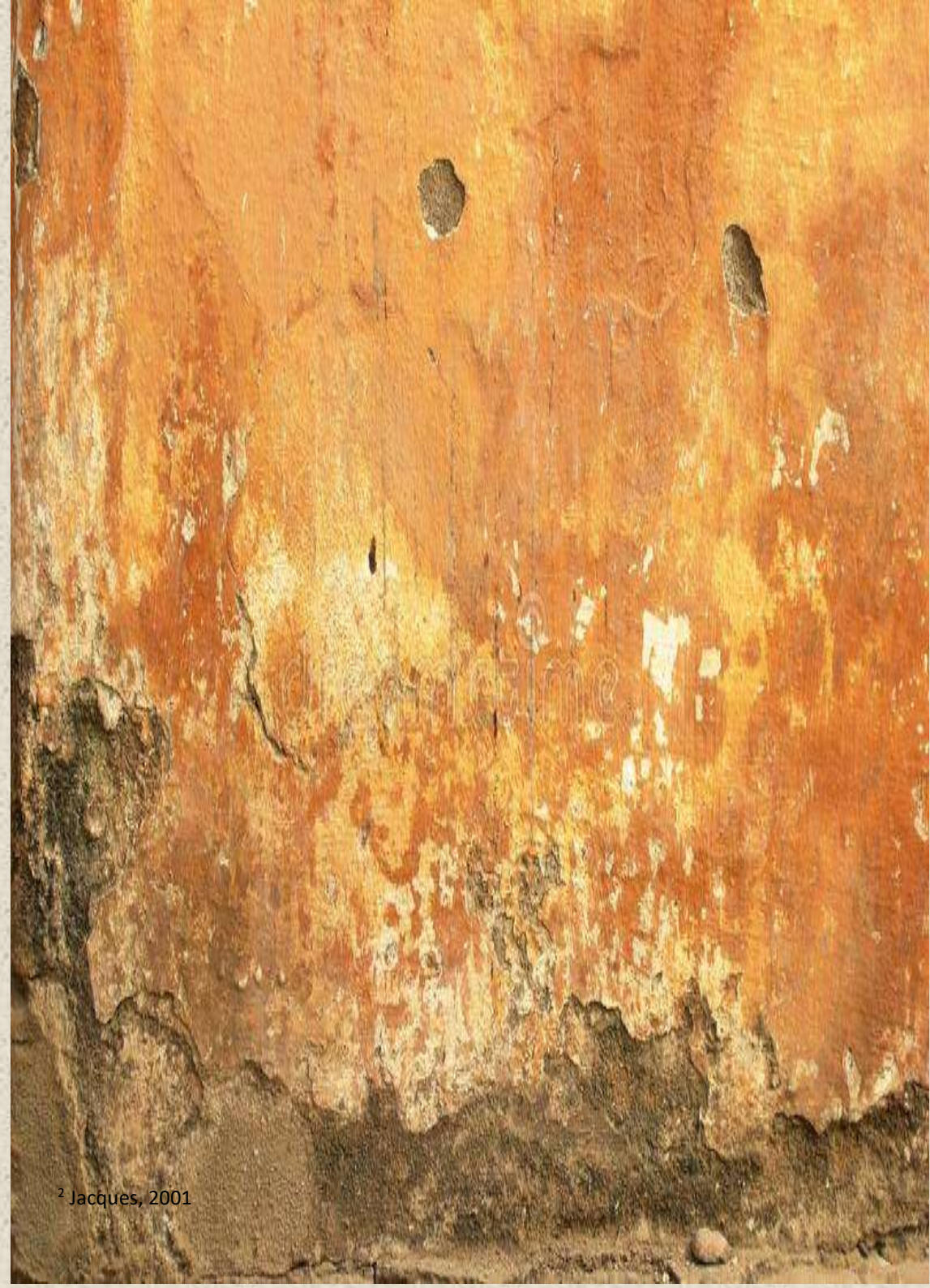
favela e cidade como o dentro e o fora.

da urbanização.
da civilidade.
da humanidade.
da vida.



¹ Flach, 2016

² Jacques, 2001



Cidades sem fio / Cidades in vitro¹

tem alguém vindo?
tem alguém ouvindo?



¹ Pintura de Norris Yim, 2020

Cidades quarentena

tanto o objeto da reverência como o da repugnância são sempre mantidos à distância¹

terra sagrada.
nome de santo.
monte olimpo. semente de horizonte.

da igreja. dia

dia da escola.

do posto. dia

dia da visita.

dia da penitência.
todo dia é dia de alguma coisa.

guerra infinita pela paz e plenitude.
certo.
justo.

na busca da harmonia,
umas quantas baixas no caminho.

o sagrado sacrifício.
o preço do destino
o nome do inimigo².

os intocáveis

Cidades Beldroega³

mato sujo. erva-daninha.
ceifa. corta. poda. assola.
inço. ranço. mal-cheiroso.

não fosse ela, estaria tudo bem.
não fosse a insistência.
não fosse os olhos de carência.
não fosse a fala diferente.
não fosse a economia.
não fosse a prática de assistência.
não fosse o político molusco.
não fosse o povo pobre.
não fosse o palhaço.
não fosse a concentração do ouro.
não fosse a ignorância.
não fosse a vaidade.
não fosse o pecado.
não fosse a desigualdade.
não fosse o vento forte.
não fosse a tempestade.
não fosse a gentrificação.
a globalização.
a revolução.
a desorganização.
a ação.

não fosse ele.

não fosse eu.

¹ Kluger *apud* Maldonado & Cardoso, 2009, p. 48

² Mbembe, 2018 [2003]

³ Kinupp & Lorenzi, 2017

Cidades a.la.rmadas

soa o assovio
e é o silêncio que agora
faz rugir a deserção.

a chuva,
que chegou sem avisar,
denuncia as rodas enlameadas
ganhando terreno ao longo dos estreitos alambrados
desapossados de desistentes existências.

camburão. sirene.
o mudo giroflex analisando
o território como a um sonar
fiscalizando entidades estrangeiras.

o radar
avermelha meu rosto pálido.
“tá perdido? aqui é perigoso”.
antes mesmo da resposta,
o tanque disfarçado
retoma a progressão
chafurdando em meio ao farejo.

voz e som quase dispensados,
como em atos de cinema mudo.
com falas e imagens já faladas.

a chuva aperta
e um novo assobio vibra junto de um “tá limpo”.
a vida volta a aparecer entre a música avizinhada,
cheiros de cachorros retomando o chão-calçada-estrada
de terracota, argila e lamaçal.

o próprio perigo andava armado
em proteção às suas próprias ameaças.
no rastro da sombra persecutória.

o opressor torna-se oprimido e o oprimido, o tirano¹.

em uma mesma rua,
elementos disfarçados
reconfiguram a todo instante
as noções de bem-estar.

um alarme a qualquer hora.
perseguição.
furto do existir.
uma subjetivação do sobressalto e da aflição.
slogans subjetivantes² de crianças enroscadas entre os vários
desamparos
logo na infância.

o que e qual infância?

ao sinal, policial.
chubarada, nem só a do céu.
tráfego no tráfego.
helicóptero. avião. aviãozinho.
carro. carroça. caminhão.

o imprevisível da cidade é aqui remodelado.
o perigo, ressignificado.
quem é o inimigo?
quem tem direito à voz?
segurança. seguro. assegurado.

*diferente, incompatível, conflitante, estranho e incomum³.
rejeição, ódio, despossessão⁴.*

¹ Kilomba, 2019 [2008], p. 34

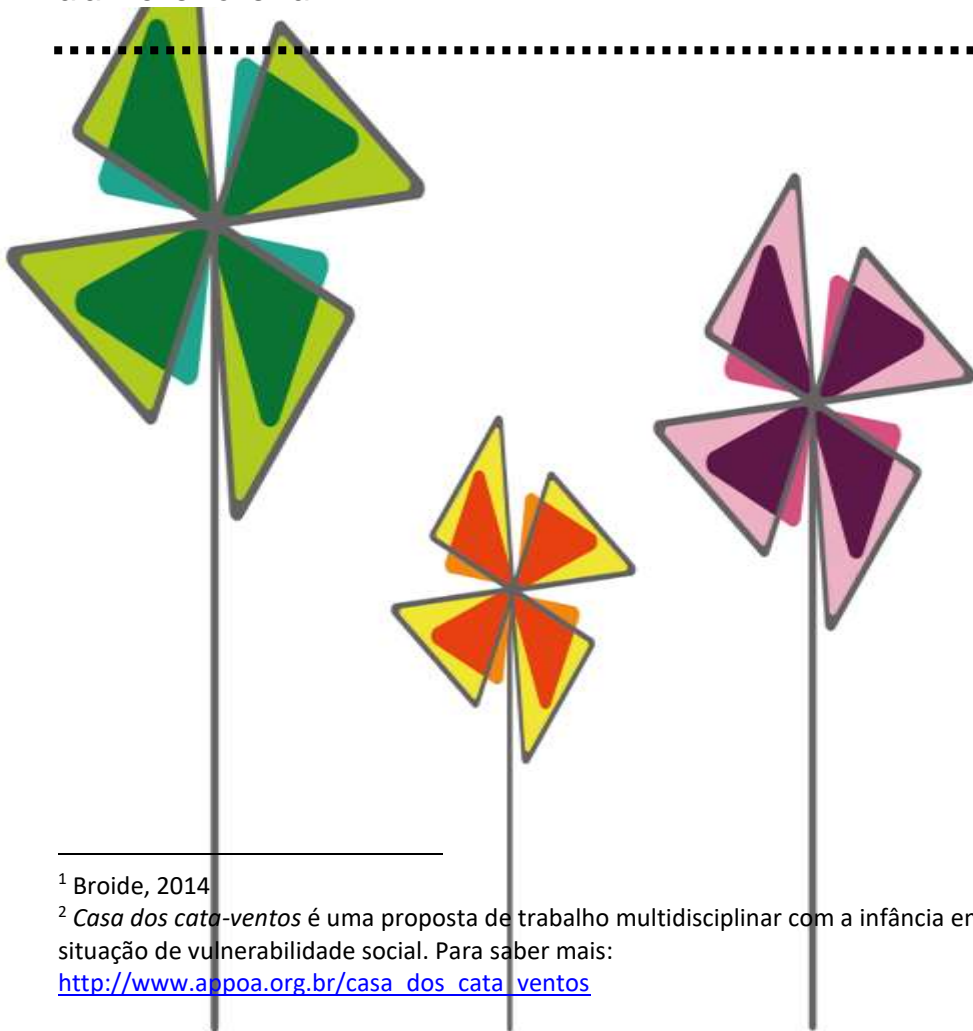
² Mbembe, 2018 [2003]

³ Kilomba, 2019 [2008], p. 40

⁴ Rosa, 2002, p. 9

espaço desurbanizado
com o senso contabilizado
em número de desaparecidos.
habitantes computados pelo negativo.

número de camas, lâmpadas, banheiros.
casa-carro-de-palhaço.
conjunto dos invisíveis.
de graça, sem graça. pela graça.
do Senhor. vossa Senhora. vossa Excelência.
alarme. sino. sina¹.



¹ Broide, 2014

² Casa dos cata-ventos é uma proposta de trabalho multidisciplinar com a infância em situação de vulnerabilidade social. Para saber mais:
http://www.apoa.org.br/casa_dos_cata_ventos

Cidades cata-ventos² / cidades do brincar

nos teus olhos via mares.
nos teus olhos via chuvas.
lágrimas guardadas e poupadas pr'outra hora.
economia de sentires.
onde o tempo é quando.
tempo do acontecer.
o tempo e o vento em devaneio sem conselho.
dizia que o coração era uma caixa de Pandora.
mas quem temia as fantasias se expandirem era ela mesma não
reconhecendo a harmonia sem maestro.
o mundo parava no relance de abertura da fresta enevoadada.
voltava a girar impaciente ao notar a brisa finda sussurrando
o rangido do portal se abrindo ao repouso.
se abrindo ao lugar onde as palavras do brincar
podem transitar por outros mundos³.

veto no sorriso atravessando o cata-vento.
pés descalços na areia entre garrafas e excremento.
por mais forte fosse o vento,
nada rodava as hélices nuançadas de cores grafitadas nas paredes.
a semana tampouco voava a passar.
o furacão de sentimentos carregava os dias-anos.
o portão enferrujado e as janelas em frangalhos davam as vistas de
ruínas da alegria.
escombros de um futuro sem coragem em ser sonhado.
memórias do fuzuê. vistas sem amanhã.
a perfeita imagem do abandono.

uma prisão às avessas. no intragrades, liberdade.

em cada riso. puxão de cabelo. desenho.

³ hooks, 2013

gol. gaguejo. faz-de-conta.
uma maneira de palavrear vivências
e se tentando achar significado em imposições
difícil de ingressar qualquer linguagem¹.
ventos da infância.

nos teus olhos via mares.
nos teus olhos via chuvas.
mas faça chuva, raie o sol, vente forte ou urja o frio.
cata-ventos soprarão diversão.
garantias de sonhação.

tem cata-ventos, tem futuração.

Cidades agachadas

paraliso.
o chão desmonta.
sinto o vento levar minha esperança e meu corpo se unir
às folhas de outono e de jornal rasgado dispostas pelo chão.

morada de beldroega
a casa abandonada rememora os momentos de retorno
do espaço onde o sonho era possível
para a dura realidade do alarme.
o sinal dos ponteiros com o horário
põe em lágrimas as miradas da criança.
chove.
e agora um tanto mais com o choro.
já encharcados, os panos se comovem junto da garota que não mais
poderá fazer de seu conforto aquela casa do brincar.
“aqui se pode falar”².

¹ Broide, 2014

² Pedroso & Sousa, 2014

na vida real, a voz rouca falha
ou não pode funcionar³.
uma violência crescente,
semelhante aos anéis dos troncos de árvores.
o desamparo do nascimento.
o desamparo social.
o desamparo discursivo.
violência da mente, do corpo e da língua.
um assujeitamento ao abandono
e à uma língua podada de expressão⁴.

apesar das muitas vozes em apelo e resistência,
vejo como um sopro incessante a tentar fazer rodopiar
o cata-vento grafitado na parede da casa agora também
abandonada.

nada faço e me sinto asfalto por onde passam os sujeitos-carro-
forte,
blindados contra o mundo.
amassado. atropelado e pisoteado,
escorrego rua abaixo nos resquícios das águas-corredeiras de
aflição
deixadas por beldroega como migalhas de pão incoletáveis.
o caminho do exílio da pertença.

ralado e fracionado,
sou assaltado por imagens recheadas de histórias
de infâncias não sonhadas:
beldroega. despejada.
flor despetalada.
de sua vida era feita o perverso jogo “bem-me-quer”
fadado sempre ao funesto “mal-me-quer”.

casa de infinitas gerações.

³ Braga & Rosa, 2018

⁴ hooks, 2013; Rosa, 2002

abrigo de verdades de família, direitos, honras e desonras.
onde não há nada além de mato, terra e lama, a genealogia
sustenta uma única raiz profunda e forte da ramificada árvore
genealógica:
"aqui é todo mundo primo".
mães de 16 e avós de 33.
família de mulheres adoecidas
e de pais adormecidos em pijamas de madeira.

Cidades encanadas

*Têm compradores
Entre os que trazem os olhos
Vendedores pela imaginação.
Acreditam que
Nós aceitaremos a troca
De nada
Pelo nosso sangue.*

*Nós não traficamos almas,
Mas, se querem, sangue
Por sangue¹.*

um pingo de suor a cada gota de exaspero.
um suspiro de agonia a cada gesto em afonia.
desabafo de alívio nos dizeres de mais um dia.
copo de leite sossegado à cabeceira.
choro em desabafo ao esgotamento do cansaço.
pressão arterial. o fluxo é alto e o desmaio a um passo em falso.
militância dos joelhos em resistir a desabar.
excessos de uma vida dolorida².

¹ Pimenta, 2015, p. 29

² Han, 2017; Mbembe, 2018 [2003]

³ Fonseca, 2017, p. 9

⁴ Mbembe, 2018 [2003], p. 69-70

para para suspirar.

"não é fácil" disse ela.

"não é mesmo" assente ele.

*que pode o corpo diante do que não aguenta mais³?
o presente em si é apenas um momento de visão
– visão da liberdade que ainda não chegou⁴.
uma guerra pelo futuro que jamais virá.
o messias não virá⁵.*

a voz que canta baforadas de cigarro
é o coro que esfumaça a fé na entidade santa.
sentir a vida descarga abaixo.
encanada para o esgoto.
destinada ao nada mais.
ao sabe-se lá onde.
uma solidão do jogo de contrastes
entre o traste do visível
e as hastes discursivas do invisível⁶.

"tem alguém vindo?".
"tem alguém ouvindo?".

o silêncio do planalto.
o esbravejo intempestivo em tempestade do céu⁷.

água na bituca.
luz na gambiarra.
tv é pelo gato.
e o gás tá sempre em falta.

⁵ Han, 2017

⁶ Broide, 2014; Rosa, 2002

⁷ Betts, 2014

internet só na esquina.
não tem sinal, nem vida.
sobrevivência desmapeada.
encanamento, um balde velho, como um barco a mergulhar.
varanda é bicho e lama.
fralda descartável reciclada.
a doença batê à porta.
prazo do remédio expirado.
“a de 9 quer amor, é carente por calor”.
CT batendo a porta, “por que não foi à escola?”.
incenso de excremento.
apelido dos rejeitos.

filho. filha. primo. tia. prima. tio. cunhado. vô. avó. mãe. e dindo.
juca. joca. chica. mica. cica. meca. zeça. mana. gana. vana. e vini.
miscelânea nominal ou misturação filial.
rosto. voz. destino. tudo igual.
“tu[do] perdido como *nói*”
“oh as nóia, meu rapaz”.

tem também os gato, cão, barata, aranha e galo.
mani. mimi. tulipa. dica. emilia. tulio. e banzé.
o galo frederico e a barata luluzita.
a graça da aranha pernoitando o canto escuro da espelunca.
“aqui é tudo primo”.

um outro laço.
um outro cansaço.

nem todos pagam o mesmo preço pela civilização¹.

uma fronteira invisível entre o urbano e a favela.
de um lado morada, asfalto, urbe.

de outro vila, chafurda, deserto povoado.
civilizados e selvagens. à procura da lei e dos direitos.
um muro intransponível entre a cidade e o dejetos.
sobra espaço, sobram sobras.
cidades empilhadas.
colisões de um urbano em desamparo².
empilhadeiras soberanas de viveres empurrados
às cidades agachadas³.
misericórdia e clemência.

do outro lado da ponte, a nave espacial.
um shopping center flutuante quase a fazer sombra com seus cílios
de rubi sobre as telhas de madeiras e tapumes tingidos de fuligem-
rodovia.
uma ilustração pela opressão da imagem das fronteiras
sociais à distância de uma rua⁴.
subjetividade e limites de circulação
dispersos pelas entrelinhas e demarcações
não pintadas no asfalto.
mas assinaladas na epiderme.
barreiras invisíveis que fazem tropeçar.
por vezes, poder atravessar a rua,
é poder habitar um território⁵.
papeis e documentos não garantem pertencimento.

desurbanização⁶.
revitalização de espaços públicos.
reavivar ou desalmar as vidas postas fora que lá se fazem lares⁷?
como se a terra em sua multiplicidade profanasse a pureza do
Olimpo.
afinal, a quem servem cercas, condomínios, micro-cidades
privativas, segurança e acolhimento⁸?
avenidas, pavimentos, fluxo ágil e fortuito.

¹ Rosa *et al.*, 2017, p. 364

² Aguiar, 2003; Negri, 2010

³ Mbembe, 2018 [2003]

⁴ Aguiar, 2003

⁵ Filho, 2016; Mizoguchi, 2009

⁶ Sassen, 2015

⁷ Mizoguchi, 2009

⁸ Lages e Silva & Baptista, 2014

na curva para a vila,
chão batido, calçamento, arapucas e perigo.

conglomerados espelhados
e estádios abandonados
fazendo da cidade um espaço de vigilância e desencontros¹.
o carnaval representando o curto espaço entre papos e bicadas
sob o uso violento da diversidade enquanto festa à fantasia.
desumanização.
bicho-sapiens e os não-sapiens.
decisões vindas de cima
por quem tem teto, estofa e janta.

não bastasse um desamparo social,
os desterrados são também impedidos de falar ou de opinar².
em meio à retirada, um aviso, não uma pergunta.
com a vassoura na mão,
no intuito de fineza diz
“tudo bem se eu pegar a tua casa? a tua sina? a tua vida?”
tudo em prol “do bem maior”.
deixados a morrer ou desejados a morrer³?
afinal, o cheiro, imagem e fala dos expatriados
acabam perturbando os “cidadãos de bem”
e a imagem de utopia da cidade nomeada com alegre.
antes antialérgico alegre do que alegre⁴.

o sofrimento transcende classe.
o desamparo habita a todos.
e a proteção
produz abandonados e devorados socialmente.
que padecem de um mal de nada ter ou poder ser⁵.
os logrados pela utopia,
são carregados e acorrentados
ao achar que um dia o shangri-lá será sua casa

¹ Mizoguchi, 2009; Sassen, 2015

² Rosa, 2002

³ Mbembe, 2018 [2003]

e que as penúrias da calçada lhes impedem de acedê-lo,
lhes impedem de sonhar e, por isso, não se devem deixar notar
os outros desamparos.

tampouco seus papéis enquanto atores desta mesma exclusão

ver. sentir.

negação e exclusão.

sobreviver. viver.

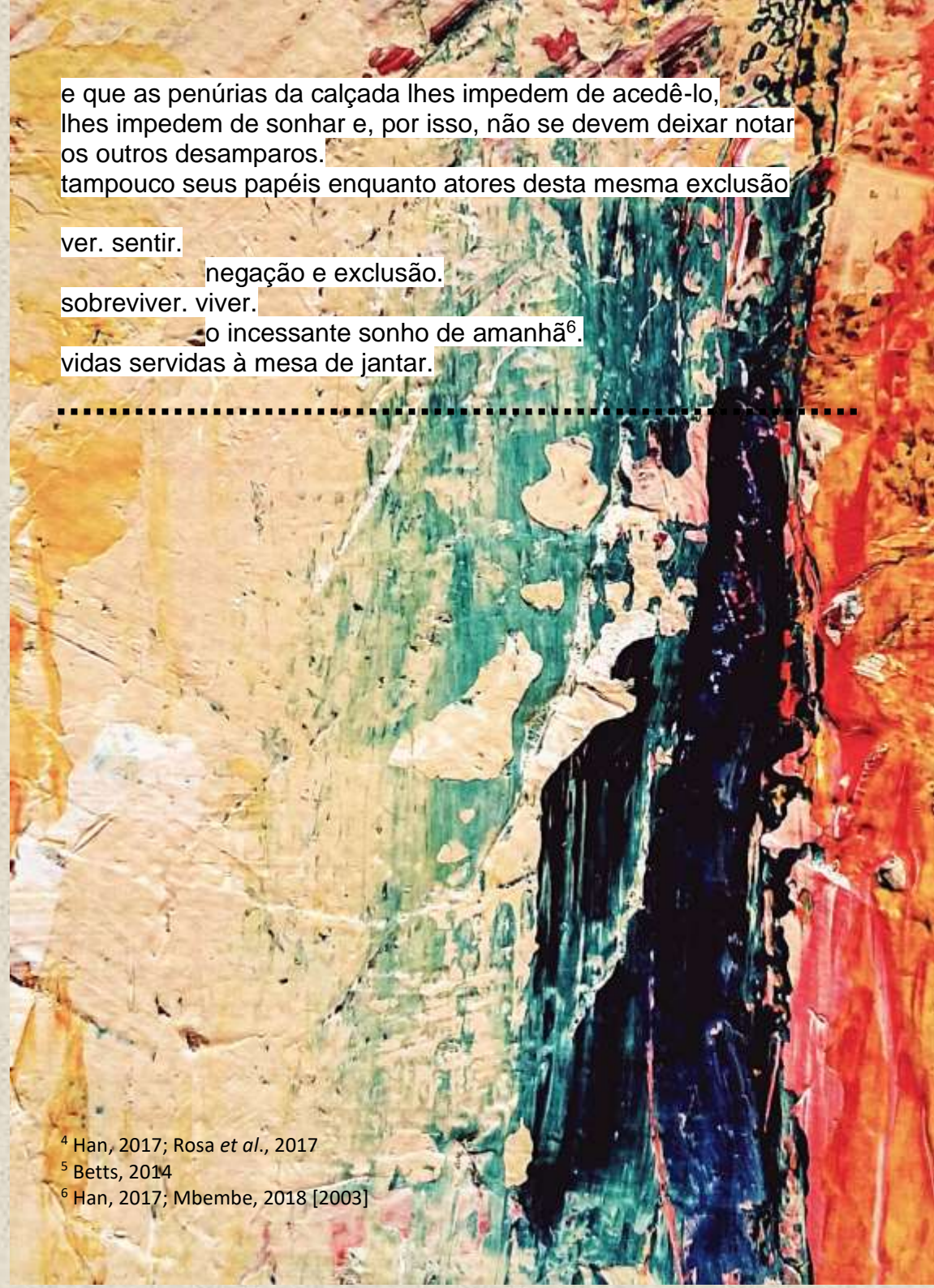
o incessante sonho de amanhã⁶.

vidas servidas à mesa de jantar.

⁴ Han, 2017; Rosa *et al.*, 2017

⁵ Betts, 2014

⁶ Han, 2017; Mbembe, 2018 [2003]



Cidades esgotadas¹

o céu, há horas carregado,
se faz surpreender ao desatar em longas e pesadas lágrimas em rajadas.

era como estar abaixo de uma cachoeira-guilhotina
que parecia picotar tudo o que encontrava à sua frente.
não havia guarda-chuvas que suportasse
imensa violência dessa natureza tomada pelas ganas.

nos córregos do meio-fio,
um barquinho de papel navega quase soçobrado
como se estivesse sossegado em meio à ira dos canais.
sigo, a passos largos, sem entender por que sigo me importando em
não me importunar com as poças agitadas, já que estou por inteiro
encharcado.

sinto como se descesse mil escadas ao entrar no estreito beco
enlameado.

os pontilhados acúmulos de água no asfalto
tornam-se autênticas lagoas de doenças e descartes
ao ingressar o chão de terra avermelhada.
um gêiser sem turismo, mas que faz jazer.

inconformado com o frio dos pés molhados,
tento entender a permanência de crianças
vestindo os pés descalços nas piscinas de barro
e insalubridade.

bermudas enxutas e torso aberto.

o caráter desumano é descrito como em um livro
de folhas ensopadas
com as tinturas borradas
ao esbugalhar os olhos frente às casas que bamboleiam
junto ao vento

movimentos de vai-vem
nas cachoeiras vindas do alto pavimento¹.
medo e desamparo inundando o enlodo.
quem cuida dos descuidados?

o beco. a boca. a boca-de-lobo.
o beco que breca a inundações com sua própria boca.
a boca é enchida de lodo.
a boca suprimida de dizer.
o boca-a-boca que percorre as bocas que suprimem
e definem um espaço a ser cuidado.
bocas que não cuidam das bocas.
bocas não cuidadas, marginalizadas,
que tomam as vias de cuidar das bocas desbocadas.
bocas desbocadas chamadas de violentos comentários
desbocados².

no silêncio. no grito abafado. há sujeito³.
há sujeito expurgado de direitos
e culpado pelos próprios defeitos
por discursos agressivos de culpabilização⁴.
os malogrados meritocráticos de orações pecaminosas⁵.

uma cidade construída e construtora de desamparo⁶.
sujeitos-habitantes-para-raio.
ilustrações da ameaça de estar posto fora da civilidade.
sustentáculos do discurso sufocante da alienação.
a terra santa abandonada que sustenta os perigos da conformidade
do asfalto.
uma vitrine de humanos estampando distopias no real da
existência⁷.

¹ Recorte de cena do filme Parasite, de Joon-Ho, 2019

² Broide, 2014

³ Rosa *et al.*, 2017

⁴ Braga & Rosa, 2018; Rosa, 2002

⁵ Han, 2017

⁶ Filho, 2016; Mizoguchi, 2009

⁷ Flach, 2016; Mizoguchi, 2009

no piche, pichação.

a linguagem do possível em marcações de uma língua vandalizada por palavras ameaçadas que violentam o dizer do inenarrável. o necessário a compreender em um discurso que aborda o sujeito em um território desejado de sacadas e coberturas de prédios embelezados.

na pichação, o traço de realidade muitas vezes ocultado nas vitrines cor-berrante entre as buzinas de um tráfego incessante e ofegante¹.

como o desejo, a língua rebenta, se recusa a estar contida dentro de fronteiras².

as chuvas de água. balas. ou palavras. determinam geografias e moradias. urbanas, simbólicas e psíquicas³. molham. fazem rios. hemorragias. mostram e determinam quem pode viver. definem vida e morte⁴.

hierarquizam, com a violência, *quem pode falar⁵*. invertendo a regra básica da palavra em sala de aula, onde levantar as mãos é receber a permissão para falar.

narrativas impossíveis, mas necessárias⁶.

¹ Idem, 2016; Maldonado & Cardoso, 2009

² hooks, 2013, p. 223

³ Aguiar, 2003

⁴ Mbembe, 2018 [2003]

Cidades condenadas

A morte, nesse caso, pode ser representada como um ato deliberado, já que a morte é precisamente aquilo pelo que e sobre o que tenho poder. Mas também é esse espaço em que a liberdade e a negação operam⁷.

não sabia o que escrever.

então decidi costurar algumas letras e brincar de costureiro de palavras.

escrever é fazer colheita de flores em campo minado⁸.

o nome monta e some.

afeto sem nenhum fato.

passo, com a agulha, emendando os meios-fios.

procurando a ligação entre os caminhos de rua sem destino,

povoados de buracos, obras e cavaletes de perigo.

errância em versos curtos. em cantos a cappella.

nas ruas, melodias. na voz, murmúrio tímido.

pessoas de papel: documentadas, numerais.

ligação. assinatura.

apaziguamento conflituoso.

aflita, a tua confusão me afligia.

um coro sem decoro, de bochechas coradas,

coroou o dia rubro de vergonha dos andares remansados.

entre o mato e o asfalto

nenhuma aparente ligação.

de um lado,

condomínio planejado. hermético. panotípico.

além da cerca sem grades,

aleatoriedade labiríntica comum.

estética do fazer com os restos do outrem.

⁵ Kilomba, 2019 [2008], p. 52

⁶ Maldonado & Cardoso, 2009, p. 45

⁷ Mbembe, 2018 [2003], p. 70

⁸ Dias, 2017, p. 3



¹ Fotografia de Henry Do, 2020

² Jacques, 2001

³ Broide, 2014

⁴ Rosa, 2002, p. 1

casas objeto de colecionadores de quinquilharias²
e quiçá de fotografias fruto de premiações.
mas não há nada de interessante em viver a realidade bruta das
imagens.

a concomitante demarcação de território perigoso
nos mapas virtuais.

em aplicativos e em rotas de GPS
a recalcular trajetos mais seguros.

o afastamento dos acessos.

longe de retornos.

longe de transportes.

longe de escolas.

longe de hospitais³.

longe *do acesso aos recursos institucionais*
*organizadores da vida social*⁴.

um desamparo nunca superado pelo laço social.

um laço outro.

com apelo sem retorno.

abandono.

com sufoco pelo entupimento dos ouvidos

com discursos sobre o impossível do viver
desde o ato do nascer⁵.

nascer sem jamais vir a ser sonhado⁶.

um desamparo que funda o psiquismo.

outro que picota a possibilidade de buscar o laço social.

a dúvida sobre o ser-não-ser dessa cidade

resolvida pela identificação ao nome dado ao bairro/vila/beco ou
ruela⁷.

nomes produtores de reações

⁵ Rosa *et al.*, 2017

⁶ Rhoden, 2017

⁷ Broide, 2014

em onomatopeias de escárnio.
como se vir da favela fosse atestado de subumanidade.
um passo além ao desamparo até então abordado.
a porta de possibilidades, aqui é a entrada para outros arcabouços
do viver.
porta-logro de armadilha presa ao pescoço desde o nascimento
por fatores há muito dicionarizados como
a figuração de dor, abandono e sofrimento.
classe. cor. gíria. gingado. cabelo. roupa.
acessos diferentes.
acessos sempre em contramão.
barreiras invisíveis demarcadas pela imagem impossível de ser
ignorada.
uma política social conflagrada pelos corpos que,
com muito esforço,
tentam respirar¹.
tentam contentar-se em sobreviver.
uma redução residual do ser humano².

a relação de vida e morte
configurada pela espera alarmante
do acidente ou tropeço para a morte.
*“entre morrer de fome e morrer de barriga cheia,
acho que prefiro de barriga cheia,
que de fome não dá, né?”*³.
a escolha é de *como* morrer.

na ausência do amparo,
uma busca em quem talvez proteja
dos guardiões da civilidade demarcada⁴.

“quem aqui nasce ou é traficante
ou mora na cadeia

ou ganha passagem só de ida ao cemitério”,
diz a criança sentenciada
a um conformismo com sua vida,
definida antes mesmo de acordar.
“aqui, o filme de terror é a semana inteira”.

*penso conhecer bastante o sofrimento físico.
mas o pior de tudo é sentir a alma morrer...*⁵

território violento.
ao corpo. à mente.
território violentado.
assujeitado.
arrancado de pronomes pessoais.
depredado de cordas vocais.
definido de antemão por violências simbólicas
a viver uma vida de atributos marginais.
desejar a coca-cola, iphone ou tênis nike
é a tentativa agressiva de ingressar pelas fronteiras
da definição de cidadão⁶.
é a via que o desejo encontra em sua
efêmera satisfação em meio ao culto à dor⁷.

onde a voz pode tomar cor.
na arte. exposição. ira. revolta. indignação.
ou mesmo no riso. conquista. ações afirmativas. publicação.
volta a tentativa de fazer nu aquilo que recobre o pouco que restou
de uma individuação⁸.
uma *fragilização das estruturas discursivas que suportam o vínculo
social*⁹.

¹ Mizoguchi, 2009; Rosa, 2002

² Flach, 2016

³ Soares, 2020, 0:04:52

⁴ Broide, 2014

⁵ Peres, 2009 [1987], p. 144

⁶ Betts, 2014; Rosa, 2002

⁷ Flach, 2016

⁸ Kilomba, 2019 [2008]

⁹ Rosa, 2002, p. 2

o recanto do sufocamento e do abandono.
a cidade do desamparo.
psíquico.
social.
e discursivo.

sizígia emocional.

Cidades es.coadas

faz de conta que eu escrevo e faz de conta que tu lêes.
finge que entendes e agora eu era escritor.
poeta. pateta. perna bamba e jeito cru.

disseram que escutavam a minha voz nas letras tortas.
liam vendo o lápis escrevendo desenhado.
um espetáculo com os “selvageados”.
luta de gladiadores em meio ao obsceno coliseu.

é preciso tempo.
tempo demais.
tempo de paz.
tempo de respeito e de abrir mão de pré-conceitos.

gravidade, uma vaidade.
balão a gás.
sem hélio nem maria.

o refrão da contramão, sem sentir contradição.
afirmado, na cidade, um coração de afinidade.
afinal, por que interrogar o que se move sem grandes
conturbações?
como o engarrafamento normalizado das 18h


pela repetição diária e sem solução.

agonia da abadia numa reza distraída.
investida ou prevenida.
no espelho, um bedelho.
de mentira ou de brinquedo.
coisa séria esse pandeiro.

olha só, o teu excerto.
não tem bordas nem pretexto.
agradeço teu empenho, mas dispenso os teus conceitos.

eles me emudecem.
classificam meu estar.
manualizam meu viver.
tentam padronizar o meu dizer.

agora eu era cantor e tu fingias escutar as minhas canções.
se apropriavas das minhas dores.
perguntavas por que eu não saia dos confrontos.
e respondias que era porque eu não queria.
agora eu era humano e tu fingias me deixar poder também ter
alegria.



Repetidas invasões alfigiram a cidade [...] ao longo dos séculos de sua história; para cada inimigo desbaratado, surgia um novo que ameaçava a sobrevivência dos habitantes. Depois de expulsar os condores do céu, foi necessário enfrentar a proliferação das serpentes; o extermínio das aranhas permitiu que as moscas se multiplicassem [...]; a vitória sobre os cupins deixou a cidade à mercê das traças. Uma a uma, as espécies incompatíveis com a cidade sucumbiram e foram extintas. Graças à fúria de dilacerar escamas e cascos, de arrancar élitros e penas, os homens deram [à cidade] a imagem exclusiva de cidade humana que ainda a caracteriza¹.

¹ Calvino, 2003 [1972], p. 152

Perguntas para os fins do mundo

escrevi uma carta breve neste lenço de papel.
como nesses filmes que deixam algo para ser achado.
achei indelicado, mas senti num golpe incauto a profusão de sentimentos a jorrar nos dedos sóbrios.
ébrio de valores, me despi em desamores. declarando afinidades e pintando amenidades.
imbuído em dissabores, descobri grandes amores.
ardores incinerados inauguraram chamas enamoradas.
me enganei e achei ser abjeto.

esquecia que a avenida aferia harmonia. só. a via. na calçada. costurando os ladrilhos.
a vila vinha e via vilania em cada vão. nos vãos da metrópole.
nas desatenções cotidianas.
no acúmulo de espelhos a manter as atenções,
ignorando a cor do céu
e a cor dos humanos sobre a terra.
plantas, as de construção.

para além disso,
o medo.
de algo há muito esquecido.
mas nunca despedido.
apenas rescindido
no ato de esquecer também aos outros.

e, por vezes, a si mesmo.

hoje esqueci nomes.
endereços.
afazeres.
dilemas.
datas.
atas.

atei.
busquei gazes.
para descobrir
que precisava costurar
e não curar.

me faltavam linhas
para escutar.



há histórias tão verdadeiras que às vezes parecem que são inventadas ¹

¹ Barros, 1996, p. 69



LISTA DE CONTATOS / REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aguiar, D. V. de (2003). Colisões urbanas: continuidades e descontinuidades. *Arquitextos*, n. 032.07. Recuperado em 30 de janeiro, 2020, de <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.032/718>.

André, J. (2001). Entre angústia e desamparo. *Ágora*, v. 4, n. 2, p. 95-109.

Apanhador Só (2013). Rota [Gravado por Alexandre Kumpinski, Felipe Zancanaro e Farnão Agra]. *Antes que tu conte outra* [CD]. Porto Alegre: independente.

Ariel, M. (2019). João Gilberto ou como sair do tempo. *Antologia poética – revista Cult*, n. 2, p. 54.

Assumpção, C. de (2020). *Não pararei de gritar*. São Paulo: Companhia das Letras.

Barros, M. de (1996). *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record.

Bataille, G. (1980) . *Documents : Georges Bataille* (5a ed., R. R. T. Filho & J. C. M. Barbosa, Trad.). Florianópolis: Cultura e Barbárie. (Obra originalmente publicada em 1929-1930).

Besset, V. L. (2002). Angústia e desamparo. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v. 2, n. 2, p. 203-215.

Betts, J. (2014). Desamparo e vulnerabilidades no laço social – A função do psicanalista. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 45-46, p. 9-19.

Briveira, R. (2017). *Deve ter fim*. Ananindeua: Edições ¼.

Broide, J. (2014). *A transferência e o território: algumas considerações*. Em: Jorge Broide e Emília Estivalet Broide (Orgs.), *A psicanálise em situações sociais críticas: metodologia clínica e intervenções* (pp. 62-78). São Paulo: Editora Escuta, 2014.

Calvino, I. (2003). *As cidades invisíveis*. Rio de Janeiro: O Globo. (Obra originalmente publicada em 1972).

Campos, A. de (2016). *Antologia Poética – Poemas Escolhidos*. Lisboa: Bertrand Editora, Lda.

Cevasco, M. E. (2018). Como pensar a mudança hoje?. *Fantástika*, v.1, n. 1, p. 9-18.

Chiao, F. (ilustradora) (2018). Nova Iorque. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bjpg5E4HfIG/>.

Colassanti, M. (1985). *Eu sei, mas não devia*. Em: Reunião técnica sobre recursos institucionais na formação profissional. São Paulo: Cenator. Recuperado em 02 de junho, 2020, de <http://www.projeto.unisinos.br/humanismo/antropos/naodevia>.

Comitê Invisível (2016). *Aos nossos amigos*. São Paulo: n-1 edições.

Corazza, S. M. (2010). Introdução ao método biografemático. Em: *Vidas do fora: habitantes do silêncio* (pp. 85-108). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Correia, S. (artista visual) (2020). *Homem brincando de ser, só*. São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAGupsJJNYx/>.

Correia, S. (artista visual) (2020). *Homem face a face com o abismo*. São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAyeDbyJmw6/>.

Correia, S. (artista visual) (2020). *Homem na corda bamba entre dois corações*. São Paulo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBMJAp-pJ0a/>.

Costa, L. A. & Fonseca, T. M. G. (2013). Cidades sutis: dispersão urbana e da rede de saúde mental. *Psicologia & Sociedade*, v. 25, n. spe. 2, p. 21-30.

Costa, L. B. da & Fonseca, T. G. (org.) (2010). *Vidas do fora: habitantes do silêncio*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Costa, L. B. da (2010a). *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Costa, L. B. da (2010b). *O destino não pode esperar ou o que dizer de uma vida*. Em: *Vidas do fora: habitantes do silêncio* (pp. 47-70). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

CYC (fotógrafo) (2018). [sem título]. Tokyo. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bkc_6dkluY1/.

Deleuze, G. & Guattari, F. (1999). *Mil platôs – capitalismo e esquizofrenia, vol. 3*. Rio de Janeiro: Ed. 34. (Obra originalmente publicada em 1980).

Deleuze, G. & Guattari, F. (2015). *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Obra originalmente publicada em 1975).

Deleuze, G. (2011). *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34. (Obra originalmente publicada em 1993).

Dias, B. (2017). *Névoa e assobio*. Belo horizonte: Relicário.

Do, H. (fotógrafo) (2020). *The Urban Gardens of Copenhagen*. Copenhagen. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B8RfVSdo1uE/>.

Engenheiros do Hawaii (1991). Ando Só. *Várias Variáveis* [CD]. São Paulo: BMG

Esposito, R. (2011). Inmunidad, comunidad, biopolítica. *Las Torres de Lucca*, n. 0, p.101-114.

Faria, D. (2016). *Explicação das árvores e de outros animais*. Belo Horizonte: Chão da Feira. (Obra originalmente publicada em 1998).

Filho, C. A. C. (2016). A subjetividade, o Fora e a cidade: repensando o sujeito, o espaço e a materialidade. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 28, n. 2, p. 242-251.

Flach, G. A. (2016). *Sobre containers e medianeiras: Intervenções urbanas e subjetivações limiars*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

Fonseca, T. G. (2010). *Vidas do Fora e a escrita de um mundo incontável*. Em: *Vidas do fora: habitantes do silêncio* (pp. 23-46). Porto Alegre: Editora da UFRGS.

Fonseca, T. G. (2017). O destino não pode esperar: apontamentos sobre a inelutável improrrogabilidade. *Revista Pólis e Psiquê*, v. 7, n. 1, p. 6-24.

Freud, S. (1996). *Projeto para uma psicologia científica*. Em: *Publicações pré-Psicanalíticas e esboços inéditos – volume I (1886-1899)* (pp. 165-234). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Obra originalmente publicada em 1895).

Freud, S. (2010). *O início do tratamento*. Em: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnicas e outros textos (1911 – 1913)* (pp. 163-192). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1913).

Freud, S. (2010). *O mal-estar na civilização*. Em: *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)* (pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1930).

Freud, S. (2010). *Os instintos e seus destinos*. Em: *Introdução ao narcisismo: ensaios de matepsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 51-82). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1915).

Freud, S. (2010). *Recomendações ao médico que pratica a psicanálise*. Em: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: (“O caso Schreber”): artigos sobre técnicas e outros textos (1911 – 1913)* (pp. 147-162). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1912).

Freud, S. (2011). *Psicologia das massas e análise do eu*. Em: *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)* (pp. 13-113). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1921).

Freud, S. (2012). *Totem e tabu*. Em: *Obras completas, volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)* (pp. 13-244). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1912-1913).

Freud, S. (2014). *A angústia*. Em: *Obras completas, volume 13: conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)* (pp. 519-544). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1917).

Freud, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia*. Em: *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1926).

Freud, S. (2014). *O futuro de uma ilusão*. Em: *Obras completas, volume 17: Inibição, sintoma e angústia, O futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)* (pp. 231-301). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1927).

Freud, S. (2017). *O chiste e sua relação com o inconsciente (1905)*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1905).

Freud, S. (2018). *Moisés e o monoteísmo: três ensaios (1939 [1934-1938])*. Em: *Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, Compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)* (pp. 13-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1939).

Gaztelo-Urrutia, G. (Diretor) & Juárez, C. (Produtor) (2019). *O Poço* [Filme]. Espanha: Basque Films. Recuperado em 25 de março, 2020, de <https://www.netflix.com>.

Guinoza, M. (designer gráfico) (2020). *chemical dreaming – Isolation Series 58*. Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBlyDezBmZa/>.

Guinoza, M. (designer gráfico) (2020). *the fly – Isolation Series 47*. Santos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CAnYuKrBnAi/>.

Han, Byung-Chul (2017). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Hofstetter, K. (artista) (2019). [sem título]. Berlim. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BtGSoCbFegL/>.

Hollanda, Chico Buarque de (1976). *Meu Caro Amigo. Meus caros amigos* [LP]. Rio de Janeiro: Universal Music Ltda.

hooks, b. (2013). *A língua*. Em: *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (pp. 223-233). São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.

Hustwit, G. (Diretor/Produtor) (2011). *Urbanized* [documentário]. Estados Unidos: Oh You Pretty Things/Film First. Recuperado em 02 de abril, 2020, de <https://www.ohyouprettythings.com/free>.

Huxley, A. (1979). *Admirável mundo novo*. Porto Alegre: Editora Globo. (Originalmente publicado em 1932).

Jacob, I. F. (2020). *Sair de cena*. Lisboa: não (edições). Recuperado em 17 de junho, de 2020, disponível de <https://www.instagram.com/p/CBgdlyMJOCn/>.

Jacques, P. B. (2001). *Estética da ginga: a arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

Jooh-Ho, B. (Diretor/Produtor) (2019). *Parasita* [DVD]. Coreia do Sul: PANDORA FILMES.

Kaur, R. (2019). *O que o sol faz com as flores*. São Paulo: Planeta do Brasil. (Obra originalmente publicada em 2017).

Kilomba, G. (2019). *Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó. (Obra originalmente publicada em 2008).

Kinupp, V. F. & Lorenzi, H. (2017). *Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas*. São Paulo: Instituto Plantarum de Estudo de Flora. (Obra originalmente publicada em 2014).

Konder, L. (2009). *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Edição popular. (Obra originalmente publicada em 1977).

Lacan, J. (1998). *A Significação do Falo*. Em: Escritos (p. 692-703). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra originalmente publicada em 1958).

Lacan, J. (2008). *O Sujeito e o Outro (I): A Alienação*. Em: Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise 1964 (pp. 199-210). Rio de Janeiro: Zahar. (Obra originalmente publicada em 1986).

Lages e Silva, R. & Baptista, L. A. S. (2014). Primavera urbana: a ilha deserta interroga as multidões. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. spe., p. 25-35.

Landi, E. C. & Chatelard, D. S. (2015). O lugar do analista e a ética do desejo. *Tempo psicanalítico*, v. 47, n. 2, p. 156-170.

Lins, Cícero (2017). *A Cidade*. Cícero & Albatroz [CD]. São Paulo: Sony Music.

Lins, Cícero (2017). *A Grande Onda*. Cícero & Albatroz [CD]. São Paulo: Sony Music.

Lins, Cícero (2020). *Esquinas*. Cosmo [CD]. Cícero.

Lobo, R. (2020, 1 de Abril). A mente em tempos extremos | Christian Dunker | Papo na cozinha [vídeo]. Vídeo postado em <https://www.instagram.com/p/B-dWZHMnbUm/>.

Madeira, M. & Moschen, S. (no prelo). *Carta ao pai: um desamparo menor... menormenor... enorme*. Em: J. Damico; P. Reyes & E. Rodrigues, *Clínica menor e outros ensaios minoritários* (no prelo).

Madeira, M. (2018). *Ausentes*. Porto Alegre: Diadorim Editora.

Madeira, M.; Robert, P. P. & Kupermann, D. (2015). Subjetivação do corpo: entre devoração e abandono. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 62, n. 2, p. 75-90.

Maldonado, G. & Cardoso, M. R. (2009). O trauma psíquico e o paradoxo das narrativas impossíveis, mas necessárias. *Psicologia Clínica*, v. 21, n. 1, p. 45-57.

Mbembe, A. (2018). *Necropolítica: Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições. (Obra originalmente publicada em 2003).

Meireles, C. (1976). *Poesias Completas*. V.7 I/Poemas II. Ed. Civilização Brasileira.

Menschikov, A. (fotógrafo) (2012). Disponível em: <https://www.pinterest.pt/pin/419749627744085125/>.

Mizoguchi, D. H. (2009). *Segmentariedades: passagens do Leme ao Pontal*. São Paulo: Plêiade.

Molina, S. E. (1996). *O bebê na estrutura especular: o corpo e a linguagem*. Em: Escritos da Criança – volume 4 (pp. 47-52). Porto Alegre: Centro Lydia Coriat.

Monte, Marisa (2006). *Infinito Particular*. *Infinito Particular* [CD]. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil.

Mumford, L. (1998). *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1961).

Negri, A. (2010). Dispositivo metrópole: A multidão e a metrópole. *Revista Lugar Comum*, n. 25-26, p. 201-208.

Neruda, P. (2015). *Últimos poemas: (O mar e os sinos)*. Porto Alegre: L&PM. (Obra originalmente publicada em 1973).

Nietzsche, F. (2016). *Assim falava Zaratustra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Oliveira, A. A. A.; Resstel, C. C. F. P. & Justo, J. S. (2014). Desamparo Psíquico na Contemporaneidade. *Revista de Psicologia da UNESP*, v.13, n.1, p. 21-32.

Pedroso, A. B. & Sousa, E. L. A. de (2014). A CASA DOS CATA-VENTOS: Uma aposta na dimensão política do brincar. *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 45-46, p. 122-134.

Perec, G. (2009). *A vida modo de usar*. São Paulo: Companhia das Letras. (Obra originalmente publicada em 1987).

Piglia, R. (2017). *Anos de formação: Os diários de Emilio Renzi*. São Paulo: todavia.

Pimenta, A. (2015). *Marthiya de Abdel Hamid segundo Alberto Pimenta: Indulgência plenária*. Belo Horizonte: Chão da Feira.

Pisetta, M. A. A. M. (2008). Considerações sobre as Teorias da Angústia em Freud. *Psicologia, Ciência e Profissão*, v. 28, n. 2, p. 404-417.

Polesso, N. B. (2015). *Amora*. Porto Alegre: Não Editora.

Pucheu, A. (2019). É preciso aprender a ficar submerso. *Antologia poética – revista Cult*, n. 2, p. 54.

Quinet, A. (2012). *Os outros em Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar. (Edição digital).

Resstel, C. C. F. P. (2015). *Desamparo psíquico*. Em: Desamparo psíquico nos filhos de dekasseguis no retorno ao Brasil [online] (pp. 87-104). São Paulo: Editora UNESP. Recuperado em 24 de agosto, 2019, em <http://books.scielo.org/id/xky8j>.

Revista Cult (2020). *Notícias de outras ilhas*. São Paulo: Tarso de Melo (curadoria). Recuperado em 19 de junho, 2020, de <https://revistacult.uol.com.br/home/tag/noticias-de-outras-ilhas/>.

Rhoden, C. (diretor) (2017). *Nunca me sonharam* [DVD]. Brasil: Maria Farinha Filmes.

Rocha, Z. (1999). Desamparo e metapsicologia: para situar o conceito de desamparo no contexto da metapsicologia freudiana. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 26, n. 86, p. 331-346.

Rosa, J. G. (2001). *O espelho*. Em: Primeiras estórias [versão digital] (p. 95-101). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. (Obra originalmente publicada em 1969).

Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Revista de Psicanálise TEXTURA*, São Paulo, v. 2, nº 2, p. 42-46.

Rosa, M. D.; Estêvão, I. R. & Braga, A. P. M. (2017). Clínica Psicanalítica Implicada: Conexões com a Cultura, a Sociedade e a Política. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 22, n. 3, p. 359-369.

Santos, M. I. (2014). A cidade, o arroio, o lago e alguns apagamentos: a observação como processo artístico e espaço crítico. *AusArt Journal for Research in Art*, v. 2, n. 1, p. 90-101.

Sassen, S. (2015, 3 de Setembro). Saskia Sassen – A desurbanização do espaço urbano. Vídeo postado em <https://www.fronteiras.com/videos/a-desurbanizacao-do-espaco-urbano>.

Soares, M. (2020, 3 de Maio). Brasilândia e Covid-19. Vídeo postado em: https://www.instagram.com/tv/B_v81dSDSp1/.

Sousa, E. L. A. de (2000). (A vida entre parênteses) – O caso clínico como ficção. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 12, nº 1, p. 11-19.

Yim, N. (pintor) (2020). *Nameless 3720*. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CA0TjvNfwP/>

Yim, N. (pintor) (2020). *Nameless 4020*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CBD4x_WHKAu/.